

HALU GAMASHI

Conde Vlado

UM ALQUIMISTA EM BUSCA DA ETERNIDADE



Ventos Antigos

Conde Vlado

Um alquimista em busca da eternidade

Halu Gamashi

Conde Vlado

Um alquimista em busca da eternidade

2017



Ventos Antigos

www.VentosAntigos.com

Copyright © 2017 Mércia Celeste Dias da Silva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor ou seus representantes.

G186c

Gamashi, Halu, 1963-

Conde Vlado - Um alquimista em busca da eternidade

Halu Gamashi

2ª edição - Ventos Antigos, 2017

1. Espiritualidade 2. Mediunidade

I. Gamashi, Halu II. Título

CDD: 133.9

CDU: 133.7

Capa

Luciana Morin

Revisão

Patrícia Sotello

Sumário

[Folha de Rosto](#)

[Título](#)

[Créditos](#)

[Introdução](#)

[Os sonhos](#)

[1. Um encontro?](#)

[2. De novo um encontro?](#)

[3. O início de uma confissão?](#)

[4. Predestinação?](#)

[5. Ela?](#)

[6. De novo com Vlado](#)

[7. Os soldados de Vlado](#)

[8. O revés](#)

[9. O Grego](#)

[10. De novo o Grego](#)

[11. Fim?](#)

[Bispo de Aragão](#)

[Carta do Grego para antigos amigos e filósofos da Grécia](#)

[Comentário da autora](#)

[Um Universo no Mundo](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outros livros de Halu Gamashi](#)

Introdução

Enquanto ouvia a fala do Vlado, iludia-me que escutava sem nenhum julgamento ou preconceito. Entendi Vlado por intermédio de Elizabete e pensei neles como os primeiros amantes do nosso mundo, sem parâmetros, sem espelhos, desconhecendo completamente o que acontecia. E entendia porque rompiam todos os limites da individuação: eram totalmente conduzidos pelo instinto, que tomava os seus corpos e sentimentos como regente; eram puros como os animais. E não sei de onde me vem uma certeza, mas esta certeza me vem: eles foram os primeiros amantes do mundo, fundaram a relação amorosa com toda a pureza – só um cego não pode ver isso.

Eram tomados por sentimentos que nunca tinham ouvido falar, não sabiam como conduzir. Eram inocentes e os seus parâmetros eram as mentiras e as máscaras. Onde encontrar, nestes parâmetros, limites que tivessem a força e a envergadura de conduzir a natureza e o instinto para a troca de sentimentos mais sutis? Não, não lhes era possível, não tinham elementos para isso. Eram dois amantes sem conhecimento de freios ou censuras, comandados por um sentimento muito forte que nunca haviam visto em ninguém. Como poderia ser diferente esta história? Eu não sou hipócrita, e a minha total ausência de hipocrisia faz com que os enxergue como os descobridores do amor. Um Adão e uma Eva entre o inferno e o céu, sem a confiança em um Deus que Vlado, mais do que Elizabete, sabia ser uma invenção para domar os homens, o deus da igreja, o Jesus da madeira. Por falta de recursos entregavam-se à única verdade, verdadeira, ditada pelos seus instintos.

A natureza operava neles a sua naturalidade – é assim que sinto e é assim que os vejo. A minha mente volta a compará-los ao que vi nos filmes. Que absurdo! Quanta vulgaridade! Eles não conheciam nem o bem nem o mal, estavam acima ou aquém disso. Eram duas crianças que cresciam aprendendo o mundo por meio dos seus corpos, dos seus instintos e, como eram únicos, precisavam se unir, unificar-se para não serem arrastados pelas correntes paralelas da igreja e da nobreza; aprofundavam e mergulhavam cegamente num amor instintivo, sem nenhum burilamento. E quem os burilaria? Assim como os homens das cavernas, como os canibais, por total inocência da ausência de caminhos, eles fundaram o amor da sua época. Os seus erros? Terem escolhido as suas vidas em detrimento da vida falsa e mentirosa que não lhes dizia nada, ou

aquilo que lhes dizia não era compatível com o que sentiam.

O casamento deles não foi um negócio – acredito que isto era muito raro na Idade Média. Os homens e as mulheres criavam espaços de fora para dentro. Eu conheço histórias; basta pensarmos um pouco sobre como eram os matrimônios naquela época para uma maior compreensão da inocência de Vlado e Elizabete. Escolhiam a única verdade que sabiam para fugir de todas as mentiras endurecidas, mercantilistas e, por que não, capitalistas do cabedal da igreja, da igreja da Idade Média. Eram felizes e infelizes por se permitirem algo novo e diferente do conhecido, como fundadores mesmo, fundadores de uma nova oportunidade, da oportunidade de escolha do amor verdadeiro.

Isso me faz ver o quanto as ordens do mundo são mundanas – não permitem e não constroem um caminho mais sutil para o amor. Se assim é até os dias de hoje, não consigo imaginar como era naquela época! Vejo Vlado e Elizabete em uma espécie de Éden infernal pela ausência de um Deus verdadeiro que os ensinasse a utilizar os seus sentimentos. Vlado não acreditava no coração nem no cérebro; as experiências que ele viveu comprovam o que estou falando. Não acreditava em paganismo, entregara-se a esta experiência com tanto primitivismo que aprendera que não existia, nos pagãos, nos corpos dos pagãos, o que dizia a igreja.

É preciso muita reflexão para entender este homem e esta mulher... É assim que estou agora, puxando as minhas sobrelhas para a frente, procurando com as minhas mãos abrir a minha cabeça para acolher esta história sem impor-lhe os conhecimentos e o refinamento que alguns alcançaram nos dias de hoje. Penso se não há, por aí, pessoas criadas por mentiras que, ao confrontarem com o amor, com o verdadeiro amor, não sofrem mais do que Vlado e Elizabete, sem saber o que fazer com este sentimento, para onde canalizá-lo. Foi assim comigo quando amei. Quando verdadeiramente amei não soube o que fazer com o meu sentimento; nem quando descobri o meu grande e verdadeiro amor por Deus, nem quando descobri o meu verdadeiro amor pela humanidade e, muito menos, e bem menos, o que fazer com o meu amor pessoal por uma pessoa. Não há outra coisa a fazer diante desta história a não ser abrir a minha sinceridade, absoluta honestidade sobre este tema: o amor infernal e celestial ao mesmo tempo. Quando conseguimos miscigená-lo não estamos na instância nem do céu nem do inferno: estamos em uma fronteira que é a primeira reação química e anímica desta mistura. E, para onde vamos agora que temos um céu menos celestial e um inferno menos infernal? Para onde iremos? Para onde a vida ou a força ou a luz nos conduzirá? O que temos de verdade, como parâmetro real, é a licenciosidade debatendo-se com os paradigmas do amor.

Vlado e Elizabete conheciam a essência pura dos seus instintos, sem

nenhum paradigma, sem nenhuma sutileza, mas eu não posso negar que com total inocência. Inocência é a ausência de ciência, de conhecimento, como uma criança que come o próprio cocô, que bebe a própria urina por não permitir que algo seu vá para um lugar que ela não pode acompanhar. E não é fácil estar, como crianças inocentes, com a raiz do instinto fazendo explodir um novo sentimento, desconhecido e amoral por total ausência de reflexo de moralidade. Acredito que alcançará esta história quem puder enxergar Vlado e Elizabete desta forma. Quem quiser questioná-los com os paradigmas da individuação atual errará por trazê-los para um tempo em que não viveram. Como disse, acredito-os fundadores do amor trazido pelo instinto, natural como o fogo que queima, como a água que afoga, como a terra que enterra, como o vento que, muitas vezes, não nos deixa pensar.

Halu Gamashi

Os sonhos

Desde o início dos tempos, o homem sonha. Desde lá, até os dias de hoje, alguns deram importância a essa condição e outros não. Em se tratando dos homens que valorizaram os seus sonhos, com o passar do tempo, a condição de sonhar os levou para camadas muito profundas, e o sonho transformou-se em um talento, em um dom.

Existem camadas dos sonhos nas quais nos encontramos com pessoas que já morreram; e existem camadas em que nos encontramos com seres que estão vivos, geograficamente distantes ou distanciados por uma briga, por uma desavença. Na camada dos sonhos que encontramos com esses seres, as forças motrizes são a saudade, o amor, o ódio e a raiva. Existe, ainda, uma terceira camada: a camada imaginativa, na qual o homem sonha, com a sua imaginação, como seriam as coisas; projeta um futuro imaginário e encontros imaginários também.

Sempre dei muita importância aos meus sonhos, e este livro é sobre um sonho específico que não sei de que camada veio. Eu tenho cá, comigo, as minhas dúvidas e deixarei você, leitor, ter as suas próprias dúvidas.

1. Um encontro?

Em torno do ano 2000, não me lembro direito quando, tive um sonho. Pela força dele e por tudo o que aconteceu a seguir, este foi um sonho ao qual escolhi não dar valor e nem prestar atenção. Não sei por quê, talvez por medo, talvez pela excentricidade. Segue o fato: sonhei que estava em um lugar totalmente escuro, que, para me enxergar, eu precisava me tocar, uma escuridão total. De dentro desta escuridão, ouvi uma voz:

– Você quer me ajudar?

Nada respondi e, de dentro da escuridão, o grito veio mais alto, mais forte e mais urgente:

– Você quer me ajudar?

Saí do torpor e respondi com uma pergunta:

– Quem está falando, por favor?

E tive como resposta:

– Pense, sinta e responda: você quer me ajudar?

Parei e senti:

– Por que você acha que posso ajudar? Se puder, eu quero, mas diga-me você: que condições tenho para fazer o que me pede?

A voz respondeu-me da escuridão.

– Você estuda almas, karmas e darmas, evolução espiritual, chakras, corpo sutil, astrologia e alquimia; é uma alma dedicada a estes estudos e, com os frutos dos seus estudos, você pode me ajudar, tenho certeza!

– Então, vamos lá! Eu quero te ajudar! – respondi, sem saber para quem ou por quê. Por já ter passado por experiências de desmembramentos conscientes e outras tantas pelas camadas dos sonhos, eu não sabia, e nunca soube, se aquilo era um sonho ou um desmembramento. Não sabia sequer se era verdadeiramente um encontro, se eu não estava absorvida pela camada imaginativa da condição de sonhar. Todos estes pensamentos passavam por mim naquele instante.

A voz voltou da escuridão:

– Isto não é um sonho!

– Você está lendo os meus pensamentos?

– Isto não é um sonho e vou lhe provar.

– Com quem estou falando?

– Com um ser que já teve muitos nomes. Mas você pode me chamar de

Vlado, se quiser.

– E quem é você?

– Para que você tenha certeza de que isto não é um sonho, eu lhe responderei quando você estiver acordada. Basta seguir as minhas pistas.

– E como serão estas pistas? Como as identificarei?

– Chamei você porque sei que tem no coração tudo o que estuda e todos os progressos que já conseguiu com o seu estudo. E tenho certeza de que a sua busca não é racional – se fosse já a teria abandonado. A sua busca por verdades vem do estágio mais profundo das correntes do coração. Ouça o seu coração e encontrará as minhas pistas. Se decidir não segui-las é uma escolha sua, mas se quiser me ajudar, socorra as minhas pistas.

Acordei. Uma pena não ter marcado a data deste sonho... Acredito ser um lado meu que não queria se compromissar. Simplesmente abri os olhos e não soube o que tinha acontecido comigo; lembro-me que acordei por volta das dez horas da manhã e geralmente acordo mais cedo. Também me lembro de ter acordado cansada, com o intestino desarranjado e com muita sede. Resolvi contar este sonho a uma amiga e ela me disse:

– Vlado? Só me falta você ter sonhado com o Conde Drácula – e começou a rir.

– Por que você está dizendo isso?

A minha amiga parou de rir:

– Não sei. Acho que porque estudo e leio tudo sobre ele.

Da minha parte nunca havia lido nada. Sempre vi o Drácula, assim como o Batman e o Robin, e o Homem de Ferro, como coisas de gibi. O Hulk e o Drácula, por exemplo, eu achava tão mórbidos que nunca dei atenção. Levantei e fui tomar o café e o meu banho com o sonho pesando na minha cabeça. Sentei no sofá e, realmente sem saber por quê, perguntei à minha amiga:

– E você tem por aí alguma coisa sobre o Drácula?

– Não. Não tenho mais, mas existem filmes na locadora. Você nunca assistiu?

– Não.

– Por quê?

– Pela morbidez. Como é que alguém imagina uma história assim? Ah, não sei... De repente me interessei. Tem filmes na locadora, é?

– Tem. Quer que eu busque para você?

Lembro-me de que era um domingo e que chovia muito e, se não me engano, era mês de janeiro – o que me faz crer nisto é a lembrança de estar de férias.

Voltei para o quarto enquanto a minha amiga foi à locadora ao lado do

prédio em que ela morava. Eu estava na casa dela porque havíamos voltado da praia, o irmão dela tinha um apartamento na Praia Grande, litoral sul de São Paulo, Brasil, e pegamos um enorme engarrafamento; lembro-me do engarrafamento, e era mais perto seguir para a casa dela do que para a minha. É, eu acho que estava de férias sim, mas não poderia ser o ano 2000; relembro, exatamente agora, porque no ano 2000 esta minha amiga já estava morando em Salvador, Bahia, Brasil, mudou-se para lá em 1998, o que me leva a ter, fruto destas conclusões, uma data: janeiro de 1997.

Como disse, fui para o quarto e ela tinha TV a cabo. Deitei na cama e escutei uma voz, não sei de onde, dizendo “liga no canal 65” – é como eu estou falando, é como eu estou narrando –. Liguei no tal canal, vi e ouvi: “A Embrafilme apresenta: Conde Drácula”; e informava que passariam todos os filmes sobre ele, inclusive o filme com Tom Cruise e Brad Pitt, versão mais moderna da época, *Entrevista com o vampiro*. É claro que fiquei impressionada!

Quando a minha amiga chegou com os filmes na sacola eu já tinha começado a assistir o primeiro, a versão antiga. Ela entrou no quarto, olhou para a televisão e olhou para mim:

– O que é que é isso? Com o que é que você está se metendo agora?

– Nada – respondi. Passei todo o domingo assistindo a filmes. Quanto mais assistia, mais mórbida e indulgente eu achava a história. Lembro-me de ter criticado a imaginação dos homens por criar histórias como aquela. Achei um desperdício de tempo e dinheiro, quantas histórias importantes que precisariam virar filme para tornar mais culta a nossa sociedade... Sei lá, fiz um monte de apologias, até que a minha amiga falou:

– E por que isso mexeu tanto com você? Nossa, você está irritada! Se era para ficar assim, por que assistiu os filmes?

– E você me pergunta? Eu lhe conto um sonho forte, que me mobilizou, você vem me falando de Drácula...

– Você não disse que no seu sonho a tal voz intitulou-se como Vlado? Foi por isso: Conde Vlado é um dos nomes do Drácula.

– Vamos encerrar este assunto. Já fomos longe demais, não tenho tempo a perder com isto – eu disse.

Resolvi voltar para a minha casa. Já era noite e o meu último pensamento ao dormir foi: “Será que vou ter outro sonho como aquele?”. Se sonhei, não me lembro. Resolvi ir a uma grande livraria, FNAC, em Pinheiros, que na época tinha outro nome, escolher uns livros para as minhas férias. Antes das dez horas já estava à porta; dei uma volta na pracinha, comprei duas revistas e o café abriu. Resolvi tomar um café e folhear as revistas antes de entrar na livraria. Estava vazio, fui a primeira cliente e, de repente, ouvi um barulho na mesa ao lado, de

um bruto arrastar de cadeiras que chamou a minha atenção. Olhei e vi um homem com mais ou menos 1,90 m de altura; sei que era muito alto, com uma capa preta, uma bota preta, luvas pretas. Estranhei por ser verão, era um dia de calor; eu, por exemplo, estava de bermudas, camiseta e sandália. O homem olhou para mim e eu olhei para ele. O seu rosto era todo tatuado, a tatuagem invadia a cabeça careca, totalmente careca. Um rosto todo tatuado e ele olhou profundamente dentro dos meus olhos, levantou-se e, não sei por quê – ou sei – resolvi segui-lo.

Ele entrou na livraria. Em nenhum momento olhou para trás. Confesso que comecei a sentir medo e disse para mim mesma: “Tomara que ele não olhe para trás”. Ele subiu a escada rolante e eu o segui. Subiu a segunda escada e pensei: “Já contei muito com a minha sorte, vai que este homem olha para trás?”. Resolvi dar um tempo, cinco minutos, e subi as escadas. Por ser muito alto, logo o encontrei, ele estava no corredor, parado na frente de uma estante de livros. Voltou a olhar nos meus olhos. Fiquei sem saber o que fazer, não podia ficar ali parada, tinha que andar para algum lugar. “Mas em direção a ele? Melhor não!”, pensei, e fui para uma outra estante que estava às suas costas. De repente ouvi o barulho de um livro cair no chão, olhei para a frente e o tal homem havia sumido, ido embora. Resolvi ir à estante em que ele estava e o livro que estava caído no chão era *Conde Drácula*, de Bram Stoker. Fiquei com o livro na mão e pensei: “Sincronicidade? Casuísmo? O que é que está acontecendo?”. Lembrei da minha mãe dizendo: “Quem procura, acha!”. Entretanto, eu estava procurando alguma coisa? E, até para esta simples pergunta, eu não tinha resposta. Resolvi comprar o livro, mais do que isso: resolvi procurar o tal sujeito na livraria. Com pressa, comprei o livro e desci as escadas rolantes. Procurei por toda a livraria e não o encontrei. Resolvi conversar com o porteiro.

– O senhor viu um homem alto, de capa preta, com o rosto todo tatuado?

Ainda era cedo e muitos poucos clientes estavam dentro da loja.

– Vi sim. Estranho, né?

– É, eu também achei.

– Fique tranquila, ele já foi embora.

Bem, não era imaginação minha. Peguei um táxi e fui para casa pensando se ia ou não ia ler o livro. Deixei-o ao lado da minha cama. Minutos depois o telefone tocou, era a mesma amiga me convidando para ir a um barzinho à noite com uma prima e com o marido da prima. Resolvi ir, foi uma noite divertidíssima, o cantor gostava muito de Tim Maia e eu também gosto, ele cantava do palco dele e eu acompanhava da minha cadeira. Eu já cantei em barzinho e gostei muito do profissional. De repente, ele me chamou para cantar com ele. Adorei a ideia, gosto muito de cantar e isto me entreteve. Percebi que já

ficava tarde e o pessoal queria ir embora, mas eu estava ali tão à vontade, cantando, relembando os meus tempos em Salvador, quando cantava na noite para me sustentar. O cantor não queria que eu fosse embora, estava gostando de cantar comigo, em um dos intervalos me disse: “Pô, a gente pode até fazer uma dupla se você topa. Voltei para a mesa, pedi um chopp e lembrei que na minha vida atual, de terapeuta, professora de filosofia astrológica, anatomia do corpo sutil e estudiosa de ciências ocultas, não havia mais tempo para voltar a ser cantora de bar. Chegou a hora de ir embora. Vi que já havia ultrapassado o limite dos meus amigos e resolvemos dormir na casa do casal. Tomei um banho, coloquei um pijama emprestado por eles e pedi alguma coisa para ler, desde a infância eu tenho um hábito: só consigo dormir quando leio.

– É no que dá convidar intelectual para dormir em casa. Você acredita que eu não tenho nenhum livro aqui?

– De onde você tirou esta ideia, menina, que eu sou intelectual? Eu só gosto de ler. É um hábito ler antes de dormir.

Eu e a minha amiga estávamos no quarto do filho dela e ela abriu o guarda-roupa e disse: “Tem um monte de revistas aqui”. O filho dela era adolescente e tinha uma coleção da Playboy e revistas do tipo; escolhi uma pela entrevista, que eu não me lembro com quem era. Também já era tarde e logo adormeci. Acordei duas horas depois com uma dor de barriga insuportável. Peguei uma das revistas, porque também gosto de ler quando vou ao banheiro. Sofri uma forte diarreia, suei tanto que resolvi tomar outro banho. Voltei a deitar e na pilha de revistas escolhi uma aleatoriamente. Olhando para a revista, vi que havia um encarte no meio; abri o encarte e era sobre o Conde Drácula. Acordei a minha amiga e lhe contei sobre o encontro pela manhã, na livraria, e aquela terceira coincidência, ou evidência.

– Halu, Halu, vê no que você está se metendo. Olha, tô toda arrepiada, estou morrendo de medo – tirou a revista da minha mão e jogou-a pela porta do quarto. – Você não vai ler nada disso. Chega. Você se mete em cada uma...

“Tarde demais”, pensei. Levantei, peguei a revista e li o encarte. Se havia alguma coisa, já me sabia fazendo parte dela. Como sou estudiosa de sonhos, não esqueci de me lembrar de que todo este contexto poderia pertencer à camada imaginativa dos sonhos. Da mesma forma, pelas coincidências ou evidências, eu poderia, de fato, estar tendo um contato com alguma coisa que não conseguia saber o que era. Ver os filmes me confirmava a ficção. O dia estava amanhecendo, troquei de roupa, deixei um bilhete para os meus amigos, tomei um táxi e fui para casa. Passei o dia inteiro lendo o tal livro do Bram Stoker e, procurando manter a lucidez, alertava a mim mesma a cada minuto: “Tudo isso pode fazer parte de uma grande imaginação”.

O tempo passou. Aproximadamente dois meses depois eu voltei a ter o mesmo sonho, estava em um lugar escuro, muito escuro, e o tal grito:

– Você quer me ajudar?

Imediatamente lembrei-me do sonho anterior e isto me fez ver que eu estava consciente, mas consciente de quê? De estar me aprofundando nas minhas imaginações? Embora nunca tivesse tido, até então, nenhum contato com o mundo dos Dráculas, Hulks, Batmans e Robins, nem quando criança, não me atraía este tipo de história ou ficção. Consciente de quê? Que estou me lembrando de um sonho dentro de um outro sonho? Mais uma vez o grito:

– Você quer me ajudar?

Eu precisava de respostas, entender o que estava acontecendo, e isto me fez responder:

– Quero! Se puder, quero!

E como resposta:

– Você mente! Você ainda não quer me ajudar! Você quer respostas para as suas perguntas. Você ainda não está pronta para me ajudar.

A voz sumiu e eu continuei ali. Sonhando?! Volatilizando nos circuitos da camada imaginativa de um sonho? Tendo um encontro com a ficção? Tendo um encontro real? De repente, quis acordar. Não sei se você, que lê esta história, já passou por esta experiência: estar dormindo, mas consciente do sono e querer acordar, como dentro de um pesadelo. Não sei, é difícil descrever a sensação, mas era assim: eu queria acordar e tentei, em vão, debater o meu corpo na cama. Ali reconheci que eu estava no estado da vigília do sono, em que uma parte da nossa consciência está desperta e a outra parte não. Resolvi me acalmar, eu já havia aprendido que para essas situações o exercício adequado, para nos retirar disso, é olhar para as mãos – eu sabia disso, já havia dado aula sobre o tema. Lembrei de olhar para as minhas mãos. Puf! Acordei! O meu corpo estava todo arrepiado até os cabelos, uma forte vontade de urinar. Foi difícil levantar da cama e ir ao banheiro, mas sabia que se não fosse rápido urinaria ali. Este instinto me levou ao banheiro e pensei: “Meu Deus, o que é que está acontecendo?”. Conte o sonho para a minha amiga e dela ouvi:

– Olha, Halu, quer saber? Se é um encontro, se é a camada imaginativa do seu sonho, seja lá o que for, fica com esta mensagem: “Você ainda não está pronta para me ajudar”. Se é uma curiosidade, criando armadilhas na sua mente, eu vou com você aos sebos, às livrarias e a gente cata tudo o que tem sobre este tema para acalmar a sua curiosidade, mas não leva isto muito a sério.

Nada adiantou eu dizer a ela que eu não estava com vontade de levar a sério e que não tinha nenhuma curiosidade em ler ou saber mais sobre o Conde Drácula. Ela só se acalmou com o passar dos dias, quando eu parei de falar e

sonhar com toda esta história.

Acabei me acalmando mesmo. Com o tempo esqueci, não totalmente – em bate-papos na varanda da minha casa, com amigos ou com alunos, conversando sobre desmembramento, camadas dos sonhos, de vez em quando eu me lembrava desta história e a contava nos seus detalhes. As pessoas ouviam, umas ficavam impressionadas, outras nada diziam. Enfim, o tempo passou.

2. De novo um encontro?

Noite de 17 de janeiro de 2009.

Esta noite voltei a ter o tal sonho. Desta vez foi um pouco diferente, estava em um lugar escuro e imediatamente me lembrei dos dois sonhos com aquele lugar, com aquela atmosfera, e o reconheci imediatamente. Então ouvi:

- Agora você já pode me ajudar.
- O que mudou? – perguntei.
- Você mudou – ouvi como resposta. – Não está mais tão preocupada e ocupada em saber discernir sempre sobre a verdade das coisas. Você entregou a verdade para o tempo. Descobrir a verdade para você era uma ânsia, um objetivo. Amadureceu, agora você já sabe que não se procura verdades, se é encontrado por elas.

Suspirei e concordei com ele. Durante todo o ano de 2008 enfoquei esse ponto com os meus alunos, tanto no Brasil quanto na Suíça. Eu arrumava um jeito de falar sobre a verdade e a minha história sobre este tema: levei muito tempo acreditando que a verdade era uma causa, até descobrir que ela é uma consequência. Não se tem como apreciar a verdade no início de um acontecimento; só o futuro, a conclusão, faz a verdade emergir como uma constatação. Ele tinha razão: eu havia parado de me preocupar com a verdade e passei a esperá-la no fim dos meus enredos – no final da experiência é que descobrimos se realmente a vivemos ou se foi uma ilusão – e dizia aos meus alunos que esta minha conclusão servia para qualquer contexto, desde uma simples fome, você só sabe se realmente está com fome se, ao se alimentar, a fome passar. Se a fome não se for com a satisfação do alimento, a sensação é outra e, de verdade, não é fome, é uma sensação parecida, incômoda, é preciso abrir outra experiência com esta sensação para descobrir do que realmente a sensação queria se prover. Em um relacionamento, não adianta buscar respostas sobre amor ou atração ou ilusão no início de um relacionamento. É preciso deixar o tempo passar, os fatos ocorrerem: a convivência traz a resposta. Se era amor, carência ou ilusão.

Repassei todos esses momentos dentro do meu sonho e, enquanto os repassava, também tinha consciência do silêncio. Fosse lá o que fosse, não interrompeu os meus pensamentos. Quando eu mesma dei um fim à minha

reflexão, voltei a escutar.

– Agora sim você pode me ajudar, por não estar preocupada com a verdade, com a veracidade do que está acontecendo.

– E o que é que está acontecendo?

– Está acontecendo que eu estou precisando da sua ajuda e para mim pouco importa se você acredita ou não. Eu não estou fazendo isso por você, para aumentar as suas crenças ou as suas verdades, estou lhe pedindo ajuda e o que fará, fará por mim. Por não estar mais preocupada com a verdade você poderá me ajudar. Eu não preciso das verdades que você ainda não tem. Eu preciso das verdades que você já possui.

– De qual verdade especificamente você precisa de mim?

– A sua alma precisa narrar e relatar as suas descobertas. Isto a levou a aprender a escrever. Você precisa distribuir com as pessoas o que vê, o que aprende com o tempo, o que você aprende com os seus estudos. É desta verdade que eu preciso.

– Então, ela está à sua disposição. O que você me diz é verdade, a minha alma é assim.

– É disso que preciso.

– Mas você não pode me responder se o que eu estou vivendo é um sonho imaginativo ou tendo um encontro real por meio dos sonhos?

– Por favor, entenda: eu não quero e nem posso ajudá-la, não há em mim nada que possa lhe servir como ajuda. Todo eu sou um poço da necessidade de ser ajudado.

– Seja mais objetivo: o que você quer de mim?

– Contar a minha verdade. Se eu conseguir ser verossímil – e isto não é uma responsabilidade sua, é minha – eu tenho certeza de que começarei a sair deste plano de total escuridão. Mas, se no meio do caminho, eu tentar enganá-la e burlar por não conseguir confessar totalmente a minha verdade, irei para um espaço de escuridão maior, por ter desperdiçado a sua ajuda, mas eu não quero que você se preocupe com isso. Eu preciso contar a minha verdade, confessá-la, mas não é preciso que você e nem ninguém acredite, não é importante para ninguém; nada mudará na vida das pessoas se elas acreditarem ou não na minha verdade. Se eu conseguir ser verdadeiro, serei o único ganhador. Você não precisa acreditar em mim, basta me ouvir e escrever sobre mim. Isto você é capaz de fazer. Você quer me ajudar?

A minha alma estava tensa. Como escrever sobre algo do qual eu não tinha nenhuma certeza do que estava fazendo? Sempre vivi uma experiência totalmente oposta. Nos meus outros livros eu me preocupava com a verdade, pois sempre temi desviar alguém do seu caminho por causa dos meus textos e,

em todas as vezes, mesmo pronta para escrevê-los, deixava o tempo passar, fazia na minha vida o que iria escrever nos livros, fazia de mim cobaia das minhas crenças porque precisava ter certeza do que iria escrever. Tive muitos problemas com editoras que queriam mudar os meus textos, eu só fechava contrato quando elas aceitavam o meu texto por inteiro, era tudo ou nada. E agora? Escrever sobre algo que eu não sabia de onde vinha? Com qual objetivo? Com que finalidade? Retirando-me dos meus pensamentos, a voz falou mais uma vez:

– Você nunca saberá o objetivo ou a finalidade. Já lhe disse: eu sou o único ganhador desta experiência. O que vou lhe contar não acrescentará nada, nem para você e nem para ninguém, mas a minha confissão acrescentará para mim, se não for fiel a ela me perderei de vez. Se me mantiver fiel, sinto que uma luz, mesmo pequena, se acenderá dentro de mim. Você está trabalhando para me ajudar. A responsabilidade é toda minha. Você não precisa se preocupar se o que ouve é verdade ou não e, entenda de uma vez: esta será uma preocupação e uma ocupação minha. O que quero de você eu já disse: a sua necessidade de passar informações, de esclarecer o oculto, é só isso o que eu quero. A sua parte será escrever com fidelidade o que eu vou ditar para você. Se é verdade ou não, será exclusivamente um demérito ou um mérito meu. Vou perguntar pela última vez e você já sabe que pode:

– Você quer me ajudar?

Nunca lidei bem com “última vez” e ali o que eu vivia ganhou mais um pedaço de mim. Fosse o que fosse, me fisgou com esta frase – sabia o que falava, sabia que eu não gostava de última vez e me rendi totalmente.

– Como você mesmo diz que não há necessidade de ser verdade, eu farei exatamente o que você está me pedindo, não lhe perguntarei mais sobre os seus motivos. Os motivos são seus e a motivação é minha.

– Se você resolver só me ouvir e não escrever já me ajuda. Porém, se você me ouvir e escrever, me ajudará muito mais. Fica ao seu critério.

Fisgou-me de novo. Eu gosto quando respeitam os meus critérios e a minha autocrítica. Isso, para mim, é fundamental para qualquer tipo de atividade ou relacionamento que eu esteja vivendo: respeito aos meus critérios. Isso me dá força para respeitar os critérios do outro, o que prolonga a atividade ou os relacionamentos – e o meu critério me dizia: “Você vai viver uma coisa totalmente diferente, sem nenhuma certeza, nenhuma segurança, você nem sabe se é real o que está acontecendo neste momento. A sua mente tem conhecimento suficiente para definir esta situação como um encontro ou como uma armadilha da sua imaginação”. Porém não sentia que estava ajudando... Não estava fazendo nada, só estava ali e sem ter a certeza de que ali estava. Mais uma vez a voz voltou da escuridão:

– Esta também é uma responsabilidade minha, saber ou não se você está me ajudando, não se preocupe com isso e, se em algum momento eu concluir que você não está me ajudando, interromperei o que está acontecendo.

Era claro que não cabia a pergunta: “E o que está acontecendo?”. Não havia mais espaço para discussão.

3. O início de uma confissão?

“O meu último nascimento foi antes de completar o primeiro milênio.

“Pronto – pensei –, seja lá o que for, isso é o início de uma confissão.” Eu sabia que precisava ocupar tudo em mim unicamente para ouvir. A voz – ou a minha imaginação, sei lá o que estava acontecendo –, voltou a repetir e, por ter repetido, eu soube que ela não queria interrupções e eu precisava me concentrar. Ela repetiu pela terceira vez:

– O meu último nascimento foi antes de completar o primeiro milênio. A minha mãe descendia de um papa da igreja que se formava, que já entre os seus seguidores era conhecida como Igreja Católica Apostólica Romana, mas para a maioria era a igreja de Cristo. A minha mãe era completamente fiel a esta igreja, aos seus ensinamentos, aos seus proselitismos e rituais. Diferentemente da maioria, a minha mãe era uma crente absoluta, por ignorância e por desde pequena ser talhada para absorver e desenvolver esta crença. O meu pai era o que, nos anos de hoje, chama-se de latifundiário. Era um nobre, fazia parte do governo dominante que se espalhava pelo mundo. O meu pai era um homem preocupado com posses, terra e poder, e a igreja de Cristo o ajudava no aumento das suas terras. A minha mãe nada disso percebia ou entendia, simplesmente acreditava que a igreja de Cristo precisava crescer e, se terras eram entregues ao seu marido, era para a catequese dos pagãos... A minha mãe era diretamente orientada pelo Papa e ingenuamente se acreditava escolhida por ser uma crente fiel. Porém, não era só isso, o meu pai sabia o porquê: a função da minha mãe e daquele casamento era vigiar o meu pai, se ele de fato devolveria os favores que recebia da nova igreja. O meu pai sabia que o amor da minha mãe era totalmente voltado para as diretrizes e ensinamentos do Papa e que, se nas terras, não se fizesse como a nova igreja queria, a minha mãe o denunciaria. Eu cresci nesse ambiente, no qual nobres crentes fiéis e crentes convenientes dominavam o alvorecer do mundo. Era preciso extinguir qualquer lembrança religiosa que não fosse ditada pela nova igreja e todos os que não se convertiam a ela eram mortos e quem os matava tornava-se dono das suas terras e das suas posses. Era um ambiente muito austero, a minha mãe me fazia rezar e eu passava quase todo o dia rezando. Havia uma lista imensa de pecados, mas o maior deles era não estar do lado da nova igreja. Adolescente, percebi que muitos eram diferentes da minha mãe e, no nascedouro dos meus primeiros pensamentos e

questionamentos, o meu pai tomou-me da minha mãe, pois chegara o momento de eu entender a importância de ser fiel à nova igreja. Embora o meu pai me catequizesse para o poder, para a nobreza, para o latifúndio, eu já me tornara tão crente quanto a minha mãe.

“Nunca consegui acreditar na nova igreja, mas fielmente acreditava naquele Cristo, naquele Jesus salvador, e tornei-me uma espécie de crente diferente; sabia que os métodos utilizados pela nova igreja não eram compatíveis com a lição do Evangelho, mas pensava: ‘Que outros métodos teria para subjugar os pagãos?’. Na minha criação, os judeus, os muçulmanos, principalmente estes, eram inimigos de Cristo, o haviam matado tão jovem, com trinta e três anos, para impedir que ele continuasse o seu trabalho. Desenvolvi um fortuito e desafortunado amor por aquele Cristo. Acreditava com todas as minhas forças que ele era o único filho de Deus na Terra, que viera com a função de converter os seguidores do demônio e, se outro jeito não houvesse, precisava matá-los, exterminá-los. Mesmo com a pouca informação que eu tinha sobre este Cristo, era assim que eu o via. Acreditava que ele queria converter o mundo para a crença em Deus e o entendia como um enviado dos céus com força suficiente para exterminar o demônio ou os seus seguidores; morreu tentando convertê-los e entendi que só a morte, a presença dela, seria a única força verdadeira de conversão, e assim entendi as ações da nova igreja. Mesmo aos que já estavam escolhidos para morrer, era-lhes dado ali, no berço da morte, na fronteira dela, o direito de, no último instante, serem salvos de Satanás: bastaria que aceitassem o Cristo antes de morrer.

“Eu era um imbecil, nunca sequer parei para pensar que, se o pagão aceitava a conversão, era preciso dar-lhe vida e tempo para operar o Cristianismo na sua alma. Nunca pensei nisso. Acreditava que se lhe fossem dados tempo e vida, ele seria, de novo, recapturado por Satanás, então precisávamos todos forçá-lo à conversão para que, nestes minutos do torturado convertido, Satanás se afastasse e a morte os levasse para os braços de Cristo.

“E assim cresci. Por ser um crente fiel, quando amei a minha primeira e única mulher, a minha mãe convenceu o meu pai a concordar com o matrimônio. Também não havia por que discordar, ela era uma crente fiel como a minha mãe, pertencia à nobreza como o meu pai e a sua família também tinha um grande patrimônio. Naquela época, e eu acredito que até nos dias de hoje, esses são os reais requisitos para duas pessoas se unirem em matrimônio, o amor é secundário. Mas não o foi para mim e nem para ela, ela me amava e eu a amava. Amávamo-nos tanto quanto e depois o tempo nos mostrou que nos amávamos mais do que conseguíamos amar aquele Cristo.”

De repente a voz se calou. Esperei um tempo.

– Você ainda está aí? – perguntei por dentro da escuridão.

– Você quer continuar a me ajudar?

Não precisei responder, ele já sabia a resposta, se é que existia.

Acordei assim, sem ter nenhuma certeza do que está acontecendo. Nada mais tenho para contar agora. É preciso esperar para que o que acontece volte a acontecer, sem nenhuma garantia. É assim que estou neste momento.

Sábado, 17 de janeiro de 2009, às 13h07min.

4. Predestinação?

Domingo, 18 de janeiro de 2009, às 9h26min.

Voltei a “sonhar” com a escuridão. Acordei com as memórias de nossas conversas, ou melhor, das suas declarações, e com muitas dores nas costas, na coluna.

Por mais que me esforce não encontro, com palavras, como transmitir as minhas sensações e dúvidas. Passei o dia de ontem revendo alguns filmes sobre o tema Drácula e vampiros, alguns que já havia visto e outros novos, assustada pelo revés da coincidência doze anos depois. Agora, vivendo esta experiência, conclui que realmente, há doze anos, eu não tinha nenhum preparo para o que estou fazendo. O que me confirma estar preparada agora? Não é racional e também ainda não sei se estou preparada para finalizar o que comecei; a verdade, de novo – se é verdade que vou conseguir concluir – só o tempo dirá, como consequência, como toda verdade o é. A verdade não está no passado e nem no presente, ela está quando o passado e o presente se transformam no futuro. Aguardarei e, a cada dia, decidirei se continuo ou não. Ele mesmo me falou sobre os meus critérios, que os respeitaria; utilizarei os meus critérios a cada dia para decidir o que faço com o que está acontecendo comigo.

Nesse novo encontro, se é que isso é um encontro, em momento algum ele se dirigiu a mim, simplesmente contava a sua história com a certeza de que eu estava ouvindo e registrando; quando calou-se, calou-se, nem aí me dirigiu qualquer palavra ou cumprimento. Não houve diálogo, apenas a sua narração.

A minha impressão é que ele falava para todo mundo ouvir e acredito que o seu todo mundo era eu. E penso: “Será que ele quer me utilizar para falar para todo mundo? Ele deixou na minha responsabilidade escrever ou não esta história”. Disse-me: “Você já me ajuda bastante ouvindo-me e me ajuda muito mais se resolver escrever”.

No entanto, a minha sensação é de que ele falava com o intuito de que todos o escutassem, mas, até onde eu sei, todos, ali, era eu.

À noite, no sonho (?), lá estava eu naquela escuridão. A atmosfera era pesada, sentia dificuldade para respirar, concentrei-me no meu objetivo: aguardar. E não é que a voz veio?! A mesma voz num tom mais ameno.

– Eu fui uma criança, sabia?

Pensei cá comigo: “Claro, todos foram crianças!”.

– Eu preciso me lembrar que fui uma criança. Fazendo a ponte do meu nascimento até os dias de hoje eu consigo acreditar em predestinação. Já no ventre o meu lado destrutivo se expressou e quando deixei o ventre da minha mãe o sequei, ela não teve mais nenhum filho. Isso foi um grande tormento para o meu pai que pretendia ter muitos filhos, mas precisou se contentar comigo. Naquela época, ter uma grande prole era uma demonstração de poder, fartura e, é claro, masculinidade. Já no meu nascimento prejudiquei os planos do meu pai e provoquei na minha mãe muitas doenças. O ventre dela, danificado com a minha passagem, trouxe-lhe um tempo ocioso, que ela passou a dedicar à nova igreja, entregando-se completamente, não só os seus dias, mas toda a sua força de mulher, empenhada em conquistar notoriedade. Naqueles tempos, isso só era possível pela maternidade ou entregando-se aos préstimos para a construção da nova igreja.

“E assim fui crescendo sem outras crianças ao meu redor, uma infância triste, solitária, fermentada pela amargura do meu pai e pela fé rudimentar de uma mãe rude. Tudo era frio. Esses foram os primeiros anos do meu último nascimento.”

E continuou, com uma fluidez incrível, sem interromper a sua narrativa:

– Entreguei-me à morbidez, os animais me atraíam, todo tipo de animal: ratos, aranhas, serpentes. Eu gostava de dominá-los e, em função desta minha predileção, muito cedo a minha mãe me entregou aos padres, estranhando os meus domínios infantis, a minha curiosidade visceral.

“Eu era uma criança dividida e a entrada de Jesus na minha vida competia, nos espaços internos, com a minha vontade de matar animais. Apreciava vê-los morrer devagar. Caçava-os, aprisionava-os em uma espécie de gaiola e assistia a eles morrerem de fome. Este era o meu prazer, o meu êxtase; e Jesus, o Jesus dos padres, fazia-me sofrer, mas este sofrimento também era bem-vindo. Sofrer, para mim, desde aquela época, era um prazer inusitado.”

De repente senti uma pequena mudança no tom da sua voz. Ruínas de uma saudade?

– Na adolescência conheci os cavalos, o meu pai havia visitado a Grécia e conhecido os esportes e trouxera com ele um grego para me iniciar nestas artes. Assim o chamávamos: o Grego. A minha paixão por cavalos era domá-los, dominá-los. Estar sobre um cavalo selvagem com rédeas e esporas e dominá-lo pela dor era a minha satisfação e perdia o interesse quando a selvajaria se ia embora.

“Instantaneamente descobri que o Grego tinha medo de mim. Provocar medo... aprendi o prazer de provocar medo nas pessoas com ele, não perdia uma

oportunidade, um detalhe para ver o pavor explodir nos seus olhos. E, nas confissões com os padres, sofria a prazerosa dor provocada por Jesus.

“Os martírios que os padres me impunham, relativizando-os com os meus pecados me levaram a conhecer um outro tipo de dor, uma dor sensacional: me autoflagelar com chicotes, com a coroa de espinhos. A intenção dos padres era fazer-me ver o sofrimento de Jesus, mas não me era possível, tudo o que eu via e sentia era o êxtase do meu próprio sofrimento.

“Invejei a crucificação!”

Ouvir a confissão de Vlado sobre esta mistura desastrosa de dor e êxtase me fez começar a ter um conceito sobre a sua loucura excêntrica, mas esta última colocação, de sentir inveja com a crucificação de Jesus, confiscou mais profundamente a minha curiosidade. Percebi que ele respeitou a minha pausa para respiração e voltou à sua narrativa estimulado pela necessidade de falar e falava como se sonhasse com a sua história:

– Pensei em um pecado, um pecado especial que levasse os padres a me darem, como martírio, a crucificação. Não consegui, o mais perto que cheguei foi o autoflagelo com a coroa de espinhos, mas eu amava Jesus, achava-o parecido comigo. Entendia-o como alguém que gostava de sofrer, de ser apedrejado e não apedrejar, de ser cuspidos em troca de suas palavras de amor, de dar a face para apanhar.

“Este era o meu Jesus! Predestinação? Eu acredito que sim.

“A minha alma aspirava por sofrimentos e flagelos, imaginava-me sendo crucificado e fiz sozinho a minha crucificação. Preguei a minha mão em uma madeira com um prego, e acreditei ser a dor uma divindade para quem a suportava. Tudo isso eu fazia escondido, não queria que ninguém me impedisse, mas mesmo assim não conseguia a dor de Jesus, eu precisava soltar a mão da madeira para perfurar a outra. Como queria encontrar alguém que me ajudasse... Isso não me foi possível e, em casa, com as duas mãos machucadas, disse que me machucara em uma caçada. Não consegui enganar a minha mãe, ela não acreditou na minha mentira e levou-me ao padre para eu me confessar. Ele também não entendia que eu precisava daquele pecado, disse-me tantas coisas que me fizeram sofrer demais; era uma dualidade com forças iguais. Para fazer o padre entender a minha necessidade, disse-lhe, para provocá-lo: ‘O meu êxtase consiste no prazer de pecar e o prazer de reconhecer o pecado’.

“O padre venceu, desisti da ideia da crucificação. Sabe por quê? Pela dor da renúncia. Renunciar àquela dor trouxe-me uma dor maior e a certeza de poder cultivá-la por toda a minha vida. Todos os dias eu sofria; como era bom sofrer, arder de dor. Se consumasse os meus intentos, a dor seria momentânea. Porém, entreguei-me à dor maior, da renúncia, de ser menor do que Jesus.

“Satisfazia o meu lado menor com a aceitação completa de pequenas dores. Parei de matar os animais, deixava-me ser mordido por eles; comecei com os ratos, as suas mordidas nos meus pés me faziam delirar como se fossem os pregos nos pés do meu Jesus. Adoeci, uma febre horrorosa, todo o meu corpo doía; vieram os curadores e não me deixaram morrer.”

Neste momento da narrativa, silenciou por alguns minutos. Quando retornou não era para mim que falava, a sua pergunta se dirigia ao universo misterioso das suas próprias crenças:

– Por quê? Por que não me deixaram morrer na minha crucificação? Por que a própria doença não me deixou morrer? Por que Jesus não interferiu mandando a morte para mim? Teria impedido os meus passos.

“Curado das dores dos ratos voltei a procurá-los e, inexplicavelmente, as suas investidas sobre os meus pés não me fizeram adoecer. De alguma forma o meu corpo desenvolveu uma imunidade que nem a dor eu sentia mais. Procurei as aranhas, que dor maravilhosa, aguda, paralisante. Voltei para os curadores e ali estava outra oportunidade de a vida não me querer, de Jesus não me querer, nada disso aconteceu e um mês depois eu estava restabelecido, passei a acreditar fielmente que a morte não me queria.

“Passei a ser vigiado, era função do Grego me vigiar. Predestinação? Escolheram o menos provável dos vigilantes. Ele tinha medo de mim, nunca precisamos trocar uma palavra, ele sabia que não podia me deter.

“Entreguei-me às serpentes, que dor esplendorosa, a dor total; enquanto era socorrido pelo Grego, sentia a minha musculatura enrijecer, a voz sumir da minha garganta e acreditei ter alcançado a minha crucificação, morrer com dor, pela dor, como o meu Jesus. Desta vez estive muito perto da fronteira da morte, se não for predestinação, desconheço o que possa ser, pois consegui curar-me do veneno da serpente.

“A minha mãe e os padres chamaram de milagre e repetiam: ‘Milagres se operam sobre ele!’. Milagres, milagres.

“Que ódio! Eu não queria os milagres de Jesus, eu queria morrer como ele, inocente, matado, assassinado. Ele, pelo seu rebanho de pessoas e eu pelo meu rebanho particular, sem nenhuma culpa. Queria morrer provocado pela ira, como ele. Por estes episódios os padres concordaram comigo em um ponto: a predestinação. Para eles eu era predestinado a ser um santo e prepararam-me para aceitar a vida religiosa. Esta decisão desagradou profundamente o meu pai que tinha outras pretensões para mim e, neste momento, tomou-me da minha mãe e dos padres. Passou a levar-me com ele nas suas viagens, nas suas guerras santas por conquistas de terras.

“Desta forma aprendi como crescia o patrimônio do meu pai. Ele tinha sob

as suas ordens um exército de trezentos homens que saíam, em caravana, em busca de pagãos. Ver os pagãos morrerem queimados por determinação do meu pai e do Santo Ofício causou-me uma inveja profunda. Odiei os padres por terem me ensinado a crer em Jesus e a amar Jesus. Como poderia conhecer aquele prazer da dor do paganismo? De arder no fogo por não aceitar Jesus? Que ódio! Esta dor eu jamais teria porque já o amava. Um Jesus que eu criei para mim à minha imagem e semelhança e não pude conhecer a dor do fogo sobre o paganismo porque eu não o tinha, eu não tinha o combustível principal para atrair aquela dor do fogo sobre o meu corpo. Invejava-os. Sadismo? É possível, é provável, mas sentia um prazer indizível em ver os seus corpos virarem cinzas.

“Um dia acordei com uma ideia: Se eu comesse as cinzas dos pagãos, expulsaria Jesus de dentro de mim? Tornar-me-ia um pagão?”

“Refleti sobre este novo desejo, queria odiar a quem amava. Que dor desafortunada querer odiar a quem se ama. Amei esta dor e ela foi crescendo dentro de mim e, por mais que o meu ódio odiasse, o meu amor pelo meu Jesus continuava intocável.”

Poderia imaginar que dor é esta? Querer odiar a quem se ama? – o meu narrador não dava tempo para respostas, e falava-me, agora, de uma nova dor:

– Uma dor desafortunada que traz consigo a dor da impotência e da humilhação, enquanto algo em mim dizia: “Não deixarei o seu ódio chegar até mim”.

“Voltei a pensar nas cinzas dos pagãos. Se o intuito da voz era paralisar-me... Estimulou-me. Esperava que todos fossem beber e comemorar a conquista para que eu bebesse e comemorasse a minha conquista pessoal. Comecei a comer as cinzas dos pagãos e com esta experiência conheci a dor da frustração, da desolação: mesmo com os restos dos pagãos dentro de mim, o amor pelo meu Jesus estava lá, inquebrantável. Resolvi ser mais ousado, passaria a comer os pedaços da carne que não foram queimados. Raciocinei com a minha lógica absurda de que as cinzas não eram suficientes, por já haver queimado todos os amores que existiram na carne, e passei a comer os restos mortais dos pagãos.

“Conheci a dor do nojo que não me fez vomitar, muito pelo contrário, trazia-me uma vibração interna muito forte, e comi olhos, restos de lábios, de ombros. Conheci uma frustração maior, a carne dos mutilados não teve a força sequer de mutilar uma parte do meu amor por Jesus, pelo meu Jesus. Mas conseguiram aumentar o meu ódio por amá-lo. Agora era um ódio muito maior, com a mesma força e intensidade do meu amor e, dentro de mim, odiar igualmente como o amava me fez explodir de prazer quando uma ideia me visitou: comer olhos fazia-me ver o meu amor e o meu ódio; comer restos de lábios fazia-me profanar o meu amor, profanar com palavras que não tinham a

força de abalá-lo; comer restos de pés fazia-me andar, caminhar por dentro do meu ódio e, para a minha desgraça, também caminhar por dentro do meu amor e resolvi comer corações. Não é o coração a morada de tudo o que sentimos? Mas esta era uma tarefa difícil, não encontrava nos restos mortais dos pagãos um coração.

“Nos rituais das fogueiras os corações eram flechados e apunhalados. Procurei o meu pai e reclamei um poder particular para mim: ‘Pai, está na hora de eu aprender junto com você o poder do Santo Ofício’.

“Para o meu ódio, o meu pai entregou-me uma criança. ‘Venham a mim as criancinhas, a elas pertence o reino dos céus.’ Foi exatamente assim que aconteceu: preservei o coração intacto e comê-lo estimulou esta citação do meu Jesus todos os dias em mim. Acrescentei ao meu ódio a possibilidade de ir para o reino dos céus porque fazia parte de mim o coração de uma criança; o meu amor aumentou, mas não teve a força de diminuir o meu ódio. O meu amor sentia-se, agora, perto deste Jesus. O coração que comi me transportava para o seu céu, era assim que eu me sentia. Um raciocínio louco, invertido, é assim que eu era.

“Levaram-se alguns meses para que eu tivesse outra ideia: prometer fuga a um pagão; não sei por que ele acreditou em mim. Predestinação? Só pode ser. Tanta favorabilidade, o pagão poderia não querer e deixei nas mãos dele a possibilidade de avançar ou não nas minhas pretensões. Mas a favorabilidade estava no meu caminho: o pagão acreditou em mim. Fugi com ele para uma floresta e ali o matei, tirei o seu coração com as minhas próprias mãos, sentia-o ainda pulsando, batendo e o comi. Ainda estava quente e, enquanto o comia, conheci a dor e o prazer da esperança – durou pouco. Deitei ali mesmo esperando que o meu corpo digerisse o novo alimento. Corri como louco de ódio, um ódio indecifrável, um ódio maravilhoso, cego, escuro, veloz, potente, mas que, infelizmente, não conseguiu afetar o meu amor pelo meu Jesus. Onde eu estava errando?

“Tive uma ideia luminosa. Lembrei-me de ter escutado dos padres que os pagãos não tinham, de verdade, um coração; o coração tornava-se um órgão divino quando dedicado ao amor por Jesus. Entendi o meu erro: eles não tinham coração, o coração pretendido por mim, preenchido de amores por outras forças que os faziam não amar Jesus. Em meu devaneio, tentando encontrar coerência na minha lógica invertida, gritava para o vazio da floresta: ‘Se não tinham coração, como poderiam ter estas forças?’.

“A vida, neste momento, criou-me uma oportunidade de refletir sobre as mentiras dos padres, mas o meu pensamento não buscava este foco. Se não fosse assim, descobriria a farsa daqueles padres dizendo que os corações dos pagãos possuíam forças incomensuráveis e satânicas para odiar Jesus. Ora, eu comi este

coração e o meu amor estava inabalável.

“Como o meu raciocínio louco, doidivano, estava em outro foco, desperdicei esta oportunidade e construí a mesma armadilha, mais favorabilidade – não entendo por quê, o porquê de tanta favorabilidade. Nada impedia os meus passos, foi tudo muito fácil, o meu pai nada me perguntava, o Grego sabia, eu sei que ele sabia, mas não me denunciava.

“Por quê? Que Deus ou o Diabo responda. Por que nada me impediu? Por que os meus planos não fracassaram? Quem sabe... Mas ainda não era o momento de conhecer a dor do fracasso, esta foi uma dor que conheci muitos anos depois.

“Na minha outra tentativa de ter mais ódio por Jesus comi o cérebro de um pagão; diferentemente do coração, estava frio, uma massa mole. Peguei-o nas minhas mãos e duvidei do seu poder. Então era aquele pedaço de não sei o quê, recortado por caminhos desconhecidos como um mapa que nos leva a lugar nenhum, que comandava os nossos pensamentos?

“Lembrei-me do medo dos padres pelo cérebro. Diziam que o cérebro tinha o poder de reter conhecimentos que nos levariam a Satã. Aquele pedaço de coisa mole que mais parecia uma entranha de animal? Apesar de duvidar, o comi. Fiz como fiz da outra vez, deitei e esperei o meu corpo digerir e revivi o mesmo ódio anterior, que por estar sendo repetido não tinha a magia, a força do experimento primeiro, mas foi bom.

“‘Que inferno!’, gritei. ‘Que céu!’, gritei. Seria o céu o inferno? O inferno o céu? Moraria o meu Jesus no inferno? Não, não pode ser, eu vivi o inferno dos pagãos; foi isto o que consegui com as minhas tentativas de prazer impronunciável de odiar com todas as forças a quem amava com outras todas forças.”

Completamente tomada por sua narrativa, tentei interrompê-lo, tentei responder às suas perguntas, promover um diálogo entre nós. Se Vlado percebeu as minhas intenções, retomou a sua frieza sofrida e continuou:

– Conheci o inferno dos pagãos – pelo menos foi nisto que eu acreditei na época. Regoziquei-me com esta conquista, agora eu estava no inferno e, do inferno, via com clareza o meu Jesus no seu céu. Tornei-me o seu oposto e isto me fez sofrer, sofrer muito, não era isto o que eu pretendia, eu pretendia morrer inocente pela ira de um animal, ou de quem quer que fosse, e eu estava vivo, no inferno, vendo o meu Jesus no seu céu. Na época acreditei que, por ter comido o coração de uma criança pagã, era a força deste coração que fazia a ligação entre as minhas visões infernais e celestiais.

“Desisti de acompanhar o meu pai, não sentia mais nenhum prazer em acompanhá-lo. Nada me mobilizava, ver os pagãos morrerem queimados, sentia-

me oco, sedento por um prazer, sedento de algo que me preenchesse; conheci a dor da desagradabilidade e isto foi um pequeno ganho.

“Tudo me desagradava e esta dor, apesar de não me satisfazer por completo, era o bastante para me nutrir e me tornei um sobrevivente sem nenhum anseio, nenhuma ambição. Inclusive o embate pelo amor e ódio pelo meu Jesus estava enfraquecido, tanto o ódio quanto o amor; parei de pensar nisto. Conheci a dor da desistência, esta sim foi uma dor profunda, deprimente, o máximo que alcançara dos meus empreendimentos foi estabelecer um ódio por quem amava. No começo esta condição me elevava a êxtases inimagináveis, mas eu já estava farto da repetição deste êxtase, entreguei-me totalmente à nova dor, a dor da desistência que me levou a parar de comer para sentir a dor da fome; jejuava, como o meu Jesus, até as minhas entranhas darem nó; a comida não me satisfazia, não passava esta fome, saciava alguma coisa, talvez a dor das entranhas, mas ela não passava completamente.

“Minha mãe, vendo-me assim, inerte, sem objetivos, acreditou-me doente. Será que eu estava doente? Eu estava faminto, faminto de morbidez, de profanação e entreguei-me totalmente aos meus jejuns como fazia o meu Jesus. Permiti à fome instalar-se completamente no meu corpo e decidi comer a primeira coisa que eu visse. Neste período comi sapos, insetos, comi escravos; já não havia nem a dor do nojo; conheci a dor do desespero. Não sabia mais o que comer para saciar aquela fome e fazer os jejuns do meu Jesus perdeu completamente o sentido.

“A minha mãe reclamava sobre o meu aspecto: ‘Vlado, você está magro’. Dizia-me magro, pálido e diariamente reclamava das minhas olheiras, dos meus olhos fundos.

“As minhas unhas tornaram-se mais fortes, como cascos, era difícil cortá-las e os padres disseram à minha mãe que era hora de me casar. Que idiotas, pensei, entendiam a minha palidez, o meu corpo magro e inerte como necessidade de sexo.

“Será? Jesus não tinha necessidade de sexo, pelo menos era isto o que a igreja dizia. Por que eu teria? Pensei na possibilidade de conhecer um prazer que Jesus não conhecia. Tornar-me-ia maior que do que ele? Isto sim me causaria uma dor imensa. Já a própria visualização de me tornar maior reativou os meus ânimos, se conseguisse ser maior seria o melhor dos sofrimentos, a estupenda dor, ser maior do que o meu amante, o meu amor.

“Aceitei o conselho da minha mãe. O meu pai havia escolhido uma esposa para mim e ela veio para a nossa casa acompanhada pela irmã dois anos mais nova.

“Que susto! Conheci a dor do susto, vi-me totalmente apaixonado pela irmã

da minha futura esposa. Ela era linda, a sua presença levava-me para uma atmosfera diferente do meu céu e do meu inferno.

“A sua impressão era tão forte que tudo em mim se calava diante dela. Não sabia o que fazer; pensei em comê-la como comi os pagãos, para que ela fosse minha, mas não era isto o que eu queria, não era esta satisfação agora.

“Eu a queria bem viva do lado de fora para poder admirá-la, assisti-la, ouvi-la; provar o cheiro da sua pele, o cheiro do seu cabelo, o estalido das suas palavras dentro da sua boca, os seus dentes alvos. Tudo nela era perfeito. Olhar pelos seus olhos e para os seus olhos me transportava para um lugar totalmente diferente. Silêncio. Todo o silêncio e toda uma escuridão envolta dela e ela ali, no foco e no centro da claridade.

“Ela gostava de flores. Conheci a dor do ciúme vendo-a tocar e cheirar aquelas coisinhas coloridas, colocadas ali por determinação da minha mãe. Por que não via as minhas cores? Por que não cheirava o meu perfume? Eu também estava ali colocado por minha mãe. Conheci a dor da obsessão. Vê-la tocar as flores e não a mim fazia todo o meu corpo doer. Haveria alguma fórmula que me transformasse em flores?

“E os pássaros? Novamente o amor pelas cores e um concorrente mais hábil se interpôs entre nós. Ela fazia silêncio, se diminuía para escutar o canto dos pássaros e isto me derrotou – eu não sabia cantar, não sabia voar. Como competir com eles?

“Vendo o meu interesse pela irmã da minha futura esposa, os meus pais concordaram em me casar com ela. Era o que eu queria e o que eu não queria. O que eu queria era que ela quisesse casar-se comigo. Ouvir a decisão dos nossos pais a encheu de temor, pena, comiseração e dó pela sua irmã e a afastou de mim, a sua naturalidade se foi. Levei-a para as flores, para os seus pássaros tentando reanimá-la.

“Conhece a dor de entregar a sua amada para o amante, para vê-la feliz de novo? Eu conheci esta dor com profundidade. Vendo-me incapaz de reanimá-la, utilizei-me dos meus concorrentes, entreguei-a às minhas fontes de ciúme, torturando-me por esta abnegação. Nesta experiência eu tive um ganho: nem os pássaros e nem as flores conseguiram também animá-la.

“O meu pai resolveu a situação casando a minha ex-futura esposa com o irmão dele. Vendo a irmã acolhida, Elizabete voltou a ser feliz de novo, e o melhor de tudo, entregou a sua felicidade a mim, entregou o seu corpo para que eu a abraçasse, entregou as suas mãos para que eu as beijasse e beijar as suas mãos, apertá-la nos meus braços, transformou-me completamente.

“Finalmente eu encontrei um concorrente forte para Jesus e conheci a dor deste prazer, doía-me imensamente amá-la mais do que a ele. Doía, doía e doía,

ardia e feria. Eu a amava e ela me amava. Falei-lhe de Jesus e ela confessou-me que o motivo da sua apatia era por querer possuir e ter o que pertencia à sua irmã, confessou-se pecadora, e nesta confissão eu vi que ela também me amava mais do que a Jesus, conversamos muito nos nossos passeios sobre isto.

“Elizabeth já não olhava para as flores nem para os pássaros, os seus olhos eram meus, a sua atenção era minha e a força do nosso amor era tão grande que antes da permissão religiosa nos tornamos amantes. Nem este grande pecado nos abalou, estávamos livres do céu, do inferno e dos padres. Criamos um mundo para nós, no qual o amor e o pecado caminhavam juntos. Possuí-la antes da autorização da igreja tornou-a totalmente minha. Ela era minha! Não foi-me dada por ninguém! Esta condição dava-lhe muito prazer também e nos entregamos ao deleite do amor e do sexo com toda a permissão e permissividade; o prazer fazia-nos pecar, possuía e fui possuído por ela de todas as formas, desde colocar os meus dedos entre os seus cílios para ser acariciado por eles a possuí-la ferozmente, como os animais ou talvez como os deuses, quem sabe?

“Minha mãe descobriu sobre as nossas entregas e nos levou para confessar ao padre e aí eu conheci o prazer da dor da inveja do outro. Conteí ao padre detalhadamente sobre as nossas comunhões de amores, contei-lhe cada pedaço, cada trecho da hóstia sagrada divina e diabólica que experimentei nos esconderijos no corpo da minha amada. Não havia segredo entre nós e quanto mais falava e dedilhava com a minha fala o amor por ela, via nos olhos do padre uma discrepância por querer se horrorizar sem conseguir. Fiz o padre suspirar com as minhas narrativas, um suspiro indesejado por ele, mas mais forte do que as suas convicções. Soube por ela, na sua inocência de desconhecer limites para o sexo, que também fez a sua narrativa, limpa, clara, verdadeira como a minha. O padre nos impôs martírios para nos limparmos dos nossos pecados.

“Por também amarmos Jesus, cumprimos todas as ordens da igreja e era um prazer cumprir. Entendíamos como um pagamento, poderíamos nos entregar e pagaríamos sempre os martírios limpando os nossos corpos da nossa sede, fome e necessidade de um pelo outro. Não desistiríamos, era bom, era muito bom ter que pagar a Jesus por algo que ele não conhecia, assim entendíamos os nossos martírios e sacrifícios, éramos maiores que qualquer coisa, por isso os nossos sacrifícios eram sempre grandes e resolvemos fazê-los juntos.”

Vlado voltou a interromper a sua narrativa, experimentei com ele incríveis sensações, não era um silêncio comum, emergia dele e das suas lembranças mudas uma energia forte, que contaminou a minha alma, deixei-me envolver por aquela evidência de saudades genuína... Tirou-me deste envolvimento:

– Ver a coroa de espinhos penetrar pele dela, fazer jorrar aquele sangue

limpo... não podia entregá-lo ao chão, ao pano, nada dela poderia pertencer a alguém ou a algo que não fosse eu; bebia o seu sangue, lambia os seus ferimentos e não permitia que qualquer coisa em mim também não pertencesse a ela. Ela entendeu, e o toque da sua língua no meu sangue fez-me lembrar as serpentes, fechava os olhos e imaginava: não eram espinhos, eram picadas de serpentes, que prazer odioso, incomensurável e ao mesmo tempo indigente, insubordinado e levamos o pecado para os nossos sacrifícios e assim o nosso Jesus tornava-se cada vez menor dentro de mim, dentro dela. Não menor o bastante a ponto de esquecê-lo. Ele era um amante que dividíamos, misturávamos sacrifício e heresia e trazíamos Jesus para o nosso sexo, para o nosso amor. Não sentia ciúme dele, ele completava o nosso prazer, os nossos orgasmos.

“Não ficava um só minuto sem ela; nem ela o queria, tão grande era a fome que tínhamos um pelo outro. Andávamos no mesmo cavalo, comíamos no mesmo prato, mordíamos a mesma carne, consumíamos o mesmo fruto até que os nossos dentes e lábios se encontravam e finalizávamos, a cada comida, com um beijo; e os pedaços do que comíamos trançavam por nossas bocas. Que prazer maravilhoso! Enfim encontrara um motivo para viver. Vi como era pobre viver por aquele Jesus ou por patrimônios. Que pobreza! Mendigos, assim os chamávamos: mendigos de Jesus, não ultrapassaram as esferas que ele não ultrapassou; ele queria ser dono do céu e os seus discípulos donos da terra; ele queria amar, mas os seus discípulos mataram-no antes, não quiseram o seu amor e assim permaneciam sem querer o amor de ninguém.

“Eu e ela ultrapassamos as esferas do nosso Cristo. Encontramos um prazer maior, um mundo sem dono e nos adonamos dele, o nosso mundo; o mundo do amor; do amor incondicional. Comer as suas fezes era como beijá-la, beijá-la intimamente; o bolo das suas entranhas na minha boca fazia-me desnudar o que estava no seu interior, amar o que estava em baixo da pele e assistir-lhe mastigar o meu bolo intestinal trazia-me êxtases por entregar a ela também os meus segredos. Nos conhecíamos por inteiro. Bebíamos do nosso suor, tomávamos as nossas urinas, um mundo particular onde eu era totalmente dela e ela exclusivamente minha.

“Nojo? Nojo de quê? Como poderia sentir nojo por ela? Eu conhecia a dor do nojo e ele não estava ali, não estava nela, muito menos em mim. Entregávamos tudo o que tínhamos, do mais perfumado ao mais fétido, o amor incondicional, soberbo. Como poderia estranhar na minha boca qualquer coisa que viesse dela? E ela da mesma forma, sem nenhum pranto, comia-me por inteiro.”

Neste ponto da história, reconhecendo a intensidade de Vlado e Elizabete,

refleti sobre a Idade Média. A hostilidade desta época os conduziu para caminhos impensáveis. A ausência de equilíbrio e tempero, tão comuns naquela sociedade, produziram ali um casal que não conheceu as fronteiras entre a loucura desfrutável e a incomensurável loucura. A curiosidade em mim crescia. Vlado captou o meu momento e gritando tirou-me das minhas reflexões:

– Sim, encontramos uma fronteira: como manter os nossos corpos vivos? Como controlar a vontade que tínhamos de comer a carne um do outro? Criamos um limite. Não poderíamos despedaçar a beleza e então comíamos as nossas mãos e os nossos olhos pelas nossas fezes, urinas e lágrimas. Se não tivéssemos encontrado esta fronteira de prazer, comeríamos um ao outro, como duas feras em batalha. Não, não podíamos desaparecer; pensávamos nos nossos ossos, alguma coisa sobraria no final para ser manipulado e enterrado por alguém e passaríamos a ser ou da terra ou do fogo. Não! Precisávamos nos manter intactos para continuarmos pertencendo um ao outro, amando-nos acima de tudo, desejando o próximo, e o próximo era Jesus.

“Seria pecado desejar o próximo se este próximo fosse Jesus? Ora achávamos que sim e, nestes momentos, Jesus se tornava um amante qualquer, um adultério banal, e sofríamos por diminuí-lo desta forma. Um sofrimento terrível, abundante, extasiante. Ora acreditávamos que não, porque ele não era próximo, ele era distante lá no seu céu, então o nosso amante era o distante e nestas horas nos perdoávamos mutuamente.

“Jesus ainda tinha um papel importante nas nossas vidas e isto nos fazia felizes e infelizes, felizes porque parte nossa queria amá-lo, aprender a amá-lo; infelizes porque não queríamos ninguém entre nós. Assim vivíamos, assim éramos nós dois, ela e eu.

Domingo, 18 de janeiro de 2009, às 11h59min.

5. Ela?

No mesmo domingo, 18 de janeiro de 2009, às 19h.

Hoje, em torno das 15 horas, uma preocupação me tomou: o que é que eu estava fazendo? Mais do que isso: por que é que eu estava fazendo? Eu sou autodidata; preocupados com a minha decisão, meus pais procuraram ajuda médica e depois de muitos estudos e pesquisas sobre mim concluíram que eu tinha genialidade. Profissionais que entendiam muito deste tema acalmaram meus pais dizendo-lhes que os gênios têm uma forma muito peculiar de escolher como e o que estudar.

Será que esta história é fruto da minha genialidade? E se eu realmente estivesse tendo um encontro com Vlado? E se fosse fruto da camada imaginativa do sonho, por que uma história como esta abordaria a minha camada imaginativa?

Refletindo sobre tudo isso adormeci e sonhei (?): vi-me num jardim perfumado, muito florido, olhei para trás e vi um portão imenso, acho que de ferro. Voltei a olhar para a frente e soube que caminhava conscientemente em direção a alguém e, ao mesmo tempo, era-me totalmente desconhecida a experiência. Eu sabia e não sabia sobre a direção que tomava – uma sensação muito difícil de descrever. Um jardim imenso, muito colorido, de cores intraduzíveis pela sua mistura e inspiração. O que estava calmo em mim trabalhou para acalmar um outro espaço meu que estava agitado.

– Boa tarde! – escutei.

– Boa tarde! – Respondi.

Para quem? De onde vinha aquela voz? Vinha de uma moça vestida como uma princesa da Europa na Idade Média. Loura, linda, suave, olhava-me com muita admiração.

– Mais do que admiração, é um agradecimento – disse-me.

– Eu estou sonhando com você?

– Há tempo para tudo.

– É verdade.

– Precisa ser assim, pelo menos por enquanto. Você já deve saber quem eu sou.

– Claro que sei! – surpreendi-me com a minha resposta. Eu não sabia e

sabia: ela era a mulher do Vlado. Uma força me levou a me concentrar na atmosfera: um jardim inspirador, deitei na relva e descansei e, neste estágio, a inoportuna, mas necessária pergunta: “Eu estou sonhando? De onde me vem o conhecimento destas pessoas? E por que estou na presença delas?”. Elizabete não respondeu, permitiu-me o descanso e ofereceu-me água (?). O que bebi teve a força de me acalmar e me amparar. Descansei, lembrava da minha mente torturada antes de dormir e agora calma. Contei-lhe os meus sonhos, antes de ela passar a ser personagem deles. Ela me ouviu em silêncio. Lembrei-me da atmosfera do Vlado, a escuridão, o peso, o espectro de tristeza. Por que tanta diferença?

– Esta resposta lhe virá com o tempo. Compreenda, estamos lhe contando uma história real como este momento aqui.

– E este momento é real?

– O que você acha?

De súbito, comecei a me lembrar de todos os meus estudos sobre realidades do tempo, espaços paralelos, microcosmo, macrocosmo. E sem saber porquê, disse:

– A realidade para cada um é uma. A minha realidade, sobre o que vem acontecendo comigo, é a realidade da dúvida, embora tenha muitas ferramentas: as coincidências, as sincronicidades pelas quais passei há doze anos e que voltam no revés agora...

– Alguém já lhe disse que você não vê as suas qualidades? – disse-me ela.

– Todos os que me conhecem dizem isso.

– Podemos conversar?

– Não já estamos conversando?

– Não. Estamos trocando impressões. Volte a deitar, reencontre o prazer do descanso que vi em você quando voltei com a água.

Obedeci e ela começou a falar. Não era para interrompê-la e nem eu queria.

– Antes de se findar o milênio, o primeiro milênio, eu conheci Vlado. Uma família pequena, completamente diferente da minha. Nasci em uma família de muitos irmãos e irmãs; não havia função para as filhas mulheres a não ser casá-las para manter ou fortalecer um brasão. Eu tinha quatro irmãs e cinco irmãos, era a menor de todos, cheguei por último e já encontrei a família montada. Ainda bem pequena perdi duas irmãs para o casamento, nunca mais as vi, mas guardo um mínimo de memória delas, principalmente o ar desolado por se separar da família para ir para terras distantes ainda muito jovens. Era uma tristeza calada, não podiam reclamar, declamar, propagar. Por ser a última, me deixaram no canto: havia nove vidas antes da minha para serem decididas, desenhadas, negociadas, compensadas e consumadas.

“Eu era uma criança muito só e encontrei nos jardins uma companhia. Por um tempo tive a minha irmã, que era dois anos mais velha e muito diferente de mim porque tinha outros interesses, preferia o interior da casa para planejar ou perceber qual seria o destino escolhido para ela. Eu não tinha estas preocupações, passava dias e dias sem trocar uma palavra com quem quer que seja. O meu pai era como o pai do Vlado, um conquistador; minha mãe era como a mãe do Vlado, utilizava a igreja como uma atividade para não sentir e reconhecer a sua inutilidade, a sua total ausência para qualquer decisão. Esta era uma tarefa do meu pai, única, que ele não dividia com ninguém. Traçava os destinos e vidas de todos nós, mas se esqueceu de mim, acredito que ele pensava que haveria tempo. Vidas mais urgentes pelo tempo e pela idade precisavam de decisões, roteiros e negociações.

“A minha irmã foi me deixando só; eu não sabia conversar como ela, não tinha a sua malícia, o seu entendimento, e quando ela falava e temia pelo seu futuro não havia nenhuma ressonância em mim e fui ficando ali, ou aqui, como você preferir. Este era e é o meu jardim. As pessoas também foram se esquecendo de mim, eu não participava da mesa, não tinha horários, não tinha utilidade, retornava ao interior da casa só para dormir. A minha ama trazia aqui, aqui mesmo onde estamos agora, a minha comida, que também não era importante. Até os catorze anos vivi para as minhas flores, para os meus pássaros, não conhecia todos os cômodos da casa, somente o meu quarto, o salão e a capela.

“Aos catorze anos exigiram que passasse a assistir às missas. Estranhei a ordem, era a primeira vez que se dirigiam a mim como pessoa e acho que até aquele momento nem eu mesma pensava em mim como uma pessoa. Profundamente solitária – a solidão não nos leva a pensar em nós, ela nos cobre tanto que a nossa visão é curta, não pensamos em sentidos –, eu era assim. Não entendia uma palavra do que diziam os padres, rezavam na sua própria língua e estar ou não estar ali, para mim, era a mesma coisa. Eu só conhecia Jesus, a minha ama falava dele todos os dias. Minha mãe ia às igrejas, mas nunca a ouvi falar de Jesus e demorei a associá-lo à igreja, aos padres. Minha ama falava de um divino muito importante que viera ao mundo para igualar as pessoas, dizia que ele não conseguiu, se conseguisse ela não seria a minha ama; seria livre. Livre do quê? Eu pensava. O que é ser livre? E ela dizia: ‘Livre como você’. Eu era livre? Contava-me dos milagres que ele havia feito para alimentar os pobres. O que eram pobres? Eu não sabia.

“Até os catorze anos eu era exatamente assim, não tinha informações para criar qualquer tipo de enbasamento, não tinha elementos para entender o que ela dizia; ensinou-me a rezar, me fez crer que rezando eu compreenderia o que ela

queria me dizer, mas que era preciso rezar com o coração. Neste dia foi a primeira vez que pensei que eu tinha um coração. Você que escuta pode não entender o que eu estou dizendo. Não, você entende sim. É claro que entende!”

É verdade, ela falava e eu entendia, não com a lógica, com a razão, mas com a aceitação da sua história. Quanto se aceita uma história não é preciso entender, apenas ouvir e acalmá-la no nosso coração, deixar a história entrar sem nenhuma medida, censura. É como abrir a janela e observar o tempo sem nenhum julgamento, nenhuma castidade.

“E aos catorze anos eu comecei a dar os meus primeiros passos como pessoa. Como me era difícil andar... Casamento? Lembrava de minhas irmãs tristes e encontrei no meu coração uma reza para ter com Jesus. Rezava para que continuassem esquecidos de mim, que me esquecessem tanto que não se lembrassem de me casar com quem quer que fosse. Matrimônio, na minha cabeça, era um monstro que engolia o jardim, todas as flores e todos os pássaros. Era como se as minhas irmãs tivessem morrido, uma morte pior do que a mãe da minha ama, que fora enterrada nas nossas terras e podia ser visitada sempre que quisesse. Era isto o casamento para mim, mais do que morrer, sumir, extinguir, deixar de existir.

“Um dia a minha ama me acompanhou até a capela e apontou-me uma estátua de madeira com a imagem de um homem magro, pintado de sangue, desolado, e me disse: ‘Este é Jesus’. Olhei para ele e lembrei das minhas rezas... O que ele poderia fazer por mim ou por quem quer que fosse? A cada reforma da capela ele trocava de lugar, como poderia me ajudar a não ser trocada de lugar? Tomei-me de uma pena suprema, lembrava das conversas com a minha ama. Que pena!... E ainda incultavam a ele pedidos e tarefas? Melhor pedir às flores e aos pássaros, se não podiam me ajudar me escondiam, faziam as pessoas se esquecerem de mim.

“Tentei eu ajudar Jesus. Levei uma escada e coloquei-a embaixo da cruz, para que ele fugisse, fosse embora, que viesse se esconder no meu jardim. Eu o protegeria.

“Com as minhas irmãs e irmãos casados, toda a atenção se voltava para a minha irmã maior e começaram a pensar em mim. Mudaram a minha vida radicalmente: eu precisava aprender a comer, a dançar, a me tornar uma mulher, assim minha mãe me dizia. Mulher, eu? Para quem ainda não se via totalmente como pessoa, pensar-me como mulher era uma distância imensa. É, confirmei que a cada ano que crescia mais parecida eu ficava com as minhas irmãs. Então é verdade! Eu sou e seria uma mulher? Os padres passaram a prestar mais atenção a mim e me falaram de um outro Jesus, completamente diferente do Jesus da minha ama. O Jesus do padre era alguém que nos escolheu, escolheu a minha

família para governar e dirigir o destino do povo que estava nas nossas terras. Inocentemente perguntei: ‘Mas ele não veio para nos igualar?’.

“Descobri o pecado, o que era pecar. Conheci o meu primeiro martírio e sacrifício. Como antes não fazia perguntas, entendi que perguntar era pecar, um pecado imperdoável de grandes martírios, sentinelas, jejuns, com uma semana de jejum eu estava tão fraca, tão diferente de mim mesma e entendi que me tornara uma mulher, era assim que se tornava mulher, meu olhar era triste igual ao das minhas irmãs, meu corpo era fraco e sem forças para falar ou andar.

“Procurei compreender todos os pecados para não cometê-los, mas não se tinha resposta para estas dúvidas, nada era claro. Assim conheci o risco e o perigo, o medo de pecar sem saber que estava pecando, como da primeira vez, temia o jejum, temia a fraqueza.

“Afastaram-me do meu jardim, queriam-me no interior da casa; o meu maior martírio, o meu maior sacrifício: viver no interior daquela casa completamente sem vida, eu e minha irmã; que algumas poucas vezes víamos a nossa mãe, sempre ocupada com a igreja e os padres.

“Minha irmã era uma estranha agora, passava o dia no espelho se penteando e a cada novo penteado dizia-se mais bela. Eu não via diferença, não entendia por que mudanças nos cabelos nos fariam mais belas. Um dia conversando com a minha irmã falei-lhe do meu medo pelo casamento, ela me disse que eu tinha sorte por ser a última filha e poderia escolher servir à igreja. ‘A nossa mãe adoraria’ – não sabia como ela sabia destas coisas – ‘e o nosso pai não há-de reclamar, afinal casou cinco filhos e três filhas... já escolheu o marido para mim. Não vê que estou sendo preparada?’”

Domingo, 18 de janeiro de 2009, às 20h20min.

* * *

Segunda-feira, 19 de janeiro de 2009, às 9h20min.

Acordei com a alma muda e falar pela mudez, por um lado, requer muito esforço; mas, por outro, basta permitir que a mudez fale por mim. De alguma forma esta história me envolve e começo a acreditar nela. A dúvida se ela se origina nas camadas imaginativas dos meus sonhos de gênio vão diminuindo. Estou me envolvendo... Como não?

Sonhei?... Sonhei de novo com o jardim, com uma diferença: eu estava do lado de fora do portão, uma visão prazerosa de montanhas e vales, carroças puxadas por cavalos que traziam na cara uma espécie de máscara que deixava só as orelhas, os olhos e a boca do lado de fora; uma máscara de pano grosso com

as cores vermelha e verde.

O portão estava trancado e eu fiquei por ali, não sei por quanto tempo, vendo as carroças passarem, carroças rústicas puxadas por cavalos nus; carroças mais elaboradas, com cortinas e puxadas por cavalos vestidos, uns apenas com a máscara de pano na cara, outros, além da máscara, uma espécie de tapete entre a pele e a cela. Cavalos muito negros ou muito brancos. Cavalos enormes.

O portão se abriu, entrei e fui procurá-la. Não estava no mesmo lugar de ontem, encontrei-a na capela. Ao andar por seu jardim, percebi a sua solidão; pensei na mistura de beleza e solidão. Nunca antes havia feito esta associação, só conhecia a beleza dividida, coletiva, beleza que atrai a multidão. Conheci uma espécie nova de beleza, a que repele, a que tem a solidão como o seu zelador. Voltei a sair pelo portão e vi a capela; sabia que ela estaria ali me aguardando.

– Desta vez você veio a mim. Você entendeu por que eu não estava no jardim?

“Nossa! Eu entendi!” – fui interrompida por este saber. Por questões de segundos teria lhe respondido negativamente, mas fui interrompida pelo meu saber e respondi:

– Você me deu a oportunidade de ir embora, de ser expulsa pelo jardim, pela solidão que o protege.

Ela nada respondeu, não precisava: entendimento entre almas, pode ser, não encontro outra explicação. Olhei para a capela e vi a imagem do Jesus descrito por ela. Acompanhando o meu olhar, disse-me:

– Hoje eu já sei que ele não é este pedaço de madeira. No entanto precisei de muitas experiências para conhecer o verdadeiro Jesus.

“Interrompemos a sua visita anterior no momento da história em que a minha irmã me comunicou que o nosso pai já havia escolhido um marido para ela. Esta notícia me abateu profundamente, eu seria a próxima. E como seria? Eu não queria que fosse, não pretendia mudanças no meu viver, sentia que a cada mudança me tornava mais triste e pesarosa, neste instante pude perceber o quanto já mudara. Externamente as pessoas se lembravam de mim e internamente começava a conhecer a desolação, não queria crescer. Será que haveria uma fórmula? Um jeito? E escolhi não crescer. Quem sabe desistiriam de mim?

“Muitas vezes vim a esta capela em desespero rezar por este Jesus, mas não conseguia, não conseguia enxergar o que ele poderia fazer por mim. Ansiei estar no lugar dele, com a vida definida, concluída, presa em uma cruz, inerte, esquecida. Olhava para ele e imaginava-me em seu lugar. Ah, se pudesse ser assim!

“Estas ilusões me confortavam. O que é que ele fez para o colocarem ali?

Minha ama dizia que o colocaram na cruz para que ele não completasse o seu plano de igualar as pessoas. Os padres diziam que ele escolheu este fim para si mesmo para salvar toda a humanidade do pecado. Entendi que não conseguiu nenhuma das suas pretensões: não igualara as pessoas e pelas penitências que eu já havia passado, que vi a minha irmã passar, a minha mãe e alguns escravos, ele não conseguira limpar o pecado do mundo. Fracassou, conclui.

“Minha irmã se preparava para o casamento. Meu pai era um conde e ela se casaria com o filho de um conde. Diferentemente das outras irmãs, ela estava animada. ‘Eu quero sair daqui’, dizia-me, ‘Não suporto mais esta casa. Qualquer coisa que vier pela frente não pode ser pior do que isto; casada ganharei uma liberdade, como a nossa mãe e o seu trabalho com os padres, poderei escolher alguma coisa. Você entende?’. Não, não entendia. O meu medo ao saber que a substituiria colaborava para não entender a sua alegria. ‘Você pode servir à igreja’, estimulava-me. ‘Eles estão começando a aceitar mulheres, não sei direito, mas elas ficam resguardadas nas igrejas rezando pelos homens que vão guerrear, conquistar’. Ah, então era isto que faziam os homens? E o que era guerrear, conquistar? ‘Aumentar o nosso patrimônio, para manter a nossa nobreza. Assim não seremos amos, nem escravos de ninguém. Não vê como os padres favorecem o nosso pai?’. Não, não via. O meu pai, para mim, era um transeunte que passava distante dos meus caminhos.

“‘Você viveu muito tempo sozinha. É no interior da casa que ouvimos e aprendemos o que somos e para o que vivemos.’ Será que eu não gostaria de ser nada? Mesmo participando do interior da casa, eu não entendia o que falavam. Minha irmã mostrou-me as roupas novas que ganhara para o seu casamento. Então casar era isto? Ganhar roupas novas? A minha ama trocava os meus vestidos quando eu crescia.

“‘Vou falar com o nosso pai, direi a ele que você prefere a vida religiosa. Não é isto o que você quer?’ Eu não queria nenhuma mudança, estava satisfeita com a minha vida no jardim, com a minha ama; toda mudança me trouxe enfado. ‘Mas você não pode continuar eternamente criança no jardim. Não vê que cresceu?’ Não, não via, negava esta visão. Preferia fechar os olhos e viver de lembranças nos passeios pelo meu jardim, na descoberta de pequenas pedras, ajudar os pássaros com os seus ninhos, olhar e regar as plantas no período de seca, protegê-las das enchentes e dos vendavais. E agora, quem me protegeria da seca vida que eu sentia, alternando-se com tempestades de medo e vendavais que se anunciavam para carregar-me para longe?

“A minha irmã conversou com o nosso pai e ele mandou me chamar. Nunca havia conversado com ele antes, sequer o vira de frente, parado. Lembrava dos seus perfis, via-o sempre de lado andando, cavalgando. Pode parecer inócuo,

mas esta era a minha vida, uma vida inócua. Estar de frente para ele, ver o seu rosto velho, cansado... Os seus olhos não diziam nada, eram duas pedras firmes, duras, e quando se mexiam transformavam-se em punhais que ameaçavam o meu coração e a minha garganta. O vinho escorrendo pelo canto dos seus lábios lembrava-me sangue. Este era o rosto do meu pai.

“Por que você não quer o casamento? Por que prefere a vida religiosa?” Como responder que não queria nem uma coisa nem outra? Pela primeira vez tocou em mim, em meus braços, balançando-me como se quisesse me acordar de um sonho, mas eu não estava sonhando, estava vivendo um pesadelo. ‘Responda-me!’ Eu não sabia falar, não sabia como falar com um pai. Lembrei-me dos riscos e perigos do pecado e senti ali o risco e o perigo de falar e errar. Ele não desistia das suas perguntas.

“A minha mãe foi chamada ao salão. ‘O que tem esta menina?’, ‘Não sei’, respondeu. ‘Ela é muda?’ Não, não sou – tive forças para dizer, mas meu pai já não conversava comigo. ‘Ela quer a vida religiosa, não quer o matrimônio.’ A minha mãe encantou-se com a ideia e conversava com o meu pai. E eu estava tão tomada de medo que fiquei surda, não ouvia o que falavam. Eu não estava ali, escapara para algum lugar. Percebi as minhas mãos embaixo da mesa embaralhando os dedos, olhei para eles e assim senti que a minha vida se abria para um embaralho; eles estavam decidindo o meu futuro. Descobri um sentimento novo, que eu não sabia classificar. Hoje sei que era ódio, mas na época não sabia, apenas sentia a vontade de morrer ou matar.

“Os dias se passaram. Vieram os padres falar comigo, incentivar-me para a vida religiosa. Vinham junto com a minha mãe e diziam-me ser uma escolha divina que me casariam com Cristo e eu seria uma das suas noivas. Então aquele Cristo tinha noivas? Esposas? Como poderia ser? Casar-me-iam com um morto? ‘Um casamento puro’, dizia o padre. Entendi que o encontraria nas preces e este entendimento me desanimou, nunca consegui de fato rezar. Tudo o que conseguia sentir por Jesus era uma enorme pena e pesar, transformaram-no em um corpo de madeira, ornado com tintas vermelhas. Como poderia ser? Nada consegui falar e sem saber criava um impasse, um grande problema para o meu pai. Também sem perceber me tornei uma arma da minha mãe, eu era a única oportunidade de ela escolher e destinar, antes isto nunca lhe fora permitido e ela complicava o meu pai com os padres.

“A minha presença era sinônimo de gritos e desavenças. Por que o meu pai não me queria na vida religiosa? ‘Para não ter que dar o seu dote para a igreja’. Olhei para a minha irmã. ‘Dote? O que é isso?’ ‘Moedas, terras, terras, moedas’. Então o meu casamento com Jesus era uma relação de compra e venda como os escravos? A minha ama me contara que os escravos eram comprados e vendidos.

Então seria assim comigo, caso a minha mãe vencesse? Eu seria vendida para um noivo morto?

“Agarrei-me à minha irmã e pedi: ‘Leve-me com você!’. Predestinação? Não sei, mas agradou a minha irmã a ideia de não ir sozinha, de levar-me com ela, e neste momento eu conheci a astúcia. A minha irmã convenceu o meu pai e a minha mãe sobre deixarem-me seguir com ela para que eu visse o que era um matrimônio. A minha mãe temia perder para o meu pai e vice-versa, ambos temiam perder e sabiam, nos seus íntimos, que um dos dois perderia e esta solução arranjada pela minha irmã impediria a perda, ou pelo menos a prolongaria.

“Eu estava com quinze anos e a minha irmã com dezessete. As discussões pararam. A minha vida agora era experimentar roupas que estavam sendo preparadas para eu acompanhar a minha irmã ao seu casamento. A alegria e as esperanças dela me contaminaram, mas pensava no meu jardim. Fiz a minha ama prometer que cuidaria dele. O meu coração estava dividido, contagiado pela alegria da minha irmã e envenenado pelos meus medos, mas a possibilidade de andar nas carroças, conhecer outras terras... A minha irmã percebeu esta minha abertura e a explorou e, ao mesmo tempo, me dizia que a minha presença junto dela a faria se sentir menos só.

“Iríamos para outra família. Como seriam aquelas pessoas? A minha irmã soubera pelo meu pai que faria um casamento feliz, que o conde tinha um único filho, um único herdeiro. Não sei por que minha irmã via nessa possibilidade um grande incentivo para a sua felicidade. ‘Você não vê? Serei a única mulher na casa! Ele não tem irmãs para dividir as atenções comigo e não tem irmãos para repartir o seu patrimônio’. Eu escutava, mas como era sobre a vida dela, assim escutava: era a vida dela. E a minha como seria? Prometeu-me fazer um jardim só para mim. ‘Não é isso o que você quer?’. Dava-me ali a oportunidade de um terceiro caminho, casar-me com um morto, casar-me com um desconhecido ou voltar para um jardim – esta ideia me animou, não precisaria escolher, ela já havia decidido por mim.

“A viagem foi longa, com muitas carruagens. Cada vez que me afastava do que me era conhecido sentia-me nas patas dos cavalos que traçavam um mundo novo para mim. Para onde estávamos indo? Assim, tão longe! E as pessoas que conheceríamos seriam iguais a nós? Voltava o pensamento para o jardim que seria construído para mim. Quando conversava com a minha irmã sobre o assunto, dizia-me: ‘Precisaremos chegar lá e ver se as vegetações que conhecemos brotarão neste novo solo’. Mudanças... Como seria? Um jardim em solos diferentes...

“Enfim, chegamos. Fomos recebidos pelos pais do noivo da minha irmã que

muito se desculparam pela ausência do filho. Diziam que ele estava em caçadas, que não sabiam ao certo o dia da nossa chegada, mas que ele não demoraria para voltar.

“Começaram os preparativos para a festa. O pai do noivo da minha irmã lembrava muito o meu pai: um rosto cansado, sem vida. Não entendia uma palavra do que ele falava. Também não prestava atenção, não era a minha vida que estava sendo discutida, era a vida da minha irmã.

“Encontrei um jardim totalmente diferente do meu, mas era muito lindo também. Conhecer aquelas novas cores, tulipas. Uma ama me foi destinada e com ela aprendi os nomes dos seres do jardim. Os pássaros também eram diferentes, animei-me com a possibilidade de conhecer um mundo novo, o nome de cada um, as suas necessidades, como lidavam com as secas e as tempestades.

“Ouvi barulho de cavalos. O jardim era suspenso, findava-se em um precipício do qual se enxergava uma estrada e vi cavaleiros conduzindo os seus cavalos; chegaram à frente da casa e um deles desceu e veio na minha direção. Predestinação? Quando o vi de perto foi como um raio direto no meu coração; ele também nada dizia. Ficamos assim por um tempo em completo estado de choque, um de frente para o outro; os nossos olhos perscrutavam procurando nos conhecer.

“A ama veio ao nosso encontro interromper aquele início de idílio, que na época eu não sabia o que era:

“‘O senhor está sendo aguardado no salão principal para conhecer a sua noiva.’ Como resposta olhou para ela, olhou para mim e em segundos o seu vigor desapareceu, os seus olhos ficaram tristes, o seu ombro caiu, ficou menor, olhou-me assim mais uma vez e se foi.

“Fiquei por um tempo até que a minha irmã veio me buscar. Falava-me de como era lindo o seu noivo, diferente, enigmático, silencioso. Será que ela falava do mesmo homem? ‘Você precisa ver como ele fala, não como os nossos irmãos totalmente subalternos ao nosso pai. Ele fala por si, negociou diretamente o meu dote, é muito diferente, tem algo de superior; não permitiu que os seus pais se envolvessem, dizia estar decidindo a sua vida. Você pode acreditar nisso?’ e agradecia a Jesus a sua sorte. A minha mente estava confusa, o homem que eu vi era subalterno ao meu olhar, os poucos minutos que ficamos juntos fez-me sentir maior que ele, olhava se entregando, fraco, frágil, puro, quase o carreguei; a minha impressão é que ele estava prestes a se ajoelhar diante de mim e, sem me tocar, caiu sobre mim. De quem minha irmã estava falando?

“Entre no salão, o revê e um novo choque fez disparar o meu coração. Ali estava ele: o homem que eu conheci diminuindo-se na minha presença, calado, ruborizado, pálido, tentando falar sem conseguir. Os seus braços o amparavam

em uma cadeira, ele iria desmaiar – já assistira à minha mãe desmaiar, mas... desmaios não eram coisas de mulher? –, ele puxou a cadeira e sentou, sentou para não cair e não tirava os seus olhos de mim. A minha irmã retirou-me imediatamente do salão, mandou que me recolhesse em um quarto e que esperasse pela nova ama.

“Na manhã seguinte voltei ao jardim, a minha ama acompanhava-me ensinando-me o nome das plantas. Senti a sua presença sem me virar, não conseguia olhar para ele, disse-me o seu nome: Vlado. Já sabia o meu nome, Elizabete. Eu não conseguia tirar os olhos do jardim e dos pássaros. A sua presença me dava medo, ouvia cada palavra que dizia, mas não conseguia responder, se foi como veio.

“No dia seguinte voltou a me procurar nos jardins, caminhamos juntos, eu caminhava com as flores e os pássaros temendo atravessar o seu caminho e ele atravessava o meu sem me pedir licença.

“Os meus pais foram chamados, quando chegaram houve uma reunião: não haveria mais casamento.

“‘Por quê?’, perguntei. Percebi que a minha irmã estava triste e com muito ódio de mim.

“‘Por quê? Traidora! Maldita hora em que resolvi trazê-la comigo!’

“‘O que eu fiz?’, o meu pai mandou me recolher em meu quarto e a minha alma adoeceu de tristeza por minha irmã, ela estava tão triste e desesperada! Por que não haveria mais casamento? Por que tanto ódio da minha irmã por mim? Será que havia pecado sem perceber? Como descobrir? Pedi um padre para me confessar, para descobrir se havia pecado ou errado. O padre veio e não quis me ouvir, já sabia do meu erro e do meu pecado: a minha presença pusera fim ao casamento da minha irmã. Mas por quê? O que eu havia feito para patrocinar tal desfecho? O padre me deu como penitência e sacrifício ficar uma semana sem falar. Perguntei-lhe se poderia ficar no jardim e ele concordou, afastaria-me do interior da casa, quem sabe assim o rumo das decisões não retornaria ao trecho pretendido.

“Fui cumprir a minha penitência no jardim. Vlado vinha ao meu encontro, falava comigo e eu tinha vontade de falar com ele, mas o meu coração estava triste, pesado com a penitência fechando os meus lábios. Vi-o entristecer também. Caminhávamos em silêncio, ele na sua tristeza, cujos porquês eu não conhecia; e eu na minha. Olhava-me perdido, triste. Eu tinha as plantas e os pássaros para me inspirar alguma coisa, mas ele não se amparava com os meus amparos.

“Uma semana se passou e ele ficava horas silenciosas ao meu lado, no meu jardim. Passada a penitência, a minha irmã veio falar comigo. Estava diferente,

voltara a ser alegre: iria se casar com o irmão do conde, que era um conde também. Um homem trinta anos mais velho do que ela, viúvo e sem filhos... e disse-me feliz:

“‘Enfim, não perdi nada, muito pelo contrário! Aqui precisaria esperar que a mãe de Vlado morresse para que eu me tornasse condessa e casando-me com o conde tornar-me-ei condessa instantaneamente!’ A minha irmã estava alegre outra vez e isto devolveu a minha alegria. No primeiro momento não entendi por quê, mas fiquei muito alegre com as mudanças. Era a primeira vez que uma mudança não me assustava, muito pelo contrário, descobri que existem mudanças que são bem-vindas e o meu medo por mudanças diminuiu ali.

“Deixei a minha irmã com os preparos para o seu novo casamento. O comportamento das pessoas mudou comigo, antes hostil e agora quase carinhoso. O que teria acontecido? Reconheci a minha dificuldade de entender os acontecimentos. Eu era assim, tão diferente de todo mundo, sozinha, solitária, órfã – apesar de ter pais vivos –, nunca fora importante, nunca prestaram atenção em mim; eu também não via importância nas pessoas e nada nelas chamava a minha atenção.

“Refugiei-me com a minha alegria inesperada, súbita, surpresa, no jardim. Seria isso a origem da minha alegria? Vlado veio até mim, vi-o andar sobre a relva e conheci a sua força, perdi completamente o interesse pelo silvestre, pelos pássaros, ele era tudo isso e muito mais. Veio em minha direção, segurou as minhas mãos:

“‘Você me quer?’. Não entendi a pergunta. Apesar de ter percebido, ele a repetiu do mesmo jeito.

“‘Você me quer?’. Que convite era aquele? Ele estava aflito, as mãos estavam frias, apertei-as para transmitir o meu calor e ele mudou a sua fala para uma afirmação:

“‘Você me quer.’ Encostou os lábios na minha mão e fui tomada por uma emoção totalmente desconhecida e desproporcional. Sentia-me forte e frágil, tudo se alternava, segurava a mão dele em busca de apoio, temi desmaiar, segurava as mãos dele para apoiá-lo, temi que desmaiasse. Soltou as minhas mãos e segurou os meus pulsos e as mãos dele começaram a se arrastar bem devagar, ora saltitantes, ora pressionando; percebi que elas caminhavam nos meus braços no ritmo da batida dos nossos corações.

“Era a minha vez de segurar os seus braços, mas não era o seu braço, era uma capa grossa que distanciava os meus dedos da sua pele, e a fina manga do meu vestido era como se o meu braço estivesse nu. Olhei para as mangas do casado e não permiti que elas me separassem da pele dele. Impus as minhas mãos com um toque de marcha, como as patas de um cavalo, e entrei com elas

pelo interior daquela veste e encontrei a pele dele. Um torpor nos tomou. O que era aquilo? Ele já havia me dito, era o meu querer por ele. E eu o queria, queria muito. Para quê? Para que eu o queria? O que tinha nele que me roubava do meu jardim?

“A minha cabeça começou a rodar, agora eram as minhas mãos que estavam frias. Percebendo que eu ia cair, avançou com a mão pela minha cintura e com uma força, para mim até então desconhecida, levou o meu corpo para o corpo dele, trouxe os seus lábios para os meus. Era um sonho, só podia ser. Me suspendia do chão ao mesmo tempo em que me entronava na terra. Tudo em minha volta desapareceu e de repente senti um imenso medo, um medo tão forte que trouxe aos meus músculos a força de desgrudar o corpo dele do meu. Segurei o meu coração. Eu precisava voltar para mim. Que mudança era aquela? Um misto de alegria, susto e medo me fez dar as costas para ele, mas ele não se intimidou.

“‘Eu sei o que você está sentindo. Eu também estou; é o medo que antecede a chegada de um grande amor. É a segunda vez que conheço este medo, porém agora é muito mais forte.’

“‘Quando foi a primeira vez?’ , perguntei aflita.

“‘Quando comecei a amar Jesus’, ele respondeu.

“Lembrei-me da primeira vez que ouvira falar de Jesus. O Jesus da minha ama, o Jesus dos padres, o Jesus da madeira. O meu amor por ele não trouxe medo, apenas pena, pesar, por ter escolhido a morte como penitência do seu fracasso.

“‘É a primeira vez que sinto este medo’, eu disse.

“‘Não fuja dele, deixe que ele a tome. O medo abre um grande caminho para o amor.’

“Então era aquilo? Era aquilo o que eu sentia por ele? Amor.

“‘Não sabia que se podia amar pessoas’, disse-lhe.

“‘Também não.’

“O meu coração e a minha cabeça queriam respostas, mas eu não tinha sequer as perguntas.

“‘Não sei o que dizer.’

“‘Não há nada para ser dito, eu quero viver com você este amor.’ Beijou-me mais uma vez. Os seus lábios agora já eram conhecidos dos meus, aprendi a beijar com ele e ele aprendia a beijar comigo, ficamos ali, naquele eterno beijo, naquele silêncio falante, sentamos e ficamos juntos esperando o pôr do sol.

“Ele dizia que de onde estávamos, quando o sol se derramasse ao ocaso, nós o veríamos muito perto. E foi como disse: vi o sol pela primeira vez tão perto... um círculo amarelo, laranja, vermelho... Desta vez fui eu quem o beijou,

eu precisava daqueles lábios para sustentar a invasão de sentimentos que naufragavam e sublimavam e ao mesmo tempo enalteciam a minha alma.

“A minha ama veio nos chamar para o jantar. ‘Não precisamos ir se você não quiser.’ Eu poderia escolher? Então escolhi ficar ali, apreciar a chegada da lua. Não queria me separar dele e vi as mudanças acontecerem rapidamente, criando em mim um centro de decisões pelo qual finalmente eu poderia dizer sim ou não. Com a chegada da lua os pais dele vieram nos buscar; acabaram a nossa licença e as nossas decisões.

“Fui para o meu quarto sem comer, mas não era um jejum que me enfraquecia, eu não queria ocupar o meu corpo, substituir o sabor dele por outros sabores. Algumas horas afastada da sua presença procurei pela primeira vez o espelho. Embora nunca tivesse me olhado antes, sabia que mudara, era uma mulher e era bom ser mulher. Por que temi aquele momento? Por que não queria que ele chegasse? Estas respostas só me vieram com o tempo.

“Começaram os preparativos para o meu casamento. Então era isso? Iriam nos casar? Dentre as minhas mudanças, descobri que saíra da solidão, que podia conversar com ele. Aceitei calada todas as informações, dividiria as minhas dúvidas e não entendimentos com ele. E assim foi. Eu não sabia o que era casamento. Eu vim aqui para fugir de casamentos, falei-lhe sobre as minhas possibilidades de casar com Jesus ou com um desconhecido, mas Jesus também me era desconhecido.

“‘Você é tão pura, não se preocupe com isso, o que me ensinaram sobre casamentos não tem nenhuma utilidade para nós dois. Casamento é um negócio entre famílias, mas a nossa união não será um negócio.’

“‘Então não nos casaremos? Mudaram-se os planos mais uma vez?’

“Ele ria e me abraçava, estava feliz.

“‘Serei o seu marido, amante e professor. Conhecerás a vida por mim, mas a vida que vivi até hoje não cabe na nossa união. Eu não tenho respostas para tudo.’

“Ele me disse que pensava no cérebro e no coração e que não havia respostas em nenhum destes órgãos. Tateou o seu corpo milimetricamente; disse-me que estava procurando qual o órgão que teria as nossas respostas.

“De verdade, hoje aqui falando para você que me escuta, eu e Vlado não tínhamos a menor ideia do que estava acontecendo. Não havia um comando, não conhecíamos as nossas emoções, não tínhamos parâmetros para refletir o que sentíamos e dessa forma a natureza em mim e a natureza nele se expressou com todo o seu instinto, sem nenhuma fronteira, sem nenhuma informação que impedisse a ação dessa natureza em nossos corpos. Aprendíamos com o que sentíamos, experimentando com a natureza solta como o sol, a lua e a relva,

éramos como plantas se desenvolvendo ao labor do clima e nos permitíamos a tudo. Não havia informações que nos conduzisse e a natureza dos nossos instintos conduziu o nosso amor e o nosso amar. Não percebíamos que atravessávamos fronteiras perigosas dentro da nossa entrega.

“Nas confissões com os padres descobrimos que éramos abomináveis e decidimos que abomináveis eram os padres e tudo o que estava fora do nosso mundo. Já sabíamos que os padres mentiam; como competir com uma fonte mentirosa tendo no embate a verdadeira expressão da natureza em nós? Nada em nós mentia, tudo era de verdade.

“Fomos expulsos da casa do pai dele e no mesmo período a mãe dele morreu. Fomos morar na nossa casa. O pai dele nos visitava querendo fazer Vlado enxergar a necessidade de ser dono de terras, de comandar, mas ele não queria. Nada aceitava que o distanciasse de mim. Seguir com as caravanas? ‘Nem pensar’, dizia. E a preocupação do pai aumentava. Nada que não fosse eu interessava a Vlado, não conseguíamos ficar separados e abdicávamos do mundo que também não queríamos. Tudo isso nos fortalecia para construir a nossa vida única, desbravada pela natureza. O pai morreu. O que fazer agora? Entregou a administração das terras para a igreja, contanto que ficássemos ali, mantidos pelo nosso amor. Uma alta patente da autoridade religiosa passou a morar na casa do pai dele. ‘Que alívio’, pensávamos.”

Segunda-feira, 19 de janeiro de 2009, às 11h36min.

6. De novo com Vlado

Terça-feira, 20 de janeiro de 2008, às 8h05min.

Hoje eu acordei às 7h30min. Diria que estou meio acordada. A vivência do sonho foi muito forte e eu estou neste limbo. Vamos ao que aconteceu.

Mais uma vez aquela atmosfera sombria, escura, não posso enxergar nada; hoje percebi que a escuridão aumenta a audição e a capacidade de ouvir com uma concentração total.

– Então você a conheceu.

– Isso não estava no projeto?

– Não, não sabia que ela a atrairia, fiquei surpreso. É uma bela surpresa.

Voltou à sua narrativa e eu o ouvia:

– Vivíamos a nossa vida de amantes, não conseguia pensar em mais nada, me entregar a mais nada. Cada dia era uma descoberta. Elizabete era um espaço vazio e isto me animava. Conte-lhe sobre todas as minhas experiências e por que as fiz. Ela não me repeliu, não me repugnou porque me amava e porque era pura. Nunca existiu ninguém como Elizabete, a sua total falta de conhecimento de tudo me tomou e vi que conhecimento não era importante. E me tornei como ela, sem perguntas, sem querer entender o que estava acontecendo, totalmente entregue ao labor do nosso forte sentimento.

“Um dia recebemos a visita do meu tio e da irmã de Elizabete. Ele estava preocupado, soube por fontes seguras que a autoridade que administrava as nossas terras pretendia tomá-las totalmente de mim para a igreja afirmando que eu era um louco, lunático e desconfiavam que a estrangeira me tornara um pagão abominável. Dizia-me que a tal autoridade religiosa pleiteava ser o papa e sendo dono do meu patrimônio teria a passagem para os seus intentos. A irmã de Elizabete estava muito preocupada com ela. Débeis mentais – como pode Elizabete ser uma pagã abominável? Ninguém mais do que ela amava com sinceridade a tudo o que amava; amava tanto a Jesus que tinha compaixão por ele!

“Meu tio dizia-me que era o momento de eu sair da minha alcova amorosa para retomar o meu patrimônio, ele me ajudaria. Fazia parte de outra facção da igreja que não queria aquele que, até então, acreditava ser apenas o meu administrador, na cadeira suprema da nova religião que se espalhava pelo

mundo, utilizando-se da ambição dos nobres para matar e crescer.

“Elizabeth me apoiou. Foi um choque para o administrador quando retomei a administração do meu patrimônio, abortando os seus ideais ambiciosos. Ganhei um grande inimigo. Tentou dizer que eu era um louco, de comportamento monstruoso e começou a espalhar que eu era uma fera, não um homem, e que Elizabeth era uma das noivas do demônio, que me tomara para discípulo. Não encontrou eco dentro da igreja, a outra facção tratava de desmentir o que ele dizia e o meu amor tornou-se uma causa política dentro da igreja; de verdade ninguém estava preocupado comigo e Elizabeth, era uma questão de política apenas.

“O meu tio e a irmã dela se aproximaram. Ele era muito fiel ao meu pai; não tinha a sua força de conquistador e o seu patrimônio, bem menor que o meu, fora-lhe dado por meu pai. Possuído desta sincera e fiel amizade ensinou-me a administrar. Eu não tinha nenhum talento para aquilo, afastava-me das poesias que escrevia para Elizabeth, tomava-me um tempo que queria dedicar só para ela. Por que não nos deixavam em paz? As suspeitas do meu tio foram confirmadas, a autoridade religiosa que administrava a minha terra passava o maior lucro para a igreja e para a facção à qual pertencia. Quando voltei a assumir o meu lugar, ele viu desvanecer, sumir, os lucros do nosso patrimônio. Fiz inimigos, não era o que eu queria.

“Elizabeth engravidou, já estávamos há dois anos casados. Pela grande frequência da nossa sexualidade estranhávamos a demora da chegada de um filho. Quando ela engravidou, calou, levou para longe o nosso medo de não produzirmos frutos do nosso amor. Foi uma grande alegria, algo de novo se operava em nós, ela carregava no seu ventre alguém que dependeria por muito tempo de nossas forças. Dizia a mim mesmo que não seria para o meu filho o que o meu pai foi para mim. Elizabeth fazia planos para que a história do nosso filho não fosse uma repetição da sua história ou da minha.

“Em meio a alegrias e planos, ela perdeu o bebê. Eu não sabia que isso podia acontecer, nem ela. Foi um susto, nunca tinha ouvido falar nisso, ela também não, e uma tristeza imensa caiu sobre a nossa casa e o luto sobre os nossos corpos. O que teria acontecido? Será que Deus não nos achava dignos de ser pai e mãe? Foi este fato que aproximou Grego da minha vida.

“Com muito medo me procurou para conversar, jurando saber o porquê do desígnio. Vendo-me fraco, sofrido, teve coragem de abrir o seu conhecimento para mim. Ele já era um homem de sessenta anos, já estava há vinte anos conosco. Era um escravo, um escravo incomum, trazido pelo meu pai para ensinar-me, para dar-me conhecimento, mas nunca conseguiu, pelo medo que sentia por mim. Revelava-me agora que nas suas terras era um filósofo

alquimista, que estudara ciências médicas declarando-me que, por todas as experiências que ele soube que eu fiz, por minha busca de conhecimentos na fonte, eu me tornara um mutante. Mutante? O que era isso?

“‘Dentro do seu corpo, do seu sangue, mora o veneno dos ratos, das aranhas, das serpentes, de tudo o que você comeu...’ Não quis ir adiante, nós dois sabíamos do que falávamos.

“Consegui entender que o meu sangue possuía aderências dos roedores, dos répteis e dos insetos; tinha sido isso a incompatibilidade de gerar um filho com Elizabete. Embora esclarecesse a sua afirmativa, levou-me para um luto maior. O que fizera eu da minha vida? Por que me entregara àquelas experiências? Seria mesmo um louco, tal como afirmava o meu inimigo religioso? Conduzir Elizabete para os meus caminhos antigos não me era possível, nem ela suportaria, e o Grego afirmava que se o fizesse não poderia prever que tipo de fruto teríamos, o que viria de nós.

“Quis estudar os segredos ocultos do Grego, o que tomava-me mais um tempo separado de Elizabete. Ele enfim cumpriu o seu papel de me esclarecer, de me tornar um homem de conhecimento, como pretendia o meu pai, embora, para a minha infelicidade, fosse tarde demais. Mandou buscar, com a minha autorização, mais dois gregos. Dizia ter sido apartado do seu grupo de estudiosos desde que fora tomado como escravo pelo meu pai. Os outros dois gregos, seis meses depois, chegaram à nossa casa. Junto com o Grego contei-lhes sobre toda a minha vida e eles me escutavam, ora se assustavam, mas me compreenderam. Pedi a Elizabete que falasse sobre a sua vida, informei-lhe que aqueles homens poderiam nos ajudar, que era a nossa única possibilidade de conseguirmos ter filhos e ela contou a história dela.

“Comprovando as divergências e disparates – ela com a sua pureza e eu com a minha pureza impura – começaram a fazer sangrias. Colocavam em pequenos vidros o meu sangue separado do sangue de Elizabete. Nossos sangues muito diferentes, comecei a estudar com eles, o meu coagulava rápido. Como vou dizer... transformava-se quase em uma bola, pequena bola, uma cola. Com o sangue de Elizabete era diferente. Para comprovar o que diziam, os gregos fizeram sangria em si próprios e mostraram que o sangue deles e o de Elizabete eram parecidos.

“Examinaram o meu corpo e acharam os meus dentes excessivamente fortes. E as minhas unhas, já falei sobre elas, eram muito duras, difíceis de serem cortadas. Sugeriram-me cortar o cabelo para ver o que aconteceria. Tiraram todo o meu cabelo e aguardamos. Demorava a crescer. Sempre tentando demonstrar o seu conhecimento e a sua ciência, os gregos tiraram os seus próprios cabelos. Quatro meses e as suas cabeças não estavam mais lisas, os pelos cresciam, e o

meu ainda não. O que eu era? No que eu havia infantilmente me transformado? Pediram-me para cortar a minha pele, para ver o que acontecia. Ao contrário do cabelo, ela se regenerava muito rápido. ‘Como os répteis’, disseram.

“Elizabete acompanhava tudo, não teve medo de mim, nada destas revelações minava o amor dela por mim. Mas o meu amor por ela mudou, temia infectá-la com o meu sangue. Esta preocupação tirou-me quase por completo o apetite sexual, deixei-a triste, vulnerável, sombria e os gregos começaram a me dar remédios, passei por rituais só conhecidos por eles e Elizabete voltou a engravidar.

“Descobri que tinha um talento, uma grande intuição, um faro apurado, e o nosso patrimônio crescia, crescia muito. Os gregos acreditaram que a minha grande e desproporcional inteligência para os negócios também era fruto das minhas experiências com o meu corpo, ou o inverso disso, que a tal curiosidade desmedida poderia já ser a inteligência que por falta de orientação adequada precipitou-se para o infortúnio. Descobri em mim talentos desconhecidos. Incentivaram-me à música e muito rápido já dominava os instrumentos conhecidos da época. Não só os tocava como também compunha melodias e ritmos tristes, consoantes com o meu coração.

“Os gregos concentraram as suas atenções e conhecimentos científicos para Elizabete, e o meu filho dentro dela se desenvolvia. ‘Muito rápido’, acharam. Com seis meses, três antes do previsto, Elizabete deu à luz. Momentos torturantes, um suspense maligno e doloroso, impregnado de remorsos e arrependimentos que, infelizmente, não tinham mais nenhuma utilidade.

“O meu filho nasceu, aparentemente normal, o que foi uma surpresa para os gregos. Nos seus conhecimentos, crianças que nasciam muito antes do previsto eram frágeis e não sobreviviam, mas ali estava o meu filho, perfeito, alegre, esperto e a alegria voltou a tomar conta da nossa casa.

“O final do milênio se aproximava e fomos, todos os nobres, convocados para uma reunião junto ao Papa. Por ele ficamos sabendo que os ateus, pagãos, de terras longínquas se armavam para nos dominar e para vingar o que havíamos feito com os pagãos que escravizamos. E ali fui escolhido, por ser o nobre de maior envergadura, pela minha astúcia revelada pela multiplicação do meu patrimônio, a liderar uma grande batalha.

“Tentei em vão não me envolver com as intenções religiosas, de tudo fiz para declinar do convite. Meu tio lembrou-me dos inimigos que eu já tinha dentro da igreja, que até então não haviam conquistado o intento de me derrubar pelo apoio que tinha da outra facção e não seria inteligente me opor contra quem me apoiava. Fez-me ver e crer que colocava o meu patrimônio, a minha vida, a vida de Elizabete, a vida do meu filho e incluía na lista a sua própria vida e a

vida de sua esposa que esperava por um filho. Ter um filho fez nascer em mim um novo amor, forte e intenso de todos os que eu já havia experimentado.

“Aliás, o amor em mim sempre foi intenso, profundo, marginal e virginal ao mesmo tempo. Tornei-me mais responsável, mais mundano também, preocupado com as coisas do mundo. Não, não colaboraria com a igreja para o extermínio da minha família. Meu tio, por ter uma nobreza duvidosa, por seu pequeno patrimônio, para se fortalecer e me fortalecer propôs que somássemos o nosso patrimônio, uma aliança. E assim a nossa casa se tornaria mais forte e ele, com a sua experiência, me orientaria. Começaram os preparativos para o grande encontro e a batalha.”

Ele se calou. Por quê? Haveria terminado a sua narração do encontro? Pensei em ir embora, quando ele me chamou e disse:

– Espere. Ainda não terminamos.

Comecei a sentir uma pequena mudança na atmosfera, tornando-a menos densa. O que é que estava acontecendo? A resposta não demorou a chegar. Na outra ponta de onde eu estava, vi Elizabete chegar com a sua claridade, com a sua luz própria.

– Fique onde está – disse.

E de repente o meu corpo tornou-se uma ponte entre ele e ela.

– Elizabete! – Ele disse alegre, feliz, ansioso, coitado, desgraçado.

– Vlado! – Ela respondeu.

E a vi passar por mim, pelo que estava de meu ali, se é que estava, uma corrente de vibração muito forte. As energias deles se encontravam no meu corpo. Como descrever esta experiência? Conheci a desolação de ambos, uma tristeza irreproduzível, um arrependimento e remorso indizíveis. Quase desfaleci, fui socorrida pelas energias de Elizabete e fui tomada por uma coragem, uma ação cardíaca de tamanho incomensurável e senti a doença dele e a cura dela se estabelecer no que estava em mim ali.

Eu era como um fio que fazia correspondência entre as duas polaridades. Percebi em mim a desolação diminuir e, na parte desolada, recebendo as influências corajosas, foi-me dito que Vlado recebia, por intermédio de mim, a corrente elétrica amorosa que vinha de Elizabete. Um longo silêncio se estabeleceu. Silêncio? Como escolhi mal a palavra! Não era silêncio, era um verbo, uma verbalização tão forte, profunda e coerente que dispensava qualquer palavra que existisse. Nenhuma palavra vestiria, descodificaria aqueles minutos, aqueles momentos. Foi quando passei a ouvir:

– Conhecer o Vlado foi a melhor coisa em minha vida.

Na sequência desta declaração de Elizabete escutei dele um grande urro, um urro quase animal, um urro alegre e triste. Ela continuou:

– Naquela época, embora já tivesse aprendido muita coisa com ele, sobre a política daquela igreja, não tinha espaço para entender com profundidade os seus conhecimentos. Os gregos nos ajudaram muito a entender a verdadeira intenção religiosa. Roma havia perdido o seu poder patrimonial e encontrou em Jesus a fórmula para retomar o seu império.

Percebi que Vlado chorava. Minhas atenções estavam divididas e ela interrompeu a sua história para dar-me algumas explicações, para auxiliar-me na minha concentração.

– Os nossos atuais encontros são muito raros. Há muitos e muitos anos não nos encontrávamos porque precisamos de alguém que faça esta ponte.

Lembrei-me dos meus doze anos de despreparo e sofri por eles e pensei: “Por que não me preparei?”. E a corrente elétrica do remorso que passava no que tinha de mim ali me fez refletir. Esta história havia começado há doze anos e foi abortada pela minha total falta de condição.

– Não cobre nada de você – auxiliou-me Elizabete – o tempo predestina, o homem destina-se e a predestinação encontra-se quando estamos prontos e preparados para ela.

Por conseguir enxergar totalmente Elizabete de um lado e a escuridão do outro tinha uma dimensão de onde estava Vlado. Pensei em caminhar na escuridão até onde ele estava.

– Não faça isso – disse-me. – Ainda não, você não suportaria. O que você queria trazer já chegou até mim.

Meu Deus! O que é que está acontecendo? Isto seria um sonho? A minha genialidade imaginando, criando esta história?

– Estes seus questionamentos não me são importantes, de nada valem para mim – disse-me Vlado. E repetiu: – Esta é a minha verdade e a verdade de Elizabete, não precisa ser verdade para você e nem para ninguém.

Lembrei-me dos exercícios respiratórios que conhecia para me acalmar e então cumprir o meu papel ali, de ouvinte.

Elizabete continuou:

– Desde a primeira visita da minha irmã, ouvi-la fez-me ver o quanto o seu casamento era diferente do meu. As suas experiências amorosas não passavam de visitas ocasionais do marido, que dormia em quarto separado. Tinham até uma roupa especial para esses encontros. Quis ver a roupa e ela me trouxe em uma segunda visita, um vestido, uma mortalha com uma abertura na direção do seu genital; e ali o marido a visitava e quando completava o seu interesse deixava-a e voltava para o seu quarto. Então era só isso? Não consegui falar do meu amor com Vlado, ela ouvira boatos, queria confirmá-los, sentia-se responsável por mim, por ter sido abandonada por todos. Chorava segurando as

minhas mãos, eu não entendia o seu choro. Eu era feliz. Ela declarava que fora preparada para o casamento pela minha mãe e se casara com um homem mais velho, um viúvo, que já tinha experiência nesses terrenos, que eu não houvera sido preparada por ninguém. “Fui sim”, repeli a sua afirmativa, “Fui preparada pelo amor do Vlado”.

“Queria falar dos boatos, dos julgamentos sombrios que vinham deles. Se eu confirmasse os boatos... não deixei que aprofundássemos na conversa, não queria mentir para ela, mentir por quê? Mas havia uma enorme distância entre o amor de minha irmã e o marido e o meu amor e o meu amar com Vlado. Quando soube que eu estava grávida, veio me ajudar, me ajudar a quê? Eu pensava, mas quando perdi o meu filho, que o vi escorrer em sangue pelas minhas pernas, foi muito bom tê-la ali conosco. A sua presença em nossa casa não permitiu que esta se tornasse um cemitério de corpos vivos, semimortos na tristeza.

“Eu acho que foi ali que passei a ter uma vida que todos chamam de normal. Já não vivia totalmente entregue à sede de amor e de amar que eu e Vlado possuíamos. Ele passou a assumir a autoridade da casa e a administração, o que lhe tomava algumas horas com o tio; depois vieram os gregos, o mundo invadia a nossa vida, mas sabíamos que precisávamos daquela invasão, por isso nos submetíamos.

“Os gregos me procuravam, sem a presença do Vlado, para me falarem dele, contarem as suas experiências. Eu já as sabia, mas por intermédio deles soube as consequências, as sequelas, as aderências que haviam comprometido o seu sangue. Temiam por mim, um temor sincero, queriam afastar-me dele e, por honestidade, por acreditarem que Vlado podia me fazer mal, ou eu mal a ele. Por ter acompanhado Vlado desde a infância, o Grego havia se afeiçoado a ele. O Grego lembrava-me a minha antiga ama, honesta, de um amor sincero por mim. Um amor difícil dos escravos pelos seus donos. Com esta reflexão pensei pela primeira vez. Por que escravizamos pessoas? Lembrei-me de Jesus que queria nos igualar e o Grego nos dizia por quê. A nova religião pretendia criar um império sobre a terra e muitos nobres, em ambição por patrimônio, favoreciam este intento.

Ao ouvir Elizabete falar de gregos, nobres e escravos, veio-me uma pergunta: de que região do mundo vieram Elizabete e Vlado? E a resposta me veio por ela:

– Não vamos relatar agora. Eu não sei se vamos dizer e se não dissermos você entenderá por que estamos omitindo.

E voltou para a sua narrativa:

– Os dois novos gregos trazidos por Vlado eram muito cultos. Falavam de astrologia, cosmologia, alquimia e de fato eu não me interessava por este

intelecto, simplesmente os ouvia. Não fora assim com Vlado, entusiasmou-se completamente por estes conhecimentos. Eu sabia que faziam rituais, rituais pagãos, isto não me incomodava. Vlado conseguira me fazer discernir a relação com Jesus e a igreja e, como ele, não acreditava em paganismo. Consegui entender a política que nada tem a ver com a fé.

“Eu e a minha irmã tecíamos uma amizade mórbida, talvez proporcionada pela nossa solidão. Uníramo-nos para nos fortalecer, não tínhamos notícia da nossa família, já estávamos casadas há quase dois anos. Nada também nos estimulava a comunicação ou a relação familiar. Ali, longe de todos, descobrimos que esta relação não existia e passamos a construí-la, eu e ela, enquanto os nossos maridos se ocupavam com temas que não nos interessavam. Descobri a minha irmã, descobri o amor fraternal.

“O tio de Vlado foi se tornando o nosso pai e um pouco pai dela também. Era completamente diferente do meu pai e do pai do Vlado, era amoroso, carinhoso, preocupado com as nossas vidas. Vlado diz que faltava-lhe a cepa para ser um grande administrador, em compensação era possuidor de uma estirpe amorosa, familiar. Relatava-me que de fato, desde a sua infância, a sua única família havia sido este tio e o Grego, mas, por sua solidão original não se permitiu abrir para receber o amor e a compreensão que eles tinham para lhe oferecer; insistia em repetir que o seu sadismo em provocar medo no Grego o divertia e o alimentava, não pretendia outro sentimento, e o quanto estava arrependido por esta história. Vlado sabia que eles me procuravam em segredo para conversar, imagino que conhecia o teor da conversa, mas nunca fez sequer um gesto para impedir ou prejudicar aqueles encontros, queria que eu soubesse de tudo e colocava o seu amor por mim acima da sua posse.

“Passou a dormir em outro quarto para proteger-me, jurava-me entre palavras de amor maior e um choro convulsivo de querer proteger-me dele mesmo. Este foi um período muito difícil, voltei a me ocupar com o meu jardim. Vlado se interessara por música e eu também me interessei. Completava-se aí a minha consumação como mulher: aprendia a costurar com a minha irmã, a tecer tapetes com os gregos – que utilizavam as lãs dos carneiros transformando-os em fios num artefato de madeira que chamavam de tear. Ensinarão-me a fazer tapetes coloridos, maravilhosos. Olhava as ovelhas e a lã sobre as suas peles, era impossível imaginar como a transformavam naqueles fios. Aumentou a minha admiração pelos gregos.

“Eles me estimulavam a tarefas para que o abandono de Vlado não me fosse mais triste e desolado. Sabia que Vlado enfrentava problemas com a igreja e os padres invadiram a nossa casa, queriam saber, averiguar, nos espionar. Nestes momentos Vlado escondia os gregos para proteger-se, proteger-nos e

protegê-los.

“Os padres vinham conversar comigo, propunham confissão, Vlado me fez ver que tudo era um jogo para prejudicar-nos: o seu patrimônio era imenso e a igreja o queria para si. Fazia o jogo deles, confessava-me sem me confessar. Confessar o quê? Mesmo fora do confessionário os padres me faziam perguntas, sempre indiretamente, com uma sagaz armadilha de conversação, mas eu estava atenta. Fazia-me completamente desentendida e isto foi muito fácil para mim, levei muito tempo da minha vida sem entender nada. Eles foram embora e resolveram apoiar Vlado, não se sentiram ameaçados pelos nossos conhecimentos, acreditaram na farsa dos gregos como escravos.

“O tio de Vlado se acalmou. Percebi o perigo da igreja pelo temor que ele e os gregos tinham por ela. Era-me difícil imaginar aqueles homens com as suas roupas escuras, mórbidas, de um viver mórbido... como poderiam ter tanto poder? A sua humildade era falsa, eu aprendera a distinguir.

“Então veio a terrível notícia de que Vlado tornar-se-ia líder de uma imensa batalha, uma guerra entre os discípulos da igreja e os pagãos. Por que não nos deixavam em paz? E os gregos me falaram sobre paz. E não seria possível? Mesmo em suas terras, não encontraram a paz. Então viver era aquilo? Uma sequência de complôs e armadilhas constantes, escapar delas era a pequena paz que conquistaríamos.

“Pensei nas três fases da minha vida. Enquanto morava com a minha família, a minha total ausência de qualquer tipo de conhecimento que não viesse das flores, dos ninhos, dos pássaros e de pequenas conversas com a minha ama. Na vida viva que conheci no meu primeiro ano de casamento com o Vlado, eu era feliz, ele era feliz, nossos corpos tinham uma vitalidade, uma vontade de viver.. E agora esta fase sombria, amadurecendo sem querer, apodrecendo a vida em mim. Fazia como os gregos me sugeriram, dedicava-me à costura, ao tear e aguardava. Voltei a engravidar.”

Elizabete ficou em silêncio e de súbito me disse:

– Agora preciso ir, não posso mais ficar aqui.

E o que estava em mim ali ouviu simplesmente ela repetir: “Vlado”. E ele: “Elizabete”.

Não havia diálogos entre eles, e não sabia por quê. Mas quando ela dizia o nome dele era como se estivesse dizendo muitas coisas: o tom da sua voz, a emissão de energia que eu sentia passar por mim para chegar até ele... E quando ele dizia “Elizabete” era como se estivesse falando por horas. Difícil traduzir, mas não era um simples replicar de nomes. Era o máximo que podiam se comunicar, e faziam deste máximo o máximo que podiam nas suas emissões de energia, de um para o outro, de sensações e sentimentos.

Eu me sentia um fio pelo qual a eletricidade trançava, e ouvi-os falar seus nomes abalava o meu coração. Vlado havia me pedido ajuda, se tudo isso estava acontecendo ou não, eu continuaria. Tornei-me cúmplice, totalmente cúmplice desses acontecimentos que eu nem sequer certeza tenho de se de fato aconteceram.

A saída de Elizabete fez a atmosfera voltar a pesar como antes, mas havia alguma diferença. E por ser tão pequena não me era possível reconhecer o quê, mas havia uma pequena diferença, principalmente no canto escuro de Vlado. O tom da voz dele perdeu um pouco, um pouquinho da amargura. Sentia as suas grandes dores, mas existia uma dor miúda, aguda, que por ser miúda conseguia caminhar por todo o meu corpo; cabia em qualquer lugar. Miúda, aguda e presente na minha respiração, nas minhas dúvidas, nas minhas certezas; uma dor aguda, miúda, pontuda, mortal como um veneno.

E, sem saber de fato se esta história estava acontecendo, desenvolvi um amor pelos dois, um amor humano, terreno, fraternal, daqueles que raramente nos visita e que raramente aceitamos. O amor da colaboração com o impossível. Como colaborar com o impossível? Por isso desistimos. Eu não desistiria. Diminuir a minha necessidade de saber se, de fato, o fato acontecia, mesmo que fruto fosse da minha imaginação, da minha camada imaginativa... precisava pacificá-la. E, para tanto, precisava deixar-me ser tomada por esta história. Fui interrompida pela narração de Vlado.

– Como disse Elizabete, a nossa vida mudou. O meu tio dizia-me que estávamos amadurecendo e que precisávamos crescer para existir. O meu patrimônio cresceu. Por quê? Por que tudo me era tão favorável? Por que Deus não me interrompeu? Ele teve tantas oportunidades de pôr fim ao meu viver. Não havia barreiras e nem dificuldades para mim, estranhava tamanha favorabilidade.

“Resolvi investir nas navegações, um ramo novo, perigoso, sem nenhuma garantia de lucro. Poucos nobres entraram neste negócio. Decidi entrar e tudo para mim deu certo. E o meu patrimônio comercial tornou-se muito maior do que as minhas terras e do que elas produziam. Por que Deus não me impediu? Esta é uma pergunta para a qual eu exijo resposta!”

Eu ali ouvindo pensei em lhe falar sobre livre-arbítrio.

– Livre-arbítrio? – gritou. – Pode ser que haja isto hoje para alguns, talvez para você que não quer nada, que é uma alma completamente ausente de ambição, que não precisa sentir no seu sangue os temperos e envergaduras do poder.

“Então é isso o que Vlado pensa de mim”, pensei.

– Eu penso? – ele gritou. – Você o é.

Seria o meu ego falando por dentro das minhas camadas imaginativas? Ele

questionava por quê Deus não o interrompeu e eu buscava Deus para intuir o que estava acontecendo. Sabia que sentia os meus pensamentos, mas sobre estes nada falou.

– A segunda gravidez de Elizabete, entreguei totalmente aos gregos. Eles sugeriram que interrompesse completamente as visitas a ela. Com o orgulho ferido, com a vaidade estraçalhada, olhava para o meu órgão sexual e conseguia ver que realmente podia fazer mal a Elizabete e a nossa gravidez. Sim, nossa: senti enjoos como uma mulher grávida. É verdade, acredite, eu sentia-me como se estivesse grávido, com um ser sendo gerado em meu ventre. Pensei estar ficando louco, mas os gregos tinham explicação para tudo e me disseram que era possível, mais que isso, que era provável pela forte ligação que eu tinha com Elizabete, de sentir o que ela sentia.

“Mas eu estava fragilizado. Talvez aí, nesta fragilidade emocional e sentimental, que me tornei mais forte como investidor e como líder talhado para uma batalha. Inventei armas desconhecidas por todos, a espada na minha mão dançava e feria com uma precisão impressionante, e criei uma arte com a espada, e a ensinei aos meus liderados. Eles aprendiam, mas nenhum deles desenvolvera a arte tanto quanto eu, o que os fez acatar a minha liderança, e se transformaram nos meus soldados.

“Era uma guerra que não me interessava, não me dizia respeito e eu sabia disso. Não tive outra opção, se me negasse à facção daquela igreja que me protegia, temendo que eu levasse o meu patrimônio à outra facção, se uniriam contra um único inimigo: eu.

“Um grande patrimônio precisa estar apoiado por quem dita as ordens no mundo, caso contrário, quem se opõe a esta dinâmica torna-se único inimigo de todos os demais.

“Eu poderia ter desistido de tudo, ter-me tornado um simples camponês, você pode pensar. Você pode pensar porque eu pensei e fui alertado por meu tio que caso caminhasse por aquela escolha mais perigoso eu me tornaria, quem alcança o poder que eu alcancei não pode abdicar dele, não pode tê-lo totalmente para si e não se pode abdicar dele pelo mesmo motivo, abdicar do poder é criar uma nova facção. Você já entendeu.

“Assim me impus, impingi a mim mesmo, que se tivesse que participar do poder, melhor que estivesse na liderança. Trabalhava, raciocinava e pensava para aumentar o meu patrimônio. Só existe este vetor para quem alcança o poder e o patrimônio que eu alcancei.

“Iniciei os homens na arte das armas. A minha inteligência me fez desenvolver armas impensáveis. Não quero descrevê-las, quero que elas sumam, muitas das armas que estão hoje por aí se iniciaram com o meu macabro poder

inventivo, mas isso fica para depois.

“O meu tio adoeceu, ele e a esposa vieram para a minha casa, para que os gregos o curassem. Era uma doença estranha que fragilizava e amolecia o corpo do meu tio. Os ossos dele se quebravam facilmente e demoravam a se recompor; qualquer acontecimento rasgava a sua pele, que demorava a cicatrizar. Os gregos pensaram, lá nos seus estudos, e se lembraram da minha facilidade de cicatrização – não sei como tinham tantos conhecimentos, mas a cada conhecimento que se revelava eu entendia por que aquela igreja os queria exterminar. Os três pediram um particular comigo.

“Desconfiavam, quase acreditavam que se eu entregasse o meu sangue ao meu tio, isso o curaria, ou pelo menos retardaria a doença. Como seria possível isso? Eles me pediram alguns artefatos e os transformaram em uma bomba, um engenho, um moinho, com ferros finos e pontiagudos nas suas extremidades. Colocaram uma ponta na minha veia e a outra na veia do meu tio e bombearam o meu sangue para ele, pequenas doses, e aguardamos a resposta que foi incrivelmente produtiva; o meu sangue forte. Forte? O meu tio melhorou, e melhorou, e se curou. Curou o seu corpo, mas se tornou mais agressivo, mais ambicioso, na época pensei que isso era positivo, eu precisava que ele fosse mais homem e menos pai para o momento que estávamos atravessando.

“Foi aí que tive a ideia: e se transmitisse o meu sangue para os meus soldados, o que aconteceria? Propus a experiência aos gregos, eles sabiam da necessidade da nossa vitória. Os povos de terras distantes sabiam que para destruir aquela igreja, que se opunha às suas crenças, precisavam destruir os nobres que a mantinham. Pensei nos ratos, éramos ratos, todos nós que lutávamos para sobreviver. Não havia nenhuma possibilidade de entendimento e negociação: eram eles ou nós.

“Eu não tinha nenhuma crença, nem a da nova igreja, muito menos a crença dos povos distantes. Não tinha nenhum conhecimento sobre eles, a única coisa que eu sabia é que eles não aprovavam o meu Jesus. Será que eles não sabiam que Jesus verdadeiramente nada tinha a ver com aquela igreja? Se sabiam, não importava, eram homens conquistadores, tão poderosos quanto nós, tenho certeza. Tanto para a igreja nova quanto para aqueles discípulos de outra fé, Deus era secundário. Fiz os gregos verem a necessidade de vencermos. Tudo o que sabíamos sobre os pagãos era por pequenos imigrantes, meu pai com o exército de trezentos homens subjugou e matou muitos.

“Mas agora era diferente. Eles vinham trazendo o seu poder, que desconhecíamos, as suas armas, que desconhecíamos completamente, enquanto eles sabiam de nós pelos pagãos que conseguiram fugir para retornar à sua terra, ao seu povo e à sua fé. Precisávamos surpreendê-los, assim os gregos se

convenceram. Fizeram cálculos de como poderia ser isto, prepararam uma dieta com uvas e vinho, e transferiram o meu sangue para alguns soldados – cobaias. O resultado foi impressionante: tornaram-se mais fortes, astutos, quase tão bons nas artes das armas quanto eu. E me transformei em um transformador de homens mais fortes, mais ágeis, alguns declararam o desaparecimento de algumas doenças.

A nova igreja sabia de tudo, mas quando viu o resultado me apoiou e passou a me respeitar, a me ver como um grande líder, quase um Jesus; Elizabete ao saber disso dizia-se tomada por um temor que não sabia de onde vinha e pela primeira vez se opôs a mim. Como fazê-la entender a dinâmica das guerras? O momento que estávamos passando? Os gregos também não estavam muito seguros do que faziam, mas enfim, tornei-me um transformador de homens, eram evidentes as suas transformações.

7. Os soldados de Vlado

21 de janeiro de 2009, às 10h56.

Verdades, mentiras, lendas e mitos. Aqui também faço uma confissão: é impossível traçar uma linha divisória entre esses parâmetros. Vlado fala de facções da construção de uma igreja e a sua impressão de tudo o que vivia. A meu ver, os templos têm a função de estimular o divino na alma dos homens. Como é difícil conjugar templos e homens, reafirmo uma decisão que tomei há muito tempo: quando procuro um templo, aguardo que a força das divindades me apazigúe. Poder, política e templo são três conjunções que dificilmente conseguirão organizar a harmonia necessária para transmitir as influências puras das divindades. Para que a leitura fique mais fluida não retomarei as inserções sobre como dormi ou acordei, seria uma repetição desnecessária.

Neste ponto da narrativa antecipo que Vlado está mais taciturno, talvez pela impossibilidade de estar ainda mais triste:

– Assim se passaram meses. Não sei se, por ter doado muito sangue, as minhas necessidades mórbidas foram retornando. Necessidades estas que eu acreditava houvessem sido curadas pelo amor de Elizabete. Quando a conheci e a amei, todos aqueles desejos se apartaram, acreditava-me um novo homem. E todos os preparativos para a batalha me separavam e me afastavam de Elizabete. Também temia a perda de um segundo filho e a evitava totalmente. Pouco a pouco os desejos mórbidos foram retornando; senti-me enfraquecer e fui enfraquecendo, minha destreza com as armas diminuiu e ver homens que eu preparei mais fortes e mais hábeis do que eu abalou a minha vaidade. Por que não procurei os gregos? – Predestinação? – Resolvi deixá-los de fora. Na época não pensei nos porquês e nas razões que me levaram a esta decisão. Hoje eu sei, mistura de muitas coisas, primeiro, claro, a minha vaidade, o maior dos meus pecados; segundo, a necessidade. Temia enfraquecer e morrer, o que seria de todos? – Responsabilidade? – Deixarei que cada um tenha a sua própria opinião.

“O fato é que eu tinha uma batalha para vencer e os motivos eu já disse. Escondido dos gregos, voltei-me para o veneno dos ratos, das aranhas e das serpentes e de outras coisas que se não as digo é para evitar que um tolo, como eu, use-as como fonte de receita. A minha força voltou, voltou mais forte ainda, quando corria com os homens nenhum deles sequer se aproximava a dois, três

mil metros de mim. Descobri a arte do pulo.

“Assistindo a isto, os gregos acreditaram, lá nas suas crenças, que algo em mim desenvolvia a arte de luta dos orientais. Haviam estudado e conhecido alguns alquimistas orientais que desenvolveram uma arte de transformar os seus corpos, deixando-os leves, e que tinham a condição de pular de árvores em árvores, mas tudo desenvolvido pelo treinamento da mente. Era preciso que se começasse na infância, chamavam de artes marciais e alguns alcançavam com tanta profundidade esta arte que se transformavam em mestres.

“Os gregos e as suas necessidades de explicação para tudo. Foi quando um fato novo nos assombrou: meu tio já há seis meses curado voltou a manifestar os sintomas da sua doença e outra vez fui a sua cura, desta vez mais rápida; também percebemos que os nossos primeiros soldados, transformados por mim, perdiam dia a dia a sua força. Por que não paramos ali? Mais uma oportunidade para a minha desistência. Faltavam dois meses para o início da batalha, estrategiada para homens fortes, mais poderosos que os demais e faltavam três meses para o nascimento do meu filho. Antes que os convidassem eles mesmos vieram a mim em busca do meu sangue e então forneci, transformaram-se em mais fortes do que antes.

“Fui me tornando um iniciador de uma nova espécie? Sabia que Jesus fortalecera os seus discípulos, principalmente Pedro, que morreria na cruz como ele; o que Jesus teria usado para fortalecer os seus homens? Lembrei-me do vinho transformado em sangue. Teria Jesus doado o seu sangue como eu doava o meu a ponto de os seus discípulos se entregarem para serem comidos por leões nas arenas de Roma? Com esta vaidade louca me acalmei e, sem que ninguém soubesse, atendia a sede da minha morbidez, o que foi se transformando em uma necessidade diária.

“A comida da mesa já não tinha força para me alimentar, o vinho não me trazia embriaguez, minhas roupas precisaram ser trocadas. Os gregos acreditavam que era pelos fortes exercícios, muitos ensinados por eles. Um deles conhecia as artes espartanas e me ensinou para que eu ensinasse aos meus homens como um soldado espartano se preparava para a guerra. Tornei-me musculoso, antes magro, elegante como todo nobre, o meu corpo foi se transformando como o corpo dos soldados, musculoso e forte.

“Os gregos a tudo explicavam: de alguma forma eu acessava as artes marciais orientais e a força e o dinamismo dos espartanos, falavam que era possível, falavam de telecinese, sinergia, de suprimentos de forças adquiridos por estes conhecimentos pouco estudados. Levei um grego comigo, eu fornecedor e ele o transmissor, com a sua bomba infernal de transfusão de sangue.

“Ganhamos a guerra com uma facilidade espantosa. Cada homem nosso equivalia a trinta homens dos guerreiros das terras do deserto. Uma batalha que durou um ano, e a saudade de Elizabete... Voltei a ter prazeres nas dores, e a grande saudade dolorida também me era muito prazerosa, não tinha pressa de revê-la e tinha urgência de tê-la. Isto produzia uma dor imensa e os êxtases com as dores voltaram.

“Já estava há praticamente um ano sem sexo, sem nenhuma troca sexual, sem contar o tempo que diminuía quase totalmente as minhas visitas a Elizabete. Não consegui segurar aquela forte impulsão de necessidade de sexo – uma dor que não consegui manter em mim, era uma dor que não me trazia prazer nenhum – e procurei mulheres que se vendiam por sexo. É, realmente a prostituição foi a primeira profissão das fêmeas, pelo menos não é minha culpa, não tive participação na constituição deste caminho das fêmeas. Pensava em quem o originou, quem fora a primeira que tivera esta ideia?

“Na minha primeira visita a uma prostituta quase a matei, coitada, pela minha fome animal, pelo meu desejo visceral por sexo. Ela ajoelhou-se diante de mim chorando, dizendo-me que traria outras, mas que eu parasse porque ela não aguentava mais. O susto fez-me interromper e vi o corpo da moça flagelado, arranhado, mordido. Eu teria feito aquilo? Mandei chamar o grego para cuidar de suas feridas. Mas a minha compulsão ainda estava presente e voltei ao covil onde elas se reuniam. E paguei por dez mulheres, que absurdo, tinha consciência do absurdo, mas a propulsão em mim era mais forte que os meus pensamentos, que a minha lógica, maior até que a minha lealdade por Elizabete, pensava nela e sofria, chorava. Foi a melhor das dores que conheci: chorar e sofrer pela minha traição. Eu a traía, era um traidor, traía ela, traía o meu amor, traía a mim mesmo. Um choro de dor, de delícias inconfessáveis. Morbidez? Já havia atravessado esta fronteira há muito tempo, me tornara muito mais que mórbido.

“Mórbido era o início da chegada das chuvas trazendo um cinza para o céu que se espalhava por toda a terra, mórbido era o cair da primeira chuva, das primeiras gotas de chuva. Quando a chuva se instalava lavava a sua morbidez preenchendo a terra de água e deixando no céu lindas cores na sua despedida. Não havia lindas cores em nenhuma das minhas conclusões, um horror contínuo.

“Antes de deixar as terras conquistadas preservava um líder entre e os meus adversários; precisava saber por que não aceitavam Jesus. Dizia-me não acreditar em um deus que se transformara em homem, que o seu deus era o deus de todas as nações. A mesma conversa dos padres, deus de todas as nações, Jesus de todas as nações, o único, filho único, herdeiro. Perguntei-lhe se conheceria Jesus.

“‘Não’, respondeu-me. ‘Os nossos ancestrais falavam de um homem

especial que fazia milagres e falava de amor, mas o seu nome era Emanuel. Não, não era Jesus.

“Emanuel dizia que todos nós somos filhos de Deus e que por isso éramos deuses também, aplicava o amor para a solução de qualquer problema, não se impunha a ninguém, não obrigava ninguém a ser seu seguidor”, contava-me o pagão. ‘Embora a sua igreja afirme que Jesus nasceu no nosso povo, nenhum dos nossos ancestrais o conheceu. Se o conhecessem com certeza estariam em seus relatos, seus escritos.

“Será que Jesus não existira?’, pensei. Sabia como era aquela igreja, criadora de mitos. Não matei este adversário, dei-lhe suprimentos e condições de voltar à sua terra. Ele estranhou e disse-me preferir morrer que voltar derrotado.

“Faça o que quiser com a sua vida’, disse-lhe, ‘mas não serei eu e nenhum dos meus homens o seu matador.’

“Não posso tirar a minha vida. Isto me baniria do céu’, afirmou. Encontrei ali uma similaridade entre as crenças.

“A nossa igreja neste ponto concorda com as suas crenças e descreve um inferno particular, pior que todos os infernos para quem tire a própria vida.’

“Fiz ele ver que seria muito mais útil ao seu povo se retornasse. Posso até afirmar que entre nós nasceu uma pequena amizade. Não sei por quê, mas senti um pequeno amor por aquele homem. Pediu-me que ajudasse a enterrar os seus homens conforme as suas crenças e permiti, mais do que isso, coloquei os meus soldados para o auxiliar. Um resto de ética? Um vestígio de humanidade? O homem de Elizabete? Fiquei com a última interrogação.

“O homem de Elizabete não queria matar ninguém, queria viver o seu amor puro ou impuro. O homem de Elizabete só pensava em amor, em família, em protegê-los. Torturantes pensamentos e sentimentos, e encontrei, em mim, uma divisão: o comedor de répteis, um provador dos venenos das espécies, o canibal não era o homem de Elizabete; o homem de Elizabete caminhava por jardins, ouvia os pássaros, sorria, sorria e sorria, limpava-se das amarguras, da fome macabra e doentia. E o que o levaria para casa agora? Precisava voltar a ser o homem de Elizabete, havia terminado a minha batalha. Estabeleci-me uns dois meses em um lugarejo perto da minha casa para voltar a ser o homem de Elizabete. Controlar-me da fome abusiva, abominável, foi uma grande dor, como um vício, abstinência de um vício, o meu corpo se contorcia, doía, babava, urrava como um lobo. Fortalecido pela certeza de que não podia levar aquilo para Elizabete, precisava matar o outro em mim. Quando, estupidamente, me enganei que o havia vencido voltei para casa.

8. O revés

“O meu filho estava com pouco mais de um ano. Era uma criança forte e robusta, já andava; assemelhava-se às crianças de três anos, os gregos estavam fascinados. Elizabete me recebeu carinhosa, saudosa, o seu primeiro abraço foi como a passagem das chuvas, colorido e celestial, a minha Elizabete, o meu amor. Eu era um pranto só, pela minha infidelidade; mas aquele homem morrera, precisava me afastar dele. Este pranto não me trouxe nenhum prazer, nenhuma dor era prazerosa para o homem de Elizabete.

“Quando fomos para o quarto, senti aquela forte compulsão sexual me tomar e traçava em mim uma grande batalha que só consegui vencer auxiliado pelo puro amor, pela energia do amar, da limpeza da alma pura de Elizabete. Ela vencida a fera em mim e eu a amava devagar, carinhoso e atencioso como nos velhos tempos. Mas eu sabia que aquela minha reação era favorecida pela força dela. Conversaria com os gregos depois.

“Carregar o meu filho, abraçá-lo, era um novo amor que conheci. Ele era muito parecido comigo, muito mais à minha semelhança, não tinha nada de Elizabete e temi; preferia-o cândido como a mãe. Era voluntarioso, vaidoso, orgulhoso como eu, irritava-se fácil com as amas, batia nelas, tinha crises de choro e raiva convulsivos. O seu remédio? Era o mesmo que o meu: Elizabete. Só ela o acalmava.

“Fui aos gregos para entender melhor o meu filho, diziam-me que ele tinha muita energia, muita vivacidade, que assim que fosse possível, quando tivesse um pouco mais de idade, seria preciso iniciá-lo nos esportes para que desgastasse os seus excessos. Achei melhor começar logo esta iniciação, com pequenas corridas, não podia pensar em meu filho como uma criança de um ano.

“Arrumadas as primeiras necessidades domésticas fui ver o meu tio. Soube, pelos gregos, que ele voltara a adoecer. Tranquilizei-me: seu remédio voltara. Fui com os gregos visitá-lo e o meu tio pediu um particular comigo. Contou-me que tinha sonhos, pesadelos com animais, principalmente com sexo, sonhava que fazia sexo com muitas mulheres ao mesmo tempo e que no sonho me via junto com ele. Como poderia ser isto? Contou-me detalhadamente um dos pesadelos, descreveu-me as mulheres. Como poderia ser isto? Como poderia ele saber o que estava acontecendo comigo?

“Na sequência, disse-me que se acalmara até que outro grande pesadelo o

tomou, no qual se debatia com uma dor nos músculos, nos ossos, nos dentes e o sonho tornou-se real, ele acordou com convulsões, urrando, correndo pela casa e depois passou. Perguntou-me se eu sentia estas coisas e, para acalmá-lo, menti. Atribui estes episódios à sua própria doença, mas ele não conseguiu acreditar em mim e disse que não queria mais o meu sangue. Falava-me com medo. Ver o medo nos olhos do meu tio levou-me a um estágio tal que foi preciso eu me controlar, mas quase repeti o sadismo que sentia com o olhar apavorado do Grego, na minha infância e adolescência, antes de Elizabete.

“Não olhei no seu rosto, para proteger-me das sensações. Os gregos não entendiam por que o meu tio não queria o meu remédio. Preferi não dar-lhes muitas explicações, sabia que estava em terrenos desconhecidos e o meu tio preferiu a doença a mim. Resolvi trazê-los para a minha casa. Ele não queria, mas a irmã de Elizabete o convenceu.”

Neste momento do nosso encontro (?!), percebi que ele não falava em nomes; era o grego, os gregos, o meu tio... Ele me deu uma resposta:

– É assim que precisa ser, você já deve saber o porquê.

Sabia. Ele não queria ser identificado. Respeitei a vontade dele, claro.

– Em nossa casa, Elizabete preparou alguns quartos, alguns cômodos para eles terem a sua privacidade. A igreja preparou-me uma grande festa e condecorou-me com um título que fazia de mim o mais nobre de todos os nobres. Confesso que esta experiência foi vazia, não era boa, não era ruim, não era nada, uma simples formalidade. Meu tio, mesmo doente, me aconselhava: “Esta amizade é perigosa, não acredite nela. Eles o fazem mais um deles, o levam para dentro dos conchavos. Cada vez mais para a obediência do seu líder”. Sugeri-me cuidados e eu comecei a estrategiar.

“Retomei as minhas atividades comerciais e adquiri terras longínquas, as quais a igreja ainda não havia conquistado com a força que conquistara o meu país. Comecei a pensar em tirar a minha família dali.

“Uma epidemia tomou a cidade. Os soldados estavam doentes, uns atribuíam às águas venenosas de terras distantes, outros como uma vingança do deus dos estrangeiros, o que não agradou a igreja. O meu padre confessor me procurou, sabia de onde vinha a minha força, e era preciso que eu voltasse a curar aqueles homens para que não se atribuísse a vitória aos deus dos estrangeiros.

“Em uma reunião com o meu tio e com os gregos revelei as ameaças veladas do meu padre confessor. Trouxemos os doentes para os gregos. Novas transfusões e os homens estavam curados, nova festa da igreja; uma grande festa para provar que o deus da igreja era mais forte do que o deus dos pagãos e este deus era eu – eu, deus?”

“Procurei nos gregos uma cura para mim e contei-lhes a experiência do meu tio. Eles falaram em telepatia e me explicaram que a mente do meu tio se comunicava com a minha, que isto poderia acontecer. Então, ficou uma suspeita se não aconteceria a mesma telepatia com os soldados.

“Entendi o perigo, alguma coisa precisaria ser feita, mataria os soldados, não todos ao mesmo tempo. Fui tomado por um pensamento, uma ideia das trevas – só podia ser. Usaria o meu dinheiro para corrompê-los, um a um, os tornaria pecadores e quando os seus pecados fossem conhecidos por todos eu os mataria.

“O plano deu muito certo, não ficou nenhuma dúvida para a comunidade que o deus da igreja os matara por causa das suas volúpias e inúmeros pecados, mas o meu padre confessor não acreditou nisso, é claro.

“Eu havia me tornado uma espécie de herói, a minha vitória na batalha contra o paganismo se espalhou e muitos nobres vinham me visitar, traziam-me presentes, a minha fama se espalhava. Temendo-me, a igreja pediu, não era um pedido, que hospedasse em minha casa uma das suas autoridades para ajudar na administração das minhas terras.

“A igreja transformou a capela, a nossa pequena capela, em um templo. Era uma forma de me vigiar, saber que me tinha sobre controle. Os gregos e o meu tio também sabiam. Elizabete e a irmã entenderam como uma grande honraria, até Elizabete a quem eu ensinara sobre a hipocrisia, influenciada pela irmã, que ocupou todo o meu espaço durante a minha ausência, sentia-se honrada pela igreja nas nossas terras. O que fazer? Voltar a educá-la? Contar-lhe tudo? Não, não levaria estes temores para ela e este foi o maior dos meus erros; dia a dia a irmã de Elizabete envolvia-se com os padres, as duas desconheciam o porquê das honrarias, o porquê da atenção desmedida da igreja para com elas, receberam condecorações.

“Contei aos gregos sobre a compra de terras distantes, não envolvemos o meu tio no nosso plano, ele estava muito doente e dois meses depois morreu. Antes, pediu um particular comigo, segurava as minhas mãos em uma espécie de torpor louco e dizia-me:

“Procure uma cura. Por intermédio da igreja, de Jesus, ou da ciência dos gregos. Faça por você e por todos que ficam com a minha ida.’

“O filho dele já havia nascido e sua presença na nossa casa mais pontuava a precocidade do meu. Prometi que cuidaria da família dele. O que mais poderia dizer naquele momento? Como explicar o complicado plano para fugir e junto com os gregos encontrar uma cura para mim? Prometi-lhe que iria mandar buscar mais gregos que eram os grandes sábios daquela época. Fiz de tudo para que o meu tio morresse em paz, fiz de tudo, não sei se consegui, acho que não.

“O meu poder crescia. Todos os dias vinham nobres me visitar, viajavam dias e dias para ver-me, para me cumprimentar. Um dia recebemos a visita da família de Elizabete. O pai dela queria frutos do meu ganho, queria que o apresentasse a outros nobres, ele e os filhos, para maiores conquistas e benesses. Fiz o que me pediu. Não era o que ele queria? Providenciei com a máxima urgência socorrer a todos os seus pedidos, queria que eles fossem embora, mas eles não iam. Elizabete e a irmã estavam muito contentes, estranhamente contentes por rever a família, nunca falaram deles até então. Ela me disse que eu jamais entenderia por não ter tido irmãos. Elizabete, a abandonada, a órfã do jardim era agora a filha predileta dos pais, a irmã predileta dos irmãos.

Descobri uma carência em Elizabete que eu não conhecia. Acreditava-a toda minha, e assim soube que ela fora toda minha porque antes ninguém a queria, e deixaram os seus espaços para eu substituí-los. Agora estes espaços internos do amor de Elizabete, acreditei, eram devolvidos aos seus verdadeiros donos, os seus novos amores fizeram quebrar a força dentro de mim e voltei à minha alimentação mórbida. Passava dias fora de casa em convívio com as prostitutas, para a minha sedenta sexualidade. Já haviam-se passado cinco anos, mais ou menos isso, ou quase seis, do meu casamento com Elizabete. O tempo operara nela algumas mudanças que não operara em mim. Eu era o mesmo, sempre, mas eu percebia a chegada, os primeiros indícios, com a minha sensibilidade detalhista e mórbida, do envelhecimento buscando Elizabete. Ela estava com vinte e um anos e eu com vinte e três, mas parecia um garoto diante dela, o mesmo garoto de dezessete anos, de quando a desposei. A musculatura disfarçava, mas eu percebia com o meu olhar astuto. Que tormento.”

Vlado interrompeu a sua narrativa, mas eu sabia que interrompera por estar tomado pelo tormento. A atmosfera ficou muito pesada, gritou, quase urrando:

- Vá embora!
- Eu queria ajudá-lo.
- Vá embora!

Os seus urros me anunciavam o perigo, e acordei. Na minha vida normal, deitada na minha cama, fiquei por uma hora pensando na história, nos seus requintes. Pensei na minha imaginação de gênio, e com certeza não sei afirmar. São sonhos consecutivos e diários, já estou assim há quatro dias, todas as noites e uma tarde – conheci Elizabete em um sonho diurno. O que está acontecendo? Por que Vlado me mandou embora daquela forma? Ele se lembrou de um período muito difícil, no qual via a sua Elizabete envolver-se com a igreja, com a família.

Não quero deduzir nada; temo que a minha mente, em busca de entender, crie-me armadilhas, suposições e julgamentos que não cabem neste momento.

Vou parar de ditar este livro e fazer um esforço imenso para desligar-me dos porquês e de um pequeno entendimento que começava a surgir no interior das minhas conclusões. Não era a hora das minhas conclusões. Precisava conquistar de novo a minha neutralidade. É exatamente isso que vou fazer agora.

Quinta-feira, 22 de janeiro de 2009, às 5h03min.

Hoje acordei precisando começar a trabalhar cedo. A história que conto – conto?! – começa a desbravar o drama. Sinto que tanto Vlado quanto Elizabete repassam um trecho no qual ressaltam muitas culpas, tristezas, indiferenças que antecedem, penso eu, um cruel desfecho por não terem sido observados na época. Elizabete e Vlado. Os meus encontros com ela, até então, eram em um jardim florido; com ele, na completa escuridão. Porém eu sinto que um grande peso começa a envolver a narração. Segue o sonho – sonho?! – de hoje.

No meu sonho eu desperto dentro de um jardim. Elizabete estava sentada à uma mesa de pedra antiga, nunca vira uma mesa como aquela, esculpida em uma única pedra. Ela me abordou.

– Quando Vlado pedir que você vá embora é preciso que se vá imediatamente.

– Como é que eu chego aqui?

– Você vem.

– Desta parte eu não me recordo, sempre que acordo estou diante de você ou dele.

– Talvez seja a sua consciência criando proteção para a sua mente.

– É, talvez seja. Você pode me dizer onde eu estou?

– Você esta exatamente onde você se vê.

– Mas a que instância do universo este espaço pertence?

– À minha memória – ela respondeu.

– Então estou dentro da sua mente?

– Não, você está dentro do que a sua memória memoriza da minha.

“Complexo”, pensei.

– Isto não é importante. Fui informada que você passou um dia difícil.

– É, de fato, passei o dia muito cansada, senti dor de cabeça, o corpo pesado.

– Vlado se descontrolou e libertou mais energia do que você aguentaria suportar, por isso é importante que você se retire quando ele pedir. Comigo é assim também. Vamos caminhar.

Demos uma volta pelo seu belo jardim. Tulipas de todas as cores, girassóis de todas as cores – eu só conheço girassol amarelo – , mas no jardim de

Elizabeth os girassóis eram amarelos, verdes, lilás, lindos, impressionantes. À medida que caminhávamos sentia que alguma limpeza se operava em mim, limpava-me das sensações impregnadas pelo último encontro – encontro?! – com Vlado. Voltamos à mesa e às cadeiras de pedra.

– A preparação para a batalha separou-me de Vlado. Antes disso ele me evitava, temendo me fazer mal. Isso nunca havia acontecido entre nós, conhecíamos a rotina de um fazer muito bem ao outro. A perda do nosso primeiro filho foi um marco na mudança do nosso relacionamento. Vlado se abatera em uma tristeza sem limites, conversava com os gregos e descobria sobre a sua mutação. Na época eu não entendia muito, o máximo que consegui alcançar é que Vlado mudava, mutava pelas suas experiências em busca de verdades. Esta era a sua melhor parte e a sua pior porção.

“Um pouco mais adulta, entendi as experiências de Vlado. Ele precisava sempre comprovar tudo, ter se alimentado com os corpos dos pagãos era para buscar certeza e confirmar o que aquela igreja o ensinava sobre a existência de forças estranhas que vinham do coração e do pensamento dos pagãos, motivo pelo qual queimavam o coração e a cabeça, para que o viver daquele povo não espalhasse, pelos ares, pensamentos e crenças do seu paganismo. Vlado, na sua busca pela verdade, foi procurar nas carnes dos pagãos a confirmação. O seu intuito era um, mas o desfecho da sua experiência o levou para caminhos muito diferentes da sua intenção.

“Comecei a me preocupar com ele, por ele. Nunca disse a ele, mas passei a temê-lo um pouco; nada que pudesse abalar o meu grande amor. Quando pude engravidar de novo, ele melhorou, recuperou grande parte da sua alegria, mas estava envolvido com os perigos da igreja. Eu sabia que algo muito forte nos ameaçava e que ele nos protegia, não me deixava saber o que realmente estava acontecendo, por amor e proteção. O que faltou em mim para que Vlado me confiasse os seus segredos e riscos? Acredito que a minha inocência, ele não queria maculá-la e tomou para si todas as responsabilidades e perigos. Se ele resolvera assim, pensei na época, é porque era o melhor para nós.

“Confiei nas suas decisões e via-o, dia a dia, afastando-se de mim, mas não deixando de me amar, isto era claro no seu olhar, nas suas pequenas atitudes, em pequenos presentes, escrevia-me poemas, se comunicava, se expressava com seus presentes e nos seus poemas que, ao mesmo tempo, me traziam alegria e uma sombra de tristeza desconhecida. Por que ele precisaria ir àquela batalha? Ele não me dizia, e eu entendi que era o melhor para todos e não o aborrecia com perguntas, concordei com tudo o que ele quis.

“Vlado se tornara diferente, o seu corpo mudou, cresceu, os seus braços e pernas eram tão musculosos quanto o dos escravos. Ele era um homem muito

especial e eu conheci um corpo novo, de mãos calejadas, pernas e braços alterados pela carne dura dos músculos, mas ele não perdia a sua elegância. Os gregos diziam-me que era por causa dos exercícios de guerra que o corpo de Vlado mudava. Aceitei assim, sem questionar, como não questionei quando ele parou totalmente de me procurar quando engravidei pela segunda vez. Vlado protegia-nos, era o que eu conseguia pensar.

“Quando ele partiu com o exército uma grande tristeza me abateu, medo que ele não voltasse. O que faria até ele voltar? O que faria se ele não voltasse? Não tínhamos notícias, os meses se passavam e muito raramente recebia notícias de Vlado por intermédio da igreja: ele estava bem e dia a dia venciam a batalha. Seria verdade? A minha irmã, preparada pela minha mãe e pelo marido para a religião, fazia-me ver a importância da oração, de rezar por Vlado e todos os demais.

“Eu não conseguia rezar antes, não entendia como o Jesus da madeira poderia nos ajudar, mas o desespero e a saudade, profundas feridas de medos diversos, me fizeram abrir o peito para rezar; se só podíamos contar com aquele Jesus, se era ele o nosso único apoio, então nele me apoiaria. Até então criticava todos os que levavam para aquele Jesus problemas e pedidos, via-o como alguém que não conseguira salvar a sua própria vida. O que teria para nos ensinar ou nos ajudar? E a minha irmã contou-me que aprendera com a nossa mãe e com o marido que aquela cruz tinha uma força mística, misteriosa, um enigma, mais do que isso, era um amuleto de sorte e de vitórias.

“Sem ter a quem recorrer e por falta de outra alternativa entreguei a ele os meus desesperos. As respostas não vinham, como também não vinham as soluções dos meus problemas. Vlado ainda não retornara, mas encontrei um consolo, um alívio no meu coração cada vez que rezava.

“Para não entrar de novo na minha solidão infantil, dividia com Jesus a maior parte dos meus dias. Como já disse, não me trazia respostas e nem soluções, mas trazia-me calma, tranquilidade, aceitação. Minha fé por ele foi crescendo – o meu amor, a compaixão; descobri em Jesus um amigo.

“Como os gregos haviam ido com o Vlado, eu não tinha com quem conversar; o tio, meu cunhado, mudara muito; antes um homem calmo, fraternal, agora vivia à cata de escritos, estudava o material dos gregos, viajava para lugares desconhecidos ficando, às vezes, uma semana fora de casa; entre os escravos iniciou-se um boato de que o meu cunhado visitava as mulheres fáceis – mulheres fáceis? O que seria isso? Como eu sabia tão pouco da vida! “Prostitutas.” A minha irmã me esclareceu e me disse o que era. Não sabia que existiam mulheres desse tipo. Seria verdade ou mais um mito dos escravos? Minha irmã preferiu não acreditar e eu não consegui acreditar, não consegui

sequer visualizar esse tipo de mulher; era muito diferente de mim e do meu pouco conhecimento sobre tudo.

“As diferenças nele eram claras: comia frugalmente de todas as caças, se desinteressava pelas frutas e alimentava-se quatro, cinco vezes por dia das carnes. Passou a caçar, coisa que nunca fizera antes. Minha irmã estava preocupada com o marido. Seriam sintomas da tal doença? Contava-me que ele dormia muito pouco e quando dormia tinha grandes pesadelos que o levavam a se debater e a ter convulsões na cama.

“Os nossos filhos nasceram. Vlado estava distante. Em vão perguntava aos padres se não haveria condição de enviar-lhe uma correspondência. Não, não era possível. Temiam os soldados, de ambos os lados, que desertaram e estavam espalhados pelo caminho, precisava aguardar. Assim foi por um ano, pouco mais de um ano. Primeiro soube que os homens voltaram, menos Vlado. Onde ele estaria? Pedi a alguns escravos que fossem buscar informações com os soldados, eles nada diziam. Chegaram os gregos e Vlado não veio com eles.

“‘Onde está Vlado?’

“‘Vlado está muito horrorizado pelos terrores da batalha, não quis voltar para casa assim, está se recuperando para retornar.’, responderam os gregos; nenhuma palavra a mais.

“‘Recuperar do quê?’

“‘Dos terrores das batalhas.’

“‘E por que esta recuperação não pode ser feita aqui?’

“‘Vlado não quer trazer para casa as suas impressões e sensações, preferiu limpar-se primeiro.’, finalizaram os gregos e foram se encontrar com o meu cunhado acamado.

“A doença dele voltara. Eles conversavam horas e horas. Não foi permitido a mim ou à minha irmã participar dessas conversas; restava-nos Jesus e a igreja. Os nossos filhos ainda pequenos ficavam aos cuidados das amas.

“Um dia Vlado chegou. Era o mesmo Vlado e já não era o mesmo. O nosso primeiro abraço foi terno, forte, ao encostar no seu corpo senti a sua saudade, a sua tristeza, o seu sentimento flagelado. Vlado comigo sempre fora humilde, mas neste dia a sua humildade era farta; revistava-me como se fosse eu quem tivesse ido para a guerra; inspecionava o meu corpo em busca de arranhões, cicatrizes. Quando certificou que nada disso existia se acalmou e nos amamos como nunca, tinha nele algo de selvagem, vi que ele precisava de todo o meu carinho, afeto, para fazer desaparecer aquela saudade selvagem que se anunciava no aperto do meu corpo, em pequenas mordidas. Ele estava muito diferente.

“Dei-lhe todo o amor que pude, a minha atenção e o meu carinho. Trouxe o meu Vlado de volta, mas havia alguma coisa. Amou o nosso filho desde a

primeira vez que o viu, ria e chorava com ele nos braços, beijava-o. E eu estranhei: nunca vira um pai despertar e expor aquele carinho para o filho, não fora assim com o meu pai, não fora assim com o marido da minha irmã. Vlado o levava a todos os lugares, saiu para dar um longo passeio de cavalo com ele, precisava mostrá-lo ao mundo, ao sol, às estrelas, conversava com ele como um adulto.

“Eu acreditava que tudo estava bem, mas havia algo que incomodava a minha alma, algumas suspeitas. Mas suspeitas do quê? Não sabia, mas havia algo. Quando foi chamado para ser condecorado pela igreja, tornando-o o nobre dos nobres pela batalha vencida dos pagãos, não expressou nenhuma alegria; todos o homenageavam e ele não reagia, respondia com enfado. O que havia acontecido com o meu Vlado? Três dias de comemoração, a igreja ressaltava a sua vitória em inúmeros discursos, ele simplesmente ouvia. Humildade? Ignorância? Desinteresse? Dizia-me que não via a hora do fim das comemorações para voltarmos para a nossa casa. Também, dizia-me que precisávamos retomar a nossa vida, retomar no ponto em que paramos. Paramos? Eu não sabia que havíamos parado.

“Recebíamos visitas diariamente, e Vlado cumpria o seu papel com a maior formalidade possível. Em segredo me confessava que não queria e não precisava de nada daquilo, queria esquecer a guerra, mas a igreja e a nobreza não lhe permitiam este regalo. Fomos agraciados com a construção de um templo em nossas terras e eu conhecia o sabido amor de Vlado por Jesus, acreditava que o templo o mobilizaria, mas não foi assim. Por que desprezava as honrarias? Ficava horas conversando com o tio e com os gregos. Sabia que Vlado temia algo, mas o quê? O seu nome estava escrito na mais alta patente dos homens e muito perto da mais alta patente religiosa. O que mais ele queria? Eu e a minha irmã ocupava-nos com a construção do templo, os padres ouviam a nossa apreciação feminina e tudo era feito para aproximar a construção do templo às nossas pretensões.

“Eu estava tão agradecida a Jesus por ter trazido o meu Vlado de volta que mudara a minha relação com ele, dava-lhe mais crédito agora, e Vlado a nada reagia. Uma alta patente do clero hospedou-se em nossa casa. Tínhamos muitos escravos e sabíamos que ainda existiam neles vestígios de paganismo, era preciso completar e aperfeiçoar a conversão. Vlado não se envolvia, aceitava sem replicar. Onde estaria a sua alegria, o seu orgulho pelos seus feitos?

“A epidemia dos soldados o deixou muito preocupado, todos falavam de uma segunda batalha entre o nosso deus e o deus pagão. A igreja fez com que todos nós orássemos, acreditava que pela guerra o nosso deus e o nosso Jesus estavam cansados, e o covarde deus pagão aproveitava-se deste cansaço para

mostrar a sua pequena força. Todas as mulheres, escravos, amas e nobres entraram em quarentena de orações. Por desconhecermos o que de fato acontecia, acreditamos piamente na vitória do nosso Jesus sobre o deus pagão. Passei a lhe dar ainda mais crédito, e era uma incógnita como ele ali parado naquela cruz emanava tanta força.

“O retorno da saúde aos soldados levou-me a aprofundar muito a minha fé em Jesus. Agora usava crucifixos, andava com o terço nas mãos. Repetia os salmos que nos eram ensinados pelos padres, tornei-me uma devota daquele Jesus e aos poucos da igreja. Os padres demonstravam tanta bondade que, quando me lembrava das conversas do Vlado sobre eles, erroneamente conclui que o seu conceito estava errado. O meu Vlado não conhecia a igreja. “Os homens são assim mesmo”, dizia a minha irmã. “Não lembra o nosso pai? Os homens não são chegados à fé, este é um papel nosso, as suas mulheres, rezamos por nós e por eles.”

“Esta conversa com a minha irmã pôs fim às minhas indagações e ao mesmo tempo esfriou um pouco a minha admiração por Vlado, pela sua indiferença a Jesus. E as benesses que ele trazia para a nossa casa por meio da igreja? Passei a vê-lo diferente, como um homem incapaz, em função do seu orgulho, de admitir e aceitar ajudas celestiais. Entendia-o, agora, como um guerreiro que queria a vitória para si, que renegava a ajuda de Jesus, dos céus e da igreja por puro orgulho e vaidade, este foi um dos meus principais enganos da época.

“Um dia a minha família chegou às nossas terras. Em princípio não sabia o que fazer com eles, pouco os conhecia. Eles chegaram nos amando e nos admirando, o meu pai até me abraçou, meus irmãos beijaram a minha mão, as esposas deles me tratavam com a deferência de uma rainha, enfim conquistara o amor da minha família e dedicava-lhe grande parte do meu tempo para ouvir elogios, palavras carinhosas de última hora.

“Na época não percebi a bajulação, os verdadeiros motivos que os levaram até ali: conquistar, por intermédio de Vlado, mais títulos de nobreza. Queriam que a igreja lhes fornecesse mais terra para enriquecer, era assim naquela época: acreditávamos que toda a terra do mundo pertencia a deus e que a igreja administrava a terra do mundo para Jesus, era preciso a sua concordância para invadir e saquear terras dos pagãos. Só muito, muito tempo depois, descobri que nem sempre as terras escolhidas para saque eram de pagãos, pertenciam a pequenos nobres, pessoas de nobreza duvidosa que eram tratados pelos grandes nobres como pagãos para saquear as suas terras.

“Vlado correspondia aos pedidos de meu pai e de meus irmãos com uma rapidez impressionante, logo percebi que não os queria ali. Por quê? Por que

meu Vlado não me permitia os galanteios da minha família? Minha irmã ficou viúva e voltou para a sua casa levando toda a nossa família. Eles diziam a Vlado que queriam estar perto ajudando-o a administrar o seu grande patrimônio.

“Os meus irmãos se interessaram em investir na navegação e no comércio. Era evidente que Vlado entristecera com a decisão da minha família: aumentar o patrimônio nas nossas vizinhanças para ficarem perto de nós. Em nenhum momento pude ver que tudo não passava de interesse mercantilista, não pude ver; a minha ilusão construiu um sonho perfeito de uma família que agora me amava e me enaltecia nos seus corações. Por que Vlado deixou-me entregue a tão falsos sentimentos? Por que não me acordou, me despertou como fazia antigamente quando assumiu a função de ser meu professor? Não queria despertar-me do meu sonho ilusório? Coitado do meu amor, me amou tanto que escondia de mim a verdade para não me fazer sofrer. Dizia-me que não queria que eu conhecesse o sofrimento, que a dor do sofrimento nos levava para caminhos mórbidos e prazeres hediondos e abomináveis, era esta a sua principal preocupação, não me permitir sofrer. Eu amadurecia fundamentando a minha vida com pedras falsas, tanto no meu despertar religioso, quanto no meu agradecimento familiar.

“Vlado vivia muito com os gregos e os seus negócios o ocupavam demais. Às vezes viajava, passava semanas fora. Os escravos o substituíram pelo tio nos boatos. Quando Vlado soube do que falavam sobre as suas viagens, mandou castigar a todos e ninguém mais falou nada sobre o assunto. Como fui cega, como não pude perceber que o meu Vlado procurava outras mulheres que alimentavam a fera que crescia dentro dele, a fera que eu domava com os meus carinhos, atenções e presença em todas as suas horas. Por que eu o abandonei? Por que troquei o meu amor verdadeiro pela falsas bajulações da igreja e da minha família? Este foi o maior dos meus erros.

“Vlado se dedicava muito ao nosso filho. Iniciou-o nas artes dos esportes, ele mesmo era o seu professor e iniciador. Quanto mais o nosso filho crescia, mais se parecia com ele, e em muito precisava de mim, até nisto eram parecidos. Precisava dedicar tempo à minha família, à igreja e ao meu filho, tornara-me uma mulher comum, daquelas que se afastam dos seus maridos e ficam em busca de prioridades secundárias e só conseguem ver o prejuízo quando se estabelece o distanciamento e o esfriamento matrimonial.

“O meu Vlado precisava muito de mim e a minha cegueira não me deixou ver que a minha presença tinha a força de dominar a fera que crescia dentro dele. Não vi nada disso. Como disse, tornara-me uma mulher comum, ocupada com tudo, menos com o meu amor, com o meu companheiro.”

Elizabete interrompeu a narrativa. O seu olhar ficou tosco, vazio. A sua luz

se recolheu à penumbra, como o pôr do sol no início da noite. A atmosfera em volta de nós também mudara, algumas flores haviam murchado. Olhei para Elizabete, que estava no seu momento sombrio e ferida. Tornou a falar:

– Nós, mulheres, nunca de fato encontramos o nosso espaço. Na época a que me refiro, competíamos com os homens tendo como tributo a fé. A igreja não era apenas um lugar para rezar, era um trono para a nossa pequena ilusão de superioridade. Nos dias de hoje as mulheres encontraram outras armas para competir com os homens. Por quê? Não tenho resposta para esta pergunta. Por que não damos a eles todo o nosso amor e por que guardamos uma grande parte para entregar à competição? Infelizmente eu não fui uma mulher diferente da que descrevo e não percebi o quanto Vlado precisava de mim, nem o quanto eu precisava dele.

“O ano que ele passou fora foi outro grande marco na nossa separação. A minha irmã me aconselhava sobre a alcova, e eu fiz as minhas confissões de amor e entrega para ela, que encontrou um cem números de pecados no nosso amar. Já sequestrada por aquele Jesus, minha irmã me fez ver que era necessário confessar e confessei, não sabia que a minha confissão armava os padres para subjugar cada vez mais Vlado; nunca entendi a política. Nunca? Não, mas só muito tempo depois.

“Outro tormento caiu sobre a comunidade. Os soldados que, erroneamente, acreditaram terem sido salvos pelas forças da igreja, autodenominavam-se “especiais” e se corromperam. Pecavam à luz do dia, matavam inocentes, obrigando Deus e Jesus a tirar-lhes a vida que lhes dera ao nascer, que lhes dera para guerrear, que lhes dera pela terceira vez quando foram amaldiçoados pelo deus dos pagãos. Era isto que todos, menos Vlado e os gregos, acreditavam. Não deixaram outro caminho para Jesus, que lhes ceifou as vidas para salvar as suas almas. Outra tortura sofrida por Vlado, via-o torturado, sofrido. Como pude ter invertido tudo o que eu via? Não adianta me cobrar agora.”

Neste instante Elizabete parou de falar, observou a atmosfera sombria em torno de nós e viu que as flores haviam murchado, e continuou:

– A vida precisa estar sempre alimentada de um ânimo maior... Olha o que eu fiz com as flores do meu jardim: roubei-lhes a vida, vampirizei as suas energias para sustentar o meu momento. Olha, você vê, poluí a atmosfera em volta de nós.

– Vejo – disse simplesmente.

– A culpa é uma ferramenta tão desnecessária... a culpa mata a beleza, envenena o ar para existir. A morte do tio de Vlado era uma incógnita para mim. O meu pai dentro de casa inibiu a minha irmã de se casar de novo, que aceitou a sua vida de viúva nova. Ela tinha a mesma idade de Vlado, 22, 23 anos quando

ficou viúva. Como eu não vi a minha família sufocando a minha irmã? Eu não via nada. Neste período contribuí para o abandono de Vlado.

“‘Agora vá’, disse-me. ‘Eu não quero contar esta história duas vezes, eu preciso aproveitar este momento de tristezas tão antigas para refletir, para ampliar o meu conhecimento sobre a Elizabete daquela época’, e deixou claro que era o fim do nosso encontro – encontro?!”

Até agora não sei como chego a Vlado e Elizabete. Uma parte do percurso me é totalmente inconsciente, também não sei como retorno, sei que vou e volto, mas não sei como, nem por onde, nem mesmo sei de quais camadas dos meus sonhos me vem esta história. Deixarei o tempo agir. Se for importante, me trará convicções ou não, mas me é totalmente desconhecido este tipo de sonho, ele não tem um começo nem um fim. O sonho chega com a presença de Vlado ou de Elizabete e o sonho termina quando eles se despedem.

A história que vivo, se é que é real, alcança uma instância na qual a tristeza predomina. Na noite de ontem, vi a tristeza de Vlado; uma tristeza que odeia, que odeia existir, que tem raiva de si mesma. Já a tristeza de Elizabete, misturada aos seus remorsos, uma tristeza triste, me fez entristecer também. Ontem concluí que o amor é como o tempo; ele não para, ele cresce ou diminui, evolui ou involui como o tempo. Tempo e amor ocupam a mesma estrada: quando se perde tempo, se perde amor.

Há dois anos venho me aprofundando nos terrenos da dignidade. Antes acreditava que o amor, o amar, era o ápice da conquista humana, mas há algo muito maior que o amor: a dignidade. Só a dignidade nos ensina a lidar com a força do amor, tornando-o mais digno. Por mais forte que seja este sentimento, se não for guiado pela dignidade, cria-nos armadilhas sombrias de ciúme, desconfianças e medo de perder ou ser perdido. Amor e amar são duas coisas completamente diferentes. Amor é um sentimento, um estímulo. E amar é o exercício quotidiano, diário, de como lidamos com nós mesmos e com as pessoas que amamos. É muito fácil conquistar o amor, mas é muito difícil equilibrar o amar. Amar sem dignidade faz com que não enxerguemos os nossos parceiros e também não somos enxergados por eles.

Acho que era isso o que Elizabete estava querendo me dizer quando falava da sua cegueira. Vlado também fala desta torpe escuridão que toma o nosso coração, e ambos declararam que seu maior erro foi terem escondido a verdade um do outro. Vlado omitia de Elizabete a sua sombria vida; pretendendo protegê-la a desprotegeu, entregou-a totalmente ao falso amor. Elizabete, tomada por este falso amor, que ocupava a sua carência interna de ex-órfã do jardim, não viu que abandonava Vlado à sua própria sorte ou azar.

Neste trecho da história em que cada um conta a sua experiência dentro do

mesmo tempo, eu percebo que o elo que existia entre eles foi cortado pelas omissões. Um estava preocupado com o outro, mas não sabiam o que fazer.

Não sei por que tudo isso me leva a pensar na dignidade. A dignidade nos deixa alertas para medir o nosso respeito pelo outro e, ao mesmo tempo, consegue nos clarear o respeito que o outro tem por nós. O amor, enquanto não encontra a dignidade, é cego. O amor é cego: os olhos do amor e do amar são a dignidade. O amor sem dignidade é um amar mendicante, possessivo, obsessivo e obstinado; exige sacrifício no exercício do amar, abdica-se, renega-se. A dignidade não permite que aceitemos a diminuição nas nossas vidas para caber o amor. A dignidade é o fermento da vida, que faz a vida crescer para caber o amor no seu ventre. Sem a dignidade o amor não está no ventre, ele se transforma em um ventre e nos engole, e o exercício de amar é fustigar, seduzir os seres amados para dentro deste ventre, obscuro e irracional.

A dignidade é um exercício de burilar o amor, honesto, incondicional como o eclipse em que a lua se sobrepõe ao sol sem diminuir um milímetro sequer de si mesma.

Sábado, 24 de janeiro de 2009, às 5h40min.

No dia 22 de janeiro, à tarde, eu ainda estava muito cansada; mais do que isso, havia uma tristeza muito grande no meu coração e um peso de igual tamanho nos ombros. A minha mente não suportaria um encontro naquela noite. Comecei a falar com o que eu chamo de universo: “Universo, eu não suporto outro sonho hoje, eu preciso de um descanso, de um afastamento”. O universo, para mim, é não saber para onde estou falando, para quem estou rogando, implorando. Fato é que na manhã do dia 23 eu não tinha nada para contar. Dormi a noite toda, sonhei com toda a minha família, com algumas pessoas do meu trabalho e passei um dia mais leve.

Hoje o sonho (sonho?!) voltou. A atmosfera estava muito densa, pela primeira vez me lembro que caminhava... Vi a luz sumindo às minhas costas, como acontece quando atravessamos um túnel, quando ouvi:

– Pare aí!

Obedeci. Alguns minutos de silêncio. Senti medo. Quando Vlado começou a falar, o medo desapareceu:

– Se a minha vida até agora fora uma sucessão de favorabilidades mórbidas e facilidades, conheci a outra polaridade da experiência, as dificuldades. Olhava para Elizabete e o seu relacionamento familiar e não conseguia estar entre eles. E o nosso mundo, o mundo que era unicamente meu e dela? E o nosso tempo? Tínhamos todo o tempo do nosso mundo para nós e ele foi completamente

invadido. A vida deles era um mar de ambições e puxavam Elizabete para estas águas, que começou a me cobrar, a me pedir que ajudasse os irmãos, assim eles não iriam mais embora para longe e nos tornaríamos o que ela chamou de uma grande família. Na sua inocência e carência julgava-se amada. Como pôde se enganar tanto? Não conheceu o amor que eu lhe dei? O meu amor foi insuficiente para que ela agora não soubesse distinguir amor de bajulação? Distinguir amor de interesse? Mas não quis roubá-la daquele precioso momento que a vida lhe dava, foi o máximo que consegui participar.

“A cada momento devia mais favores para a igreja. Não fazia parte dos meus planos aumentar a minha subserviência aos padres. E os meus planos de morarmos distantes? E as novas terras que comprei? Não havia espaço sequer para eu dividir com Elizabete os meus projetos. Não havia campo para eu mudar o jogo. Já assim, sentindo-me tão diferente de tudo e de todos, encontrei Elizabete chorando, muito triste e nervosa no nosso quarto. O que havia acontecido? Nunca a vira daquele jeito. Segurei as mãos dela, suas lágrimas e seu choro, tudo nela tremia. Quem era aquela Elizabete? Com o que se envolvera para transformá-la tanto no seu oposto? Confessou que algo muito bizarro havia acontecido, que no início ela achou que fosse tolice de criança, mas a situação não parava de se repetir, deixando-a daquele jeito.

“Embora a assistisse chorar, se desesperar, eu estava oco – a invasão na nossa vida me levou para o espaço do vazio absoluto, conhecia este espaço, era a segunda vez que o visitava dentro de mim. A primeira foi quando desisti de aumentar o ódio e o amor pelo meu Jesus. Soltei as mãos dela e andei pelo quarto me procurando. Em que canto eu havia me deixado? Onde eu estava? Ela não entendeu o meu gesto. Como poderia? Julgou que eu não prestava atenção às suas palavras, ao seu desespero; ela falava, se queixava e eu segurava os nossos lençóis; abraçava-me ao pé da nossa cama me procurando, sabia-me abandonado em algum lugar, eu precisava me encontrar para me preencher e desvanecer aquele vazio, quando ouvi de Elizabete:

“‘A ama do nosso filho o encontrou comendo ratos.’

“Voltei. Aquela frase fez-me voltar, mas ainda não estava de todo de dentro de mim e indaguei:

“‘O que você disse?’

“‘O nosso filho vem, há dias, caçando e comendo ratos.’

“Lembrei-me de mim. Sem nada dizer saí do quarto e fui atrás do meu filho, imaginando-o com febres, como eu sofri. Para minha surpresa, ele estava brincando, correndo no jardim. Fiquei parado, estupefato, quando pude ver Elizabete ao meu lado. Quis saber mais, se não tivera febres, se não se queixara de dor... respondeu-me com um ‘não’ seco. Segurei as mãos dela e ficamos

olhando para o nosso filho, aparentemente não havia nada errado, estava tranquilo, sorridente. Pedi a Elizabete que me deixasse em reunião com os gregos. Eles já sabiam, a ama havia contado. Por que não me disseram? Esperavam ter uma resposta para mim. Os gregos e as suas intermináveis explicações!

“É isso mesmo, procurávamos uma explicação.”

“O grego que fora meu amo sabia das minhas experiências com animais quando criança, mas não tão jovem como meu filho, que estava agora com pouco mais de dois anos. Era nítido o seu desenvolvimento e inteligência, tínhamos o filho do meu tio com a irmã de Elizabete para comparar. A criança deles não conseguia nem andar direito, dava passos e sentava no chão, um olhar inocente, dependente, enquanto o meu filho já fazia corridas, subia em colinas, um olhar arguto, astuto, soberbo e sombrio.

“Pedi para conversar com a ama e aí soube que ela fora substituída, que a outra morrerá, adoecera e morrerá. Do que adoecera? Pressionei o grego, confessou-me que ainda não tinha certeza, apenas suposições. Exigi que me falasse sobre elas e revelou-me que os arranhões e as mordidas que meu filho dera na ama, nas suas crises de raiva, tornaram-se feridas sem cura. Não encontraram remédio, levaram-na aos médicos curadores, também sem encontrar acerto, e que para a nova ama haviam-na orientado que não se aproximasse quando o meu filho tivesse estas crises de raiva. ‘E como são estas crises?’, ‘Onde elas se originam?’ Mais uma vez os gregos voltaram a falar de suposições: desconfiavam que as crises de raiva emergiam diante de uma impotência, quando não conseguia subir em uma árvore, quando não conseguia desempenhar uma tarefa por ele pretendida, os acessos tinham início.

“Saí da minha reunião com os gregos e encontrei Elizabete à minha espera. Procurei acalmá-la, tomar totalmente para mim aquele fardo. Disse-lhe que os gregos só tinham suposições, nenhuma conclusão. Passei a substituir a ama, ficava horas com ele, andando, correndo, levava-o para passeios a cavalo. A cada minuto com ele um susto, uma surpresa: herdou de mim a morbidez, peguei-o diversas vezes se mordiscando, se beliscando. Elizabete queria entender a razão daqueles ferimentos e eu mentia, mentia para protegê-la.

“Estava cada vez mais certo de que precisávamos ir embora, morar em terras distantes, longe do julgo da igreja, para libertar-me das inúmeras ocupações, para poder me dedicar mais ao meu filho. Tentei falar com Elizabete sobre isso e ela foi decisiva. Primeiro quis saber se estávamos com algum problema. Ela não via? Pensei. Ela não percebia? Não, concluí. Acreditava que estar perto da igreja e da sua família era a solução para os nossos problemas.

“A solidão voltou a me visitar. Perdi Elizabete para a igreja e para a sua

família, o seu foco agora eram eles, não enxergava a minha solidão. Um profundo vazio interno e as minhas preocupações. Pensei em ir embora com o meu filho, buscar uma solução para nós dois, mas eu amava muito Elizabete, mais do que a mim, mais do que a ele, e a cada mês que passava, as dificuldades aumentavam.

“Por estar devendo tantos favores aos padres, me convidaram mais uma vez para liderar uma batalha, uma nova batalha contra o povo do deserto. Os seus informantes disseram que eles agora viriam com muito mais homens, mais preparados para me enfrentar, que era preciso montar o meu exército de homens dotados, a história se repetia. Tentei de todas as formas declinar do convite, fazer-lhes ver que eu não poderia me ausentar da minha casa, das minhas terras, dos meus negócios. Ofereci moedas de ouro, patrimônio para que escolhessem outro líder, cheguei ao ponto de negociar que tornaria os soldados superdotados, mas que escolhessem outro líder; cheguei à fronteira, ao limite. Na última conversa não se teve conversa, me ouviram e me perguntaram quando começaríamos a montar o nosso exército, a preparar os nossos soldados, tinham pressa, esta foi a resposta que ouvi deles, já não precisava mais do meu tio para identificar a fronteira do perigo do poder estabelecido pela igreja nova. Comuniquei aos gregos, que já não estavam muito certos da experiência com o meu sangue. Fiz-lhes ver que não havia outro jeito.

“Elizabete ficou muito contente, apesar da saudade que sentiria de mim, admirava-me por ser escolhido para exterminar os pagãos, ela agora já acreditava também em paganismo. O pai e os irmãos viram nesta investida uma oportunidade de bajular a igreja e se ofereceram para serem meus soldados também. Em vão tentei demovê-los desta ideia. Não tinha mais favorabilidades, tudo agora era dificuldade. Sentia-me como quem falava para surdos ou como um mudo que não conseguia ser escutado.

“A igreja forjou um novo brasão para mim. Naquela época os brasões eram formados por letras, números ou símbolos. Eu já tinha o brasão da minha família, herdado do meu pai, que herdou do meu avô, que herdou dos nossos antepassados e a igreja decidiu que eu merecia mais um brasão, que teria origem em mim e seria passado para as minhas gerações futuras. Quem conhece o período a qual me refiro, final do primeiro milênio, sabe que esta é uma das maiores honrarias dadas pela igreja. Eu tinha um brasão da igreja e outro brasão da nobreza de herança, e criava para futuras gerações mais um brasão de poder.

“Houve uma festa especial para me entregarem esta condecoração, todas as espadas e todas as armas utilizadas naquela guerra carregariam este brasão, cujas iniciais eram DRACUL, que significava ‘O sangue real que extingue o sangue envenenado do deus pagão’. E nos seus discursos diziam que a espada ou a arma

que carregasse este brasão teria uma força mística e enigmática; sobre ela não falaram, enalteciam a força de sublimar o sangue do paganismo.

“Elizabete e toda a família não se continham de felicidade. Estávamos no poder, éramos o poder, éramos o topo da cadeia alimentar, sobre nós só as grandes autoridades da igreja nova e o seu líder.

“Começamos a preparar os soldados como da primeira vez. Os homens, ao sentirem-se mais fortes pelo sangue real que a igreja dizia que eu possuía, tratavam-me como um deus. Tentei não arrastar o pai de Elizabete e seus irmãos nesta mutação; sentiram-se ofendidos, diminuídos, compreenderam que eu os queria fracos para dominá-los. Incluí-os, sem nenhuma culpa, agora com muito interesse na minha mutação abominável, dei a eles mais do que dei aos outros. Não era o que queriam? Era. Sentiram-se felizes pelo despertar de uma força que os tornava muito mais ágeis, velozes, quase espartanos. As suas ambições ressaltavam, bem como as suas agressividades e arrogância, lutavam com os soldados em treinamento e só paravam quando os matavam, achando que assim selecionavam um exército mais forte.

“‘Imbecis! Ambiciosos! Nojentos!’”, gritava para mim mesmo.

“Por conhecer a dor do nojo, revivi as suas visitas às minhas entranhas, eles me causavam nojo, um nojo muito maior do que eu experimentara. Eu os coloquei sob controle, já não tinha nenhuma deferência ou respeito por aquelas pessoas e os tratei como soldados comuns: informei-lhes com segurança e segura que se matassem mais um dos soldados morreriam na minha espada. Testaria-os com o mesmo critério que eles acreditavam testar os outros homens e assim os coloquei sob controle. A mudança deles em suas vidas domésticas era claramente percebida, tornaram-se mais arrogantes, feriam os seus escravos por nada, caçavam motivo para sublimar e ferir, inclusive as esposas. O que era aquilo? Eu não possuía aquele sentimento, então não podiam ter herdado do meu sangue.

“Reuni-me com os gregos, eles tinham mais informações. Disseram-me que concluíram pelos seus estudos que o meu sangue mutante fortalecia e multiplicava a força que o outro detinha, mais arrogância para os arrogantes, mais brutalidade para os brutos, mais ganância para os gananciosos. Estavam assustados, mas... Eu tinha outra guerra para vencer, não era o momento para me entregar a novas especulações. Prometi que depois desta guerra iríamos para as suas terras, junto com Elizabete e o meu filho, em busca de estudos e cura, e eles se acalmaram.

“Precisei voltar para a minha nefasta dieta, mais uma vez me imponho ao silêncio sobre esta fórmula, não quero ser responsabilizado pela ganância de tolos – todo aquele que tem ganância por um poder é um tolo, como eu fui. Não

era o momento para filosofias, tínhamos notícias de que o povo do deserto viria em número muito maior e que também desenvolveram armas, que não aceitariam perder outra guerra para mim. Eu, com a minha dieta, o fruto da dieta no meu sangue, no sangue dos homens, sangue este que estimulou a igreja a me dar o brasão e o brasão nas armas. Os homens resolveram tatuar os seus braços com o meu brasão, o que agradou muito a nova igreja, éramos soldados DRACUL, do sangue real que tinha o poder de limpar da terra o envenenado sangue pagão. Quanta ironia! A vida é irônica. Poder e ironia é o fruto da ganância, mas eu tinha uma guerra para vencer, o que me elevaria ainda mais ao topo. Acreditando erroneamente que assim conquistaria a minha liberdade, fui o maior dos escravos, o mais escravizado. Mas não consegui ter esta lucidez naquela época.

“Deixei um grego com Elizabete, com a tarefa de cuidar dela e do meu filho. Entre os cuidados, pedi a Elizabete que lhe desse muito amor, o seu amor, que era conhecido por todos, era a única forma de acalmar o nosso filho em seus acessos de raiva. Embora, dentro de mim, desconfiasse que as interferências externas – todas elas juntas, todas as invasões que o nosso mundo particular recebeu – tiveram a força de mudar Elizabete. Mesmo comigo, em nossos momentos de amor, ela impôs freios, censuras, não queria mais amar o pecar e precisar do perdão. Ela estava diferente.

“Tudo preparado, seguimos para a batalha com a certeza de que voltaríamos vencedores, todos acreditavam. Mas, quando voltaríamos? Mais de dois anos depois. A estratégia dos pagãos era recuar da luta e fugir para as suas terras, levar-nos para os seus terrenos. Quando compreendi a estratégia mudei a minha, não permiti abertura para que eles batessem em retirada em direção às suas terras e, quando se retiravam, era para terras distantes que não era o nosso terreno, mas também não era o terreno deles. A minha nefasta dieta me transformou muito, o tempo não passava para mim, muito pelo contrário, cada vez mais rejuvenescido.

“As espadas me feriam e o máximo que conseguiam era abrir feridas que no outro dia já estavam cicatrizadas. Os meus homens eram sanguinários, covardes, matavam pelo prazer de matar, mutilar, esquartejar. O meu sogro teve a ideia de decapitar os vencidos e colocar as suas cabeças em estacas, uma ideia que trouxe muito êxito. Ao ver a cabeça dos seus liderados em estacas, de seus companheiros de luta, os soldados adversários enfraqueciam. Como já era previsto, vencemos. Quem nos venceria? Uma vitória horrorosa, desonrosa. No que eu havia me transformado? Eu estava muito diferente. Quando busquei as prostitutas, na primeira vez, sofri com a infidelidade e deslealdade que impunha à minha Elizabete, mas eu era outro agora, uma fera. O que fazem as feras? Ferem. Era o que eu era, uma fera que feria sem nenhum remorso, nenhuma

compaixão.

“Buscando um limite para mim, lembrei do meu amor por Jesus; fazia crescer a sua igreja, ficamos seis meses a mais no território do combate para que a igreja construísse ali mais um templo. A igreja ficou com os meus soldados, trariam as suas famílias e fundariam uma cidade. Queriam-me com eles e eu sabia por quê, pelo meu sangue DRACUL. Fiz-lhes ver que não podia abandonar o meu patrimônio. Ofereceram-me todas as terras em torno da igreja, nomeariam-me uma espécie de governador, intendente, interventor, como se chamariam nos dias de hoje. Para acalmá-los, disse-lhes que retornaria às minhas terras para preparar a minha mudança. Concordaram.

“Voltar para casa era uma desolação muito grande. O que encontraria? Não tinha nenhuma notícia. Sabendo da minha chegada, o Grego foi se encontrar comigo no caminho. Perguntando-me por que não respondi às suas correspondências. ‘Que correspondências?’, quis saber. Nos primeiros minutos da nossa conversa descobri que a igreja fizera com que as correspondências do Grego não chegassem a mim. Senti o perigo. O que fazer? O meu filho crescera muito, embora estivesse com menos de cinco anos, dominava cavalos como eu na adolescência, sabia o que acontecia com ele. O Grego disse-me que o afastara completamente dos ratos, dos répteis e ele adoecera, esteve muito perto da morte. Era este o teor da correspondência: queriam que eu escolhesse entre deixar o meu filho morrer de fome ou nutri-lo com a nefasta dieta para continuar vivo. Eu não tinha escolha; como poderia escolher pela morte do meu filho? Mas entendi que faltava ao Grego forças para decidir sobre a vida que o meu filho teria, ou lhe impingir a morte. Isto precisava ser uma decisão minha, o Grego não queria sobre si esta responsabilidade.

“Decidi que iríamos embora, faria o que fosse preciso para ir às terras dos gregos buscando uma salvação para mim e para o meu filho. Outra surpresa macabra me aguardava: fui chamado à casa das prostitutas que visitara na minha primeira viagem. Oito entre elas tiveram um filho meu. Eram cópias minhas e repetiam o padrão, pareciam todos terem saído do mesmo ventre. Desesperei-me e fiz com estes o que me faltou coragem para fazer com o meu filho e de Elizabete. Mais mortes, não sobrou ninguém. Não poderia haver sequer uma testemunha, e não só a casa das prostitutas como todos os seus vizinhos foram mortos. Agora eu matara oito filhos meus. Mais sorte tiveram estes, o tempo me mostrou.

“Fortaleci-me para preparar a viagem e ir embora com Elizabete, meu filho e os gregos. Mais ninguém nos acompanharia. Elizabete estava dividida, o que confirmava que já não confiava em mim como antes e procurou o seu padre confessor para se aconselhar. Mais uma vez fui visitado pela dor do

arrependimento e do remorso. Tentando protegê-la de preocupações, demorei a fazer Elizabete ver o que o poder da igreja trazia para nós e já não me era possível, fui chamado para uma nova batalha.

“O líder da nova igreja me enviou ao templo novo no qual os soldados me esperavam. A batalha não seria contra os pagãos, seria contra pequenos nobres que relutavam entregar o seu patrimônio para a igreja, para que ela o repassasse a mim, e eu pudesse, poderosamente, me estabelecer como um grande líder nestes domínios. Mais mortes, mais dietas, mais transformações.

“Fui chamado pelo líder da nova igreja, que já havia inventado título e posição exclusivos para mim. Dar-me-ia, além do poder dos patrimônios, o poder sobre os fiéis da igreja nova que se espalhava pelo mundo. Só ele estaria acima de mim, não me queria mais como soldado, queria-me dentro do seu sistema. Mas havia um impedimento: há mais de um século só pertenciam a este sistema homens que não tivessem família, mulher e filhos, e eu os tinha. Eles criavam solução para tudo: manteriam Elizabete e o meu filho em segredo.

“A igreja nova possuía sob o seu comando um patrimônio tão imenso que tornou-se impossível para o seu líder e principais assessores fiscalizarem, dirigirem e coordenarem tudo. Temiam uma divisão dentro da própria igreja, e eu era o único nome que as autoridades aceitariam por conhecerem a força do exército que só eu sabia construir. Resolvi, mesmo que custasse a minha vida, a vida de Elizabete e a do meu filho, não me submeter a esta ordem e não a aceitei. Rejeitaram o meu ‘não’ e prepararam a Ordem do Dracul que se originava em mim. Agiam como se não me ouvissem.

“Escolhi alguns soldados e em segredo voltei para a minha casa, mas no caminho eles adoeceram e eu sabia qual era a doença. Precisamos parar para que o grego os curasse com um único remédio, o meu sangue. Quando retornei a minha casa, do portão vi que estava repleta de padres. A minha intuição, o meu radar astuto, ou a minha percepção aguçada, assustou o meu coração.

“Levaram-me ao pai de Elizabete que se dizia triste, embora não encontrasse verdadeiramente nele qualquer detalhe de tristeza, e o que ouvi teve o efeito de uma bomba explodindo dentro das minhas veias: Elizabete, assustada com o nosso filho, por não conseguir dominá-lo, entristecera muito, perdera o vigor; além disso, uma correspondência, que agora, ao me ver vivo, concluíram ter vindo dos pagãos, informava que eu estava ferido, à beira da morte; já triste e desconsolada com o viver do nosso filho, Elizabete o matou e se matou em seguida.

“Eu não ouvia e os procurava pelo castelo. Os padres queriam me explicar, queriam falar, contar, detalhar, fazer-me crer e eu gritava e urrava como louco.

“‘Onde está a minha família?’

Levaram-me ao túmulo do meu pai, da minha mãe e agora do meu filho.

“E Elizabete?”, perguntei.

“Nós queimamos seu corpo. Ela cometeu o pecado abominável do suicídio.”, respondeu o padre.

“Ele foi o primeiro do dia a morrer nas minhas mãos. Procurei o Grego e ele estava preso. Por que o prenderam? E o segundo padre veio me dizer que o Grego, com as suas artimanhas para me destruir ou destruir a igreja, havia construído rituais diabólicos, satânicos que envolveram totalmente o meu filho e Elizabete. Este foi o segundo a morrer nas minhas mãos. Exigi que soltassem o Grego imediatamente, não recusaram o meu pedido. Na época entendi que estavam com medo de mim, mas não era isso, sabiam da confiança que eu tinha no Grego, precisaram preservá-lo vivo para que me dissesse o que eu ouvi dele: o meu filho tornou-se incontrolável, encontraram a última ama morta, com o corpo despedaçado, devido a inúmeras mordidas. E o Grego acreditava no suicídio de Elizabete, viu-a entristecer, também soubera da correspondência que chegara às mãos dela informando-me quase morto, uma estratégia dos pagões, uma vingança. Não acreditei, claro que não! Livraram-se do meu filho e de Elizabete para que eu pudesse ocupar o título que a igreja pretendia.

“O terceiro padre me informou que aceitar este título me tornaria muito próximo de Jesus e conseguiria o perdão pela morte abominável de Elizabete, segundo ele esta era a única forma. Mentirosos, cães, feras, e todo o ódio que eu acumulara por não conseguir odiar Jesus, se transformou. Consegui enfim odiá-lo, tornei-me o seu maior inimigo, não havia uma gota mais de amor por Jesus dentro de mim, nem por nada, nem por ninguém. O amante do meu amor agora seria a vingança e o padre que me trouxe a proposta foi o terceiro a morrer.

“Peguei o meu cavalo e sumi, levei comigo os gregos. As minhas terras, os meus patrimônios, os meus títulos, odiava todos eles. Passei também a odiar a nobreza, o meu pai, a minha mãe, passei a odiar aquele Jesus. Por que eu não nascera escravo? Um amo? Estes eram livres das ambições dos nobres.

“Tudo e todos que semearam o desfecho tornaram-se meus inimigos.”

O que farei com esta informação?

Sempre gostei da dúvida. A dúvida nos leva à busca pela verdade. Uma verdadeira dúvida nos leva a pensar e refletir em busca de respostas, e deixo aqui as minhas dúvidas. E, se este material se transformar em um livro, que se somem às minhas as dúvidas de quem o lê. Estou cumprindo um papel e não faz parte das minhas funções fazer, com quem quer que seja, acreditar na veracidade destas linhas, mas confesso que o meu coração está abalado.

Conheço a história, precisei conhecer para me compreender. Estudar a história do mundo me ajudou bastante como pessoa, saber como este mundo

começou, como a nossa civilização se iniciou e sei, como qualquer um que pesquise sobre esta época, que os registos históricos indicam uma confusão de verdades: uma verdade histórica e uma verdade mítica. Fica a critério do intelecto de quem lê definir o que são estes escritos.

9. O Grego

25 de janeiro de 2009, às 7h46min.

O sonho que me despertou esta manhã tinha uma atmosfera diferente e um narrador diferente. Sonhei que estava em uma praça ou em um parque. Penso que era uma praça dentro de um parque. O que eu encontraria agora? Sabia-me em uma terceira atmosfera, da mesma forma que sabia que o enredo era o mesmo.

Os segundos foram se passando, tive aquela sensação do tempo ansioso, quando segundos se transformam em minutos, e minutos em horas. Procurando um lugar para me sentar, comecei a andar, não havia sol, não havia lua, embora estivesse em um campo aberto, um pouco de neblina. Final de tarde cinzenta? Não sei. Foi quando, de repente, uma mão tocou o meu ombro. Assustei-me e virei rapidamente:

– Eu sou o Grego, quer dizer, eu fui o Grego.

Era um homem moreno, alto, vestia-se como os cavalheiros antigos, mas não como os homens do final do primeiro milênio. Quanto a essas considerações do meu pensamento nada comentou, nada esclareceu, apenas me disse:

– O tempo se multiplica em muitos por causa da sua ação contínua.

Fiquei pensando no que falou. Ele continuou:

– O tempo existe sempre. Ele, de fato, é o único imortal. Nós vivemos do que pudemos nos lembrar do tempo, mas as memórias são sempre interrompidas, fatiadas, fragmentadas. Assim o homem vive com a imortalidade do tempo, com fragmentos.

Eu estava achando muito interessante o seu monólogo e suas afirmações. “Com certeza, quando eu tiver tempo”, pensei na hora, “vou refletir”.

– Posso começar a minha confissão?

Vlado me era muito distante. Elizabete mais próxima. Porém o Grego me era muito próximo, como um amigo; não havia entre nós o distanciamento de Vlado e a distância de Elizabete.

– Confissão? – perguntei.

Continuamos andando, e ele deu início à sua narrativa:

– Tornei-me escravo do pai de Vlado. Como diriam vocês, nos tempos de hoje, eu estava no lugar errado, na hora errada. Estava viajando quando

desavisadamente atravessei os terrenos de uma campanha de perseguição ao paganismo. A Grécia, grande parte dela, já estava na mão da nova igreja, embora o envolvimento grego fosse bem diferente do envolvimento romano que, para sobreviver um ao outro, se unificaram. Os seus rituais eram diferentes, a igreja grega era muito pobre, não concordava com a matança para aquisição de patrimônios. Havia um ou outro que se atirava a esta ambição mórbida, mas não era a maioria.

Fui feito prisioneiro pelo pai de Vlado. Por conseguir provar que era um grego, acho que ele temeu me matar, mas levou-me como um convidado prisioneiro. O que eu poderia fazer diante de trezentos homens? De uma matança expugnável? Quando cheguei ao seu castelo, como convidado prisioneiro, deram-me um quarto e uma criança para educar.

“Coincidentemente era este o meu trabalho, eu participava de uma sociedade secreta e oculta que preservava o estudo proibido pela igreja. Estudávamos astrologia, cosmogonia, enfim, a relação do homem com o universo e com a natureza, e víamos o homem como resultado, um produto desta relação. Estudávamos a natureza dos homens, as suas virtudes ou a falta delas, comparando-os com a natureza e com o movimento dos astros. Um sobrevivente fenício, com a ancestralidade suméria, atravessara o tempo, vinha de uma herança familiar na qual se era passado de pai para filho os conhecimentos ocultos e este fenício era o líder do nosso grupo.

“Eu trabalhava como filósofo e educador de crianças e, quando podia, se fosse possível, sem pôr em risco a nossa pequena organização, quando tais crianças se transformavam em adolescentes, quando me sentia seguro, os convidava para os meus estudos secretos, mas era muito raro e o risco era muito grande. Como disse, eu estava viajando quando a família de Vlado entrou na minha vida. Quando o conheci ele tinha cinco anos, nenhum irmão, nenhuma irmã; um garoto solitário, filho de um pai nobre, que se ausentava muito em busca de aumentar o patrimônio, de uma mãe fanática, parente próxima do líder da nova igreja nas terras do que hoje se chama Europa.

“Vlado era um menino incomum, solitário, enigmático, calado, profundamente triste. Sua alma era inquieta, sabia que grandes tormentos o torturavam, e pensava: “Como pode uma criança de tão pouca idade possuir um caráter, uma personalidade tão mórbida?”. Não consegui me aproximar dele. Na sequência, vi que era uma criança abandonada em função do trabalho do pai e das diretrizes religiosas da mãe – se assim não fosse, logo teriam descoberto que eu não o acessava, que nada o ensinava, não conseguia cumprir o papel para o qual fora destinado. Cada um vivia o seu viver, mas não pense que não tentei me aproximar dele; ele não deixava.

“Aguardei que crescesse um pouco mais e assim se passaram três anos. Nem o pai nem a mãe me cobravam, porque acreditavam que eu cumpria o meu papel, ou porque não estavam preocupados com isso. Não sei, vivia também a minha solidão naquela casa e tinha a completa consciência de que, a qualquer momento, poderiam pôr fim à minha vida. Eu não tinha nenhuma segurança, nenhuma garantia, nenhuma ameaça direta. É uma história estranha que lhe conto, um período estranho que vivi, a minha vida resumia-se em dormir, acordar, comer e seguir o garoto a distância, ele não permitia aproximação. Passei a vigiá-lo. Assustou-me a sua inteligência, jamais conhecera na minha vida de professor, de filósofo, uma criança tão genialmente inteligente. Chego a acreditar que se nascesse na Grécia o desfecho da sua vida seria completamente diferente, pois era evidente a sua busca por conhecimento. Resolvi abrir a minha mala na qual trazia os meus papiros, os meus escritos tentando mobilizar a curiosidade dele e, quem sabe, atraí-lo para mim; não deu importância.

“Em vão tentei chamar a atenção do pai para a inteligência que crescia dentro do garoto, inclusive arrisquei-me sugerindo deixar que eu voltasse para as minhas terras levando-o comigo, onde encontraria condições para estudar e existiriam outros professores. Como resposta o pai nada falou, continuou a comer e tomar o seu vinho. Acredito que não tinha nenhuma condição de entender o que eu dizia, era um homem rude, preocupado com as suas terras e seus patrimônios e era tão fácil adquiri-los com o exército que a igreja colocou à sua disposição.

“A igreja cobrava sentenças muito altas, o que hoje vocês chamam de impostos. A metade do que era saqueado a ela era entregue. Os pagãos que eram perseguidos dominavam a arte do manuseio com o ouro e produziam muitas joias, além de cunharem moedas. Assim crescia o patrimônio daquela gente e da igreja. Era essa a sua única preocupação e ocupação do pai: queria que eu preparasse o filho para quando chegasse a vez dele, e deu por encerrada a nossa conversa. Embora as terras, a comida e o ouro fossem fartos, nenhum conhecimento, nenhuma rústica filosofia, nenhum pensamento eram cultuados ou cultivados naquelas terras. Não conseguia imaginar como viviam assim: não conheciam a arte, nenhum tipo de arte, sentia-me voltar no tempo como se estivesse vivendo dois, três séculos fora da minha era.

“Sofria por Vlado; quanto mais crescia, mais a sua inteligência explodia sem nenhuma canalização ou direção e comecei a sentir medo dele. Ao mesmo tempo, confirmava a minha crença de filósofo de que a inteligência de um pensador, quando não é alimentada pela luz do conhecimento e da filosofia, torna-se mórbida, sombria. Vlado foi um exemplo disso. Quando adoeceu com as mordidas dos ratos, pensei que morreria. Não morreu. Como a minha única

função era observá-lo, vi que vencera a morte, mas a morte o vencia aumentando a sua morbidez; vieram as aranhas, as serpentes, e eu sabia o que ele buscava; buscava conhecimento, precisava alimentar a sua inteligência com alguma atividade; e a cada tentativa de aproximação refutava a minha ação sem nada me dizer. O seu olhar era um auspício do medo, um espectro de terror.

“Tentei uma conversa com a sua mãe, a mais inútil das criaturas. Consegui muito mais com a ama do que com ela. Percebi que se ressentia pelo filho e soube, pela ama, que quando Vlado nascera, a deixara com muitas complicações de saúde, os curadores desconfiavam que não viriam mais filhos para ela e o tempo foi confirmando esta profecia. Esta informação me esclareceu e vi que ela nutria muito mais ódio por Vlado do que sentimentos maternos. Entregara-o à própria sorte. Seu pai preocupava-se apenas em transformá-lo em um herdeiro. Como não se importavam com ele? Como permitiam aquela solidão? Davam-lhe um pouco de atenção quando adoecia das suas experiências; a mãe nada dizia e o pai congratulava-se da força do filho, via-o já como um guerreiro, forte, quase um imortal. E a igreja? Ou por ignorância ou excesso de sapiência, acredito mais nesta segunda possibilidade, via-o como um fruto constante de um milagre e tramava levar o menino para ela. Para mim eram evidentes as verdadeiras intenções: sendo Vlado o único herdeiro, caso se transformasse em parte efetiva da igreja, quando o pai morresse, levaria todo o patrimônio para ela.

“Ele era muito ligado a Jesus. Via-o sempre contrito, sinceramente entregue às suas horas e horas de reza. Sabia, por sua ama, que pensava e falava muito em Jesus e cada conversa que tinha com a ama confirmava-me estar diante de um gênio, de uma inteligência natural extremamente acima da época. Por que o seu Jesus não o fez nascer na Grécia? Nasceu naquelas terras rudes, cuja única filosofia era a fatura pelo martírio e morte de outrem... E testemunhei aquela criança naquele meio, totalmente desambientada, despreparada para ele.

“Procurei aproximar-me de outras crianças, pedi ao pai esta função, para compreender melhor os filhos daquela sociedade. Disse-lhe que assim prepararia melhor o seu. E as crianças que conheci eram crianças comuns, completamente diferentes de Vlado. Ali, naquelas terras rudes, a sua natureza se destacava. Se tivesse nascido na Grécia, não seria tão incomum e tão desassemelhado com o ambiente em que vivia. Não conseguia me aproximar dele, o seu convívio com a ama e os momentos de oração com a mãe eram os únicos que ele dividia com outras pessoas. Depois se refugiava, criara para si mesmo alguns esconderijos; e eu o seguia, acompanhava-o a distância e não entendia como uma criança podia me causar tanto medo e horror e, ao mesmo tempo, admiração. O meu pensamento e sentimento eram complexos, paradoxais, quando pensava e perscrutava os meus sentimentos por ele.

“Os anos foram se passando. Aos quatorze anos era quase um homem, desenvolvera sozinho a arte de domar cavalos; esta atividade o afastou de horas e horas de reza com a mãe e trouxe muita felicidade para o pai, que o presenteava com muitos cavalos selvagens para domar, o que Vlado fazia com maestria.

“No final do primeiro milênio, muitas guerras se espalhavam pelo mundo, guerras de todo o tipo, em busca de supremacia e poder. Naquelas terras esta era a única ambição, nunca conheci um pensador, um filósofo nos anos que ali morei. Acredito ter-me tornado rude também pelo convívio e por estar afastado das minhas antigas funções. Mudei a minha alimentação, sofria de saudade e fui me tornando deprimido.

“A mãe e o pai brigavam pelo filho, ela queria efetivá-lo na igreja – sabia que, por intermédio dele, conquistaria um espaço para ela também. O conde percebia as artimanhas da condessa e da igreja, mas Vlado era o seu filho único e não permitiu. Venceu esta batalha e ainda muito garoto, com quatorze anos, passou a acompanhar as campanhas de perseguição aos pagãos, fato que muito me desagradou, primeiro pelo desperdício de inteligência que os meus olhos assistiram ano a ano; segundo, porque passei a fazer parte da caravana, tarefa que me desagradava muito.

“Acompanhar Vlado – assim foi decidido e assim foi cumprido. Quando descobri o canibalismo dele, por vigiá-lo sempre, compreendi que definitivamente perdera a inteligência para a morbidez e, a cada experiência, a inteligência dele se invertia.

“Tentei aproximar o pai do filho com muito cuidado e zelo, sabia que expunha a minha vida, mas eu precisava fazer alguma coisa. O garoto se transformava, tornava-se pálido, com olheiras profundas que se destacavam na profundidade triste do olhar; algo o deprimiu, o deprimiu muito, não o via trocar uma palavra com quem quer que fosse. Tentei me aproximar dele e fui mais uma vez repellido e refratado. Qual era a minha função naquela família? Qual era a minha missão com aquele garoto? Já estava há quase dez anos com eles e não fizera nada de útil.

“Eu também perdi as minhas forças, entreguei-me à depressão e à nostalgia. Tornei-me melancólico, quase como Vlado, mas nada podia ser igual a ele; o seu olhar e comportamento eram flagrantes contínuos de tristeza e morbidez. Identifiquei-o como um gênio do mal – não essencialmente mau, não, isto ele não era: por falta de amparo, a sua temível inteligência transformava-o em um gênio do mal, o que me fez sofrer profundamente, pois na minha vida de professor era um Vlado que procurava para ensinar, conduzir ao pensamento, ao conhecimento; e o tivera ali, ao alcance das minhas mãos, que nunca o

alcançavam.

“Desenvolvi por ele uma grande compaixão. Não conseguia culpá-lo por seus crimes, sabia-o produto do meio ambiente. O ambiente de Vlado era hostil, a vida não tinha a menor importância, nenhum tipo de valorização da vida, nem mesmo para os nobres que arriscavam-se quotidianamente nas batalhas para conquistar patrimônio e poder, nenhum refinamento de vida; é preciso que se esclareça que a nobreza daquela época, daquelas terras, não tinha nenhuma nobreza: eram bárbaros totalmente licenciados a matar e corromper.

“Esta foi a escola de Vlado, o seu cosmos. Não consigo imaginar como ele poderia ser diferente, dotado da inteligência que tinha e a barbárie como presente e futuro, transformara-se no maior dos bárbaros. Felizmente, ele fez o pai ver que não tinha mais interesse em acompanhá-lo nas campanhas, já havia aprendido tudo o que havia para aprender, e como a minha função era acompanhá-lo, também fui libertado daquelas campanhas bárbaras, nas quais não se tinha nenhum respeito pela vida, nem a dos soldados, nem a do que chamavam de pagão. O exército matava crianças como animais e cada vez mais Vlado se assemelhava àqueles homens. É impossível esclarecer o meu sofrimento naquela desvirtuação, naquele desperdício, um mar de sangue, de barbarismo e terrorismo horrorizantes... era tudo o que Vlado tinha para se espelhar, para se construir, mas nunca desisti dele.

“Voltou para casa, para a capela, orava febrilmente para o Jesus dele. Era um paradoxo total: vivia entre pecados e penitências, nesta sequência nebulosa, incoerente, mas era assim que vivia o adolescente Vlado. Pecar, desenvolver requintes no pecado e abocanhar requintes nos sacrifícios, nas penitências, até o dia em que assisti a ele pregar a própria mão na madeira; queria ser como o Jesus dele, pensei. Como lhe faltavam espelhos! Se pudesse trazer a Grécia para ele, os pensadores, a filosofia, os números, tenho certeza de que a sua inteligência o capturaria para os estudos. Era o que ele buscava: compreender, entender, confrontar-se com a verdade do seu mundo, das suas escolas, dos seus espelhos. Digno de pena, dó e compaixão.

“Quando foi comunicado que iria se casar, vi-o perdido, sentava na sua relva ou nos seus cavalos, perdido. Tentei me aproximar para lhe falar sobre casamento e deu-me um pouco de atenção, ouviu-me pela primeira vez. Mas não o bastante, menos que o suficiente, sequer olhava para mim, eu sentava ao seu lado e ele simplesmente permitia a minha presença e ouvia as minhas palavras, mas nada me respondia. Quando se cansava de me ouvir simplesmente se levantava e ia embora. Este período durou pouco, voltei a perder o acesso, mas eu sabia que a ideia do casamento o assustava.

“Na minha opinião, não estava pronto, não caminhara para ser um homem

como os nobres, como os filhos da nobreza. Primeiro transformavam-se em homens e depois em bárbaros, mas a iniciação da barbárie de Vlado o alcançou na primeira infância. E agora sei que ele pensava: “Como seria um homem?”. Quando soube dos preparativos para a chegada da noiva, passamos a sair com alguns soldados para longas caçadas; enfrentava lobos com a espada, não caçava como os demais, golpeava os lobos, abandonava a espada e terminava o que começou com as mãos e com os dentes.

“Meu pobre Vlado conhecia agora o medo. O medo que ele fazia os outros sentirem voltou-se totalmente para ele. Estava com medo, com muito medo e rebatia-o rolando com as feras. Entendi que, na sua morbidez, buscava forças para encobrir o próprio medo, mais bárbaro se tornara e eu, a cada dia, o temia cada vez mais, eu e os outros soldados, todos, quase morríamos de medo dele. Ninguém lhe dava uma negativa. Devassava o mato em busca de feras, muitos soldados morreram por acompanhá-lo. Foi assim que descobri. Nestas caçadas percebi que ele me protegia, mantinha-me sempre ao seu lado. Um início de contato? Será? Sentia alguma amizade por mim? Suspeitas... Suposições... Se não me protegesse teria morrido naquelas viagens. Um resto de bondade? Será que havia nele bondade? Odiei o mundo dele, a barbaridade daquelas terras, daquela igreja, daquela nobreza pobre de qualquer suavidade.

“Na volta de uma das caçadas viu uma moça no jardim e acreditou ser a noiva dele. E eu fui testemunha do nascimento dele como homem; ainda em cima do cavalo, a uma distância de vinte metros, vi o corpo de Vlado estremecer, vi-o segurar-se na sela para não cair; um raio o tomara, desceu do cavalo e se dirigiu a ela, os acompanhei de longe, não sei o que conversaram, mas pelo que assisti não trocaram nenhuma palavra.

“Continuei a observá-lo. Vlado retornou ao interior da casa diferente. Um ânimo novo nascera nele. ‘Como pode? O que teria acontecido?’, pensei. Mas o Vlado que voltava não era o mesmo Vlado que descera do cavalo, estava ansioso. Vi, ou imaginei ter visto, um sorriso em seus lábios, mas com certeza a sua expressão estava suave, leve, como eu nunca tinha visto nele nem em ninguém naquelas terras.

“Que força teria aquela moça? Será que aquelas almas já se conheciam? Gregos, egípcios, mesopotâmios acreditavam que as almas retornavam ou do céu, ou do inferno, por ainda não terem conquistado a eternidade. Estudávamos mais este tema do que se sabe nos dias de hoje, o poder constituído matou a informação e a esperança de evolução para as gerações que vieram depois. Nós, os gregos, e também os egípcios, dedicávamo-nos ao estudo do pensamento, procurando entender a alma, os pensadores antigos. Tínhamos muito clara a crença no retorno das almas, algumas se reconheciam, mas era muito raro, eram

raros os que tinham certeza de que se reencontravam. Primeiro, era preciso acreditar nesta possibilidade; segundo, sentir, medir a força do encontro e entregar-se a práticas que buscavam, pelo pensamento, a memória antiga, como a chamávamos. Muitos pensadores e sábios alcançaram esta consciência e lembraram de suas almas em tempos anteriores – como disse, era preciso muita dedicação e estudo para se alcançar as confirmações.

“Mas o que poderia ser o encontro de Vlado e Elizabete senão um grande reencontro? Eu o vi em cima do cavalo, vi-o tremer, antes mesmo de encontrar-se com ela, vi como andou, quase correu. O magnetismo era muito forte e eu sentia a força do magnetismo entre eles, aproximei-me o mais que pude. Como não podia ouvi-los, se é que falaram, concentrei-me nas trocas de olhares, como um buscava os olhos do outro – uma experiência impressionante –, vi quando entrou na casa. Tenho certeza de que até aquele momento acreditava ser Elizabete a sua noiva. Segui-o e vi, quando lhe apresentaram a noiva verdadeira, a decepção, o susto, a reprovação do seu sentimento que quase trouxe o mesmo Vlado de volta, nem sequer olhou para a futura noiva, não a ouviu, não falou, dirigiu-se ao pai, não sei o que conversaram.

“Na manhã seguinte lá estava Vlado com a irmã da noiva, no jardim. Caminhava ao lado dela, era um outro rapaz, estava com quase dezessete anos, era nobre, gentil, clássico. Onde aprendera aquelas posturas? Não havia ali quem o tivesse ensinado. Acreditei que algo de sua alma, uma memória antiga, ressurgia educando a nova mente e o novo comportamento. Ele tocava as flores junto com ela, dizia-lhe os nomes das flores, as suas estações, ensinava-lhe sobre os pássaros. Para onde tinha ido o Vlado bárbaro que eu conhecia? Já estava há quase doze anos com ele e nunca o vira assim. E repito: não tinha quem espelhasse aquele comportamento para ele.

“O tom de voz dele era gentil, o corpo era leve, o caminhar era calmo, embora os olhos estivessem tristes, assim como os da companheira. Nos seus inocentes encontros no jardim, cada dia mais tristes, tanto ele quanto ela. Eu sabia o motivo da tristeza, mas Vlado tinha força e não aceitou o jogo familiar, não sei como o fez, mas fez. Vi o pai preocupado, a mãe desesperada e a noiva triste no interior da casa. Ela evitava sair, acredito que para não assistir aos encontros de Vlado e Elizabete.

“O pai de Vlado tinha um irmão solteiro, nunca o conhecera, nunca o vira antes, era uma espécie de gerente das terras distantes do conde. Conhecê-lo foi um prazer, era muito diferente do irmão, não conseguira extrapolar na barbaridade, era um homem inculto, rude, mas tinha uma alma diferente, calma, não acompanhava as campanhas. “Um fraco”, dizia o conde, “mas que serviria para resolver o problema”. Aos poucos fomos tornando-nos amigos. Finalmente,

doze anos depois, encontrara alguém com uma sensibilidade rudimentar, mas com um prenúncio de sensibilidade. Por que não me falaram dele antes? Eu o teria aproximado de Vlado. Como nos tornamos amigos, disse-lhe o quanto o sobrinho precisava dele, ele era um homem bom e casou-se com a irmã de Elizabete. Um final inesperadamente feliz. A irmã de Elizabete era ambiciosa, muito ambiciosa; o irmão do conde também era um conde e o casamento a transformaria em uma condessa. Vlado conheceu a alegria e noivou Elizabete.

“Ela era quase uma menina, tanto em idade como em comportamento e consciência, uma criança, uma tábua branca, solitária como ele, mas sem a sua inteligência. Era uma menina, um enfeite, uma joia da natureza, linda, leve, sutil como as flores e os pássaros. Que ser era aquele? Totalmente diferente de todos os que eu conheci. Inocente, a pureza da pureza, de olhar limpo, tudo isso me fazia vê-la como uma criança, completamente despreparada para o casamento. Elizabete renovou a segurança de Vlado. Ela era completamente diferente da irmã, apesar da pouca diferença de idade, a irmã sabia o que queria, foi muito bem preparada pela família, e Elizabete, angelical.

“Correram os preparativos para o primeiro casamento e eu os via alheios a tudo, nada que não fosse eles mesmos os interessava. A condessa, mãe de Vlado, sofreu muito com esta decisão, não queria uma Elizabete para noiva do filho. O que traria para ele? Veio procurar-me, em busca de ajuda, para mudar o desfecho. Apenas disse-lhe: ‘Quem tem força para questionar as decisões de Vlado?’

“Nada me respondeu, não era necessário. Com muita tristeza e pesar, entregou a noiva pretendida para o filho ao irmão do marido. Não escondia a tristeza e nem o pesar, muito pelo contrário, o anunciava repelindo e refratando completamente Elizabete, não a ouvia, não a procurava.

“A irmã de Elizabete se foi com o conde, agora também condessa. E aquela menina ficou solta no jardim, ou melhor, aqueles meninos ficaram soltos no jardim, porque Vlado ressuscitou como um menino, brincava com ela de jogar pedra sobre a água, ensinara-lhe a pescar, saíam para dar longos passeios no mesmo cavalo. Ninguém os auxiliava, orientava.

“A condessa, mãe de Vlado, não se animava em preparar o casamento, soube de brigas horrorosas entre ela e o marido em função disso e descobri que ele a temia. Por quê? Por causa da força que tinha com a igreja, ela era parente do líder da nova igreja. O conde me chamou para auxiliá-lo nos preparativos do casamento de Vlado. O que sabia eu sobre matrimônios? Mas a condessa se negava a auxiliar, voltara-se para as tarefas na igreja. Procurei a irmã de Elizabete, sob as ordens do conde, meu dono ou patrão, e juntos preparamos o casamento. A condessa, como dissera, não participou de nada e ameaçava estar

ausente, no momento do casamento. Desconfio que os padres a fizeram mudar de ideia, ela foi, mas manteve-se triste, amarga, olhava para Elizabete com asco e o que mais me impressionava é que Elizabete não estranhava, o contato com outras pessoas para ela era vazio. Depois, conhecendo a sua história, entendi que não sabia distinguir, discernir sobre sentimentos e pessoas. Essa inocência a protegeu de perceber as grosserias da futura sogra.

“O pai de Vlado voltou às campanhas e a mãe dedicou-se cada vez mais à igreja. Eu assistia, dia a dia, Vlado e Elizabete criando um mundo particular para eles; se possuíram antes do casamento. A condessa embora os condenasse, apreciara o ocorrido: via neste acontecimento uma vingança contra a inocente e pura inimiga; levou-os aos padres, foi a única oportunidade que teve de impedir o casamento, pelo pecado que haviam cometido.

“Queria que a igreja visse Elizabete como uma mulher do povo, promíscua. Não sei por que seus planos não deram certo e Vlado casou-se com Elizabete. Enfrentava a mãe abertamente, acredito que ela começou a ter medo dele. Nestes períodos de desentendimento familiar, Vlado alternava a personalidade: com Elizabete era gentil, suave, um príncipe educado; com a mãe uma fera bestializada; e ela recuou. Assim foi o início da vida de Vlado e Elizabete: seguidos de abandono – o pai nas campanhas e a mãe nas igrejas e tarefas.”

Na noite de ontem fui dormir mais forte e me preparei para não “sonhar” ou “sonhar” com Vlado ou Elizabete. Foi uma feliz surpresa conhecer o Grego. Pelos seus olhos e pelas suas narrativas eu compreendia cada vez mais esta história, e pensei nos gênios. Os médicos dizem que eu sou um gênio. Mas o que é a inteligência sem fundamentos moral e ético?

Pensei na maldade do mundo, pensei em alguns gênios, como Santos Dumont, por exemplo, que se enforcou ao compreender que a sua inteligência e genialidade colaboraram para que se construísse uma arma também mortal.

Agradeço neste momento a todos os meus professores, aos meus mestres, os quais me abriram as portas do conhecimento fortalecendo em meu interior a dignidade, a moral e a ética, destituída de hipocrisia. Agradeço a todos os meus espelhos, que foram muitos, e dignos, fiéis às suas crenças em direção ao crescimento.

Diferentemente de Vlado, aprendi com os meus mestres a face do Jesus que queria “igualar os homens”, como aprendeu Elizabete com a ama.

Neste momento sofro de compaixão por Vlado e por todo gênio que morreu no anonimato por falta de amparo, de terreno para se expressar, e por todos os gênios que pelo ambiente social foram transformados em “gênios do mal”. Outros na arte, no canto, na composição, na dramaturgia, nos cinemas, nas novelas, na literatura e Vlado não teve nenhuma dessas oportunidades, o seu

único espelho era a barbaridade da sua época e do seu mundo.

Começo a entender por que Vlado me disse (disse?) que não seria importante que a história fosse verdadeira ou imaginativa. O importante é o que ela elucida, sobre o que nos leva a refletir, o que fazemos com a nossa inteligência, que direção damos a ela.

10. De novo o Grego

26 de janeiro de 2009, às 10h50min.

Os encontros com o Grego são mais leves, um personagem racional, contrapondo a intensidade e passionalidade dos demais. A chegada dele na minha imaginação (imaginação?) é levada para a esfera filosófica. Acho que, com este personagem, me tornei uma pessoa menos preconceituosa e compreendi que todo julgamento é uma fúria passional que nos impede de abrir a mente e o coração para a compaixão e a solidariedade, mas deixarei que o Grego fale sobre os seus pensamentos filosóficos:

– Passei a desconfiar da condessa, precisava proteger aquele Vlado que Elizabete fizera surgir. Aos poucos, eu e Vlado fomos construindo a nossa grande amizade, já não era aquele adolescente mórbido, fechado no seu mundo secreto. Tinha o seu mundo particular com Elizabete. Passou a ser bom e gentil com os empregados; aprendera com Elizabete? Não, ela não tinha nada para ensinar, mas aprendera com o amor de Elizabete, e aos poucos ele foi se tornando o seu próprio oposto; só a mãe o incomodava, a sua presença o alarmava, o seu olhar era vigilante, as suas mãos endureciam.

“Compreendi, afinal, que dentro de Vlado moravam duas grandes forças: a força de uma fera e a força de um manso, que Elizabete fizera emergir, e com a mãe emergia a fera. Era impressionante a sua transfiguração, tinha medo que ela fizesse algum mal a Elizabete e pediu a todos nós que a vigiassemos. Vlado tinha razão de suas suspeitas, matar naquela época e naquelas terras era tão fácil, uma terra de vida sem valor ou de valores amorais. A condessa não cedia, sempre que podia hostilizava Elizabete, era evidente que a queria fora. Vlado e Elizabete responderam a esta torpeza fechando-se em seus cômodos particulares. Lá, no mundo criado por eles, ele protegia a amada.

“Quando a criada me procurou confidenciando-me com muito medo que a condessa a havia mandado colocar um certo líquido no vinho que iria para o quarto – era tanto o medo da criada que, logo que terminou de me contar, se arrependeu e disse que era tudo invenção, que ela estava louca. Fui firme e exigi ver o líquido, e que ela não se preocupasse pois eu não era um ceifador de vidas, principalmente diante de tanta fidelidade. A criada se acalmou e me mostrou, ali estava a prova, o veneno nas minhas mãos. Andei com ele sem saber o que fazer.

Se dissesse a Vlado, o enfureceria e alimentaria a fera que morava dentro dele; conversar com a condessa, nem pensar, aquele ato era a prova de que não havia espaço para negociações, e o conde estava fora. Caso estivesse presente, tenho certeza de que também não dividiria com ele o flagrante da tentativa de assassinato. Depois de muito pensar, voltei a chamar a criada e disse-lhe: ‘Você vai afirmar à condessa que fez como ela mandou’.

“A criada ficou meio surpresa, em dúvida. Fiz-lhe ver que, se assim não fosse, a vida dela também correria perigo – a condessa não escolheria outra criada para tão lúgubre tarefa antes de eliminá-la.

“‘Deixe o resto comigo’, eu disse, e a acalmei com esta frase. Procurei um dos esconderijos de Vlado, desconhecido de todos, mas conhecido por mim porque o seguia e ali deixei o veneno.

“Passei a observar a condessa, ela estava nervosa, ansiosa. Procurou a criada e a mim para saber se Vlado e Elizabete saíram dos seus cômodos.

“‘Não, não saíram.’

“Por ter percebido a aproximação de Vlado comigo, pedi-me que fosse buscá-lo porque ela precisava discutir um assunto importante com ele. Eu sabia das suas intenções, imaginava que eu os encontraria mortos. Foi um prazer particular ver a condessa assustada diante da presença de Vlado, que foi seco e curto; ela não esperava por aquilo, tropeçava nas palavras, não tinha um discurso pronto, apenas disse-lhe que a igreja reclamava a sua presença nos rituais de missa. Vlado ouviu e voltou para o quarto.

“A criada voltou a me procurar com o dobro do veneno nas mãos. Consegui pensar o que pensaria a condessa: Vlado conseguira escapar do veneno dos ratos, das serpentes, e precisaria de uma dose mais forte para levá-lo à sua pretendida morte. Que absurdo! Meu pobre Vlado, de amigos inúteis como eu e os criados, e de inimigos tão poderosos como a condessa. Eu tinha certeza de que ela não estava sozinha naquele empreendimento. Tornara-se astuta? De uma inteligência sombria? Não, alguém a orientava. Levei os venenos para onde já estavam os outros e dobrei a vigilância sobre ela, Vlado e Elizabete.

“O conde voltou e ficou muito feliz com o novo Vlado. Via-o como homem, tomando as suas próprias decisões, e tinha um certo pequeno e rude apreço por Elizabete; o que fez a condessa vir a recuar. Pai e filho agora conversavam, sempre na presença de Elizabete; os dois eram um só, se fundiram, se misturaram e as suas almas precisavam de dois corpos para existir. Teria sido inveja o que provocara as reações da condessa? O conde já há muito tempo não dormia com ela, acredito que desistiu dela quando foi comprovada a possibilidade de não terem filhos. Passei a prestar atenção no conde e na sua consorte, não havia nenhum tipo de relação entre eles, mesmo juntos, à mesa,

um imensurável precipício de distância os separava. Identifiquei o ódio mútuo quando se olhavam, enquanto Elizabete e Vlado formavam um outro tipo de casal. Mesmo nas minhas terras, nunca vira um casal de amantes como eles.

“Era nova para mim aquela entrega absoluta – os dois se bastavam. O carinho, a ternura que trocavam a cada minuto! Acho que me apaixonei por eles, uma paixão de admiração. Controlei a minha inveja e era muito bonito assistir a eles: eram como os pássaros nos ninhos, como as flores que nasciam juntas, como a árvore e os galhos, não conseguia associá-los aos humanos, tamanha harmonia só assisti no esplendor da natureza. Teria sido isso o que provocara a inveja da condessa? ‘Não’, pensei, ‘no máximo abri espaço na sua alma para atender os interesses da igreja; com Vlado morto, sem nenhum herdeiro, levaria de vez o patrimônio’.

“O conde mal chegara e informou que logo seguiria em outra campanha. Pediu a Vlado que o acompanhasse e este se negou peremptoriamente a fazê-lo; o conde estava determinado a levá-lo e Vlado pediu-lhe um particular. Será que contara ao pai sobre o medo, que o torturava, de deixar Elizabete sem proteção? Quando saíram da reunião, ficou decidido que Vlado não iria. A condessa já não conseguia esconder as frustrações e discutiu abertamente, na frente de todos, com o conde: Vlado precisava ir, urgia aprender o trabalho com as campanhas. Estava totalmente descontrolada, sua impulsão não mobilizou a raiva do conde. Ele fazia de conta que não ouvia, era este o seu comportamento sempre, era assim a forma de autoridade do conde, tomava o seu vinho e nada estava acontecendo. A condessa explodia, gritava, enquanto ele se mantinha calado, ocupado com os seus pensamentos e o seu vinho. Assim era o conde: não negociava as suas decisões, não desperdiçava sequer uma palavra ou um gesto, era como se estivesse surdo; eu mesmo tivera algumas experiências com ele quando conversava sobre Vlado, se não interessava a ele o que estava sendo dito, fazia como quem não ouvia. Era um homem muito rude, penso que acreditava que discutir era uma fraqueza, nada a explicar era a base da sua nobreza.

“Os dias se passaram e o conde adiantou a viagem. Entendi que queria ficar longe, não tinha prazer na própria casa. Vlado no seu mundo com Elizabete, a presença da condessa e dos padres o expulsava de casa; a pressa em adiantar a campanha era uma prova indiscutível das minhas conclusões. Apressar a campanha colocava em risco os soldados, ainda não estavam prontos, mas o conde preferiu o risco a estar em casa, no seu castelo; quanto mais ele ficava, mais a morbidez no seu espectro rude o fazia se exaltar com os criados, com a condessa. Embora fosse tão grande o seu castelo, não havia espaço para ele ali e se foi. Eu mesmo tentei retê-lo, disse-lhe que acreditava ser extremamente importante a presença do pai para Vlado e Elizabete, não lhe disse os porquês da

minha afirmativa. Simplesmente respondeu: ‘Deixo-os ao seu encargo’.

“Aquela resposta diminuiu as minhas dúvidas. Será que, naquela conversa particular, Vlado confessou os medos ao pai? ‘Deixo-os ao seu encargo’, era uma ordem, era a autoridade dele retida e explícita naquela frase. Encerrou assim a nossa conversa e partiu.

“Vlado a cada dia se modificava, era agora terno com todos. Na ausência do pai libertou alguns criados que já estavam velhos. Deu-lhes terras para que cultivassem a sua sobrevivência. As amas e os criados naquelas terras, quando já não tinham utilidade, eram mortos como os pagãos, como os animais velhos, e Vlado agora os protegia. Toda a criadagem o amava. Muitas vezes ele e Elizabete iam comer conosco; chegavam de mãos dadas sorrindo e sentavam à mesa dos criados. Vlado presenteou a antiga ama com a suficiente quantidade de moedas de ouro para libertá-la; que ela se fosse quando pretendesse. Ela não foi, queria continuar ali para servi-lo. O que estava acontecendo naquele castelo? A nobreza à mesa dos criados. A ama preferida de Vlado falava de Jesus. O Jesus dos criados era o mesmo em qualquer terra, era o mensageiro que trazia a necessidade de liberdade, de igualar os homens. Aquela fala conquistou Elizabete para Jesus, para o mesmo Jesus da antiga ama e Vlado entronava esta crença em seu castelo.

“A mãe de Vlado se retirou para a igreja e, sem a presença dela, o castelo transformou-se completamente. Todos eram livres, confessavam a Vlado os seus sonhos e projetos. Vlado os libertava, que fossem viver o que queriam e davam-lhes condições para tanto. Muitos criados se foram, novos os substituíram. Estava na fala de Vlado que queria que todos fossem iguais. Aquele castelo seria a casa do Jesus que ouvira da ama: criou horas de descanso para os criados, não os castigava quando erravam e passou a convidá-los para comer à mesa dos nobres.

“Seis meses se passaram com a ausência do conde e da condessa. Vlado fundara, nas próprias terras, uma nova política. Os criados respondiam com fidelidade e lealdade; um deles, inclusive, soubera, na casa das mulheres fáceis, sobre o comércio da navegação e contou a Vlado, que quis entender mais sobre esta nova possibilidade de negócios. Procurou os nobres que já estavam desenvolvendo esta atividade. Eram muito poucos, as parcelas de risco e perda eram muito grandes. Vlado ouvia as informações e se recolhia no seu quarto com Elizabete.

“Um dia mostrou-me os planos, as estratégias para entrar no novo negócio. Enfim, o meu Vlado encontrara uma experiência, uma tarefa, um empreendimento para a sua genialidade.

“O conde retornou e com ele a condessa. Astuciosamente dissera ao conde

que Vlado e Elizabete a expulsaram de casa; ela tramava e tecia dividir pai e filho. Por mais engenhosas que tenham sido as suas investidas, não conseguiu. No entanto, quando Vlado mostrou ao pai os planos para o comércio de navegação, alguma coisa da condessa encontrou espaço nele. Quem colocara aquelas ideias na cabeça do filho? Jamais concordaria em arriscar o patrimônio certo em mares desconhecidos. Vlado insistiu na sua decisão, ouvi quando disse ao pai que não queria mais sangue e matança, vidas de pessoas escorrendo pela mão, pelo espírito. O conde se assustou e ali a condessa encontrou uma bifurcação para plantar sementes venenosas; pai e filho se desentenderam afinal. Ele acreditava que Vlado arriscaria todo o patrimônio naquela infantil aventura. Estaria louco? Demente? E a condessa atribuiu a loucura e a demência de Vlado a Elizabete.

“‘O conde está dividido’, pensei, ‘é preciso que este desentendimento não ultrapasse a divergência de investimentos’. Procurei Vlado, fiz-lhe ver que a condessa, antes nunca ouvida, conquistara no marido alguma escuta e aproveitou-se para dividi-los. Convenci Vlado a adiar o projeto, haveria tempo para tudo, que usasse a inteligência, que criasse uma estratégia para confirmar ao pai os seus intentos, que não se utilizasse da rudeza, da disputa por autoridade, que o afastariam do pai. Ele compreendeu e me ouviu, o que comprovou que eu conquistara um espaço em Vlado; confiava em mim e a minha alma era fiel a ele. De verdade não temia a disputa entre pai e filho, sabia que a fera em Vlado o tornaria vencedor, mas esta fera precisava diminuir, sumir, morrer para inverter a inteligência de Vlado. Ela o cegava, fazia-o exagerar na autoridade, nas suas decisões e não podia ser alimentada.

“Eu influenciava Vlado para que buscasse na inteligência caminhos e soluções para as divergências, impedindo-o de evocar a fera adormecida dentro dele. Tomei-me de preocupações e vigiava o semblante de Vlado, que com a presença do pai e da mãe era tenso, muitas vezes trazendo a morbidez de volta; as mãos endureciam, os lábios se fechavam para dentro, a respiração mudava. Parou de falar nos projectos do novo comércio, foi o máximo que consegui dele.

“Foi o bastante para acalmar o pai. Ouvi-o dizer ao filho que, embora não concordasse de nenhuma forma com os seus projetos, foi bom vê-lo preocupado com os patrimônios, tornara-se um homem. Acreditando que ganhara, não queria que o filho se sentisse como perdedor e enalteceu a arrogância por tê-lo enfrentado. Mais um fracasso para a condessa, perdeu o que ganhara por breve tempo: a escuta do conde.

“Alguns meses se passaram com pai e filho tratando negócios sobre as terras. O conde mandou buscar o irmão, que veio com a esposa. Os três se fechavam em reuniões. Eu temia que Vlado voltasse a falar do novo negócio,

mas ele inteligentemente não o fez. Não havia mais divergência entre eles. Mesmo quando a condessa contou sobre os presentes que Vlado havia dado aos criados antigos, o conde não entendeu e Vlado explicou: ‘Quem melhor do que os nossos fiéis criados para administrar pequenas quantidades de terra?’.

“No entanto eu sabia, para Vlado só havia um patrimônio: Elizabete. Tudo o que fazia era fruto do seu incondicional amor por ela, queria agradá-la. Como já disse, viviam a maior parte do tempo trancados no próprio mundo, nas entregas e descobertas do amor sem limites e fronteiras. Fora esta importância, de verdade, nada existia para Vlado.

“O projeto com os criados, o pai aprovou – as terras eram muitas e precisavam de gente de confiança e fidelidade para serem gerenciadas. Aprovava a decisão de Vlado, mais do que isso, o estimulou. A condessa perdia terreno e afastou-se da casa o máximo que pode. O pai de Vlado preparava-se para outra campanha e o filho não aprovou, queria que o pai entendesse que aumentar terras sem cultivá-las também tinha o seu risco. Momentos tensos, o conde pensava. Criaria-se ali outra bifurcação? Não, não aconteceu assim. O conde contou ao filho, que contou a mim, que esta campanha era para uma retomada de terras, descobrira que novos pagãos voltaram a se adonar delas, precisaria partir para retomar o que perdera, caso assim não fosse, os pagãos veriam nesta atitude medo e desistência e correriam o risco de perder este patrimônio. Sobre os novos projetos, referentes à terra, discutiriam na volta. O pai ordenou que Vlado pensasse naquela ideia de preparar criados fiéis para serem pequenos administradores, o pai prepararia um pequeno exército para proteger as pequenas glebas entregues aos criados.

“Quando soube da partida do conde, a condessa voltou. Por não estar muito satisfeito com o pai e não querer conviver com a mãe, Vlado levou todos nós a uma outra morada e queria, com essa mudança, construir melhor o seu mundo com Elizabete. O castelo tinha novos criados que substituíram os antigos e o que a condessa não conquistou com a antiga criada poderia conquistar com algum criado novo. As minhas suspeitas começaram a se transformar em verdade. Nunca antes se ocupara dos criados e agora procurava se aproximar deles, da nossa nova morada, sabia que os selecionava para seus intentos, intentos mortais. Ela não me deu outra opção, precisava proteger Vlado e Elizabete. Jamais poderia deixar esta tarefa para Vlado, que a cumpriria melhor do que eu – isso eu sabia – mas com a sua fera, que já estava há mais de um ano adormecida. Um fato novo fez apressar o projeto de seleção da condessa: Elizabete estava grávida. Esta notícia, que tanto agradou à casa, aos criados, ao novo casal e a mim, alimentava e despertava uma fera escondida, maquiada pela hipocrisia e dissimulação no interior da condessa. Ela não me deu outra opção e eu mesmo

coloquei o veneno na comida dela.

“O veneno escolhido por ela provocava uma morte lenta, um morrer doente. Ela adoeceu. Mandou chamar os padres para cuidarem dela, não convidou nenhum de nós. O que pensava a condessa sobre a doença? Teria reconhecido nela a morte que pretendia para Vlado e Elizabete? Esta resposta eu nunca obtive. Como havia escolhido muito bem o veneno, ela não tinha certeza, não podia ter, não sabia se estava doente ou envenenada. O padre impôs a todos nós uma confissão, investigava por meio do poder. Nenhum escravo tinha o que confessar sobre a doença da condessa, nem mesmo Vlado e Elizabete, e eu não acreditava naquele Jesus, naquele mito sanguinário e destrutivo e menti com tranquilidade na minha confissão.

“O poder dos padres, nos interrogatórios, maquiados pelo disfarce da confissão, era tão grande que não discutiram mais. Pelo menos eles não acreditavam na hipótese de veneno; quanto à condessa eu nunca soube, acredito que mesmo ela não tinha certeza. Adoecia e morria devagar e eu assistia à morte que ela havia preparado para Vlado e Elizabete. Descobri o ódio que tinha por eles, o tamanho do ódio, a fatura do odiar, na morte pretendida: uma morte horrível, lenta, dolorosa. Todas as investidas dos curadores não minimizavam os resultados. ‘Que mulher terrível’, pensei, ao assistir ao seu morrer. Que coisa horrível. Na época não consegui me arrependar, sequer sentir remorso. Pensava que tinha dado a ela o que ela daria ao filho e à inocente e angelical Elizabete.

“Entretanto um fato me fez suspeitar de alguma coisa. Elizabete perdeu a criança e o luto vestiu a casa. Eu conversava comigo mesmo: quais seriam os reais motivos daquela perda? Já não tinha dúvidas de que a fera era uma mutação sombria no sangue e na carne de Vlado, que não era uma fera imaterial; a fera vinha-lhe das carnes e do sangue para uma mutação involutiva, destrutiva. Teria sido este o motivo? Ou a condessa, antes de findar a sua presa principal, conseguira infiltrar, por intermédio de algum criado, algum demoníaco veneno para provocar a perda do filho de Elizabete? Também sabia que não podia discuti-lo com Vlado. Ele estava completamente de luto e a morbidez da fera estava presente, não a sua força, o seu ódio, apenas as emanações mórbidas e melancólicas, emanações dos sentimentos e sensações da fera. A sua força estava reprimida, reprimida pela dor da perda. Eu sabia que qualquer acontecimento, principalmente minhas dúvidas, facilmente soltariam as forças da fera, que já estavam presentes pela sua morbidez e melancolia.

“Procurei os criados novos, um a um, e não consegui encontrar neles nada que confirmasse as minhas suspeitas sobre a condessa. Passei a observar todos os criados novos, nenhum deles revelou culpa, remorso ou medo; se tivesse entre eles um criado infiel seria um inimigo poderoso, que sabia camuflar os seus

crimes, nunca tive certeza.

“Vlado confessou-me o medo de Elizabete não ter mais filhos, como a mãe dele. Em vão tentei afastá-lo desses pensamentos, mas ele queria respostas. Para que não as procurasse sozinho, contei-lhe das minhas suspeitas sobre a mutação. Ele demorou a entender, não tinha elementos para discernir sobre as minhas palavras e ensinamentos... Não, não era isso, ele não queria ver, não podia sequer suspeitar que algo nele provocava o mal em Elizabete. Demorei para compreender o real motivo da dificuldade de Vlado em entender. Quando entendeu, a desolação o tomou, o desânimo completo, tornou-se mórbido, triste, voltara a se fechar em seu mundo, afastou-se de Elizabete. Nada sofreu com a morte da mãe, não havia entre eles relações amorosas ou maternais que conquistasse o sofrimento. Que família estranha, mesmo para os padrões daquelas terras e daquela época.

“Sabendo da perda de Elizabete, a irmã veio vê-la. O marido veio com ela; ela ficava horas com Elizabete conversando. Vlado sozinho, voltou a domar cavalos. Tentava controlar a força da fera esbanjando energia naquela difícil tarefa de domar cavalos selvagens! Passava dias inteiros nesta função. Cavalgava. Começou a se ausentar de casa e um dos criados antigos me contou que havia um boato de que Vlado procurava as mulheres fáceis. Pobre Vlado.

“Resolvi contar ao tio tudo o que sabia sobre ele. O homem ficou assustado, demorou a dar créditos às minhas palavras. O que mais o impressionou era o irmão desconhecer tão terríveis aptidões. Já sabia que este homem era diferente dos demais, que não era torpe; era rude e ignorante, mas não era torpe, não era maléfico.

“Conversávamos horas e horas sobre Vlado, ele queria respostas e eu também. Consegui que Vlado trouxesse da Grécia, mas não como escravos ou prisioneiros, dois antigos amigos meus. O meu emissário partiu levando as correspondências, assinaladas com sinais secretos que confirmavam que a emissiva tinha partido de mim. E os gregos vieram. Tinham-me dado como morto, eu já estava naquelas terras há quinze anos sem nenhuma notícia. Ficaram felizes ao me rever; haviam avançado nos seus estudos e contei-lhes sobre Vlado.

“Quando o conde retornou encontrou os gregos. Voltou diferente, fraco, nada disse sobre os novos visitantes. Muito menos entristeceu-se com a morte da condessa, estava visivelmente preocupado, venceu a campanha com dificuldade, os pagãos se armavam e se preparavam para um novo grande embate. Contou-nos que extraiu tal confissão de um pagão que o procurou para lhe dar a informação em troca da vida. Prometeu, ouviu e não cumpriu. Desculpou-se pela desonra da quebra de palavra: ‘Um pagão que traía o próprio povo é o pior dos

pagãos’.

“Estava muito preocupado. Passou alguns dias em conferência com o líder da nova igreja no templo, levou Vlado com ele. Fechava-se horas com Vlado e o irmão, então resolveu me incluir nas reuniões. Era preciso armar uma grande campanha, não para tomar novos patrimônios dos pagãos, não, a batalha agora era muito maior, era inibir-lhes a chegada, a aproximação. Sabia de fontes seguras que os pagãos que se preparavam eram muito diferentes dos já conhecidos. Vlado quis saber o motivo, e ouvira do pai que fugiram dos seus desertos porque desenvolveram uma outra crença, cujo líder era um tal de Emanuel que, embora já estivesse morto, deixara discípulos. Quem era este Emanuel? O pai não sabia. Um novo tipo de paganismo? Um outro deus?

“Esta informação muito preocupou a igreja, que sabia sobre o Emanuel: um pagão horrível, o pior dos pagãos, que pregava o sumiço das castas, de qualquer hierarquia, uma crença ameaçadora. Para mim foi estranho ouvir sobre este Emanuel, ele muito se assemelhava ao Jesus dos criados. Que novidade era esta? Os gregos, meus amigos, sabiam deste Emanuel: era um homem meio divino, meio lunático, falava de amor, um discurso incompreensível, pregava amor aos inimigos. Como poderiam naquela época entendê-lo? Amar os inimigos era uma lei divina, mas de uma divindade desconhecida, ou as reflexões de um louco? Um louco genial que queria ser mais um rei propondo leis diferenciadas? Enfim, o conde compreendeu por que lhes era tão fácil matar e aterrorizar aqueles pagãos que amavam os seus inimigos.

“Para a época, não poderia haver um pensamento mais louco e invertido. Era a época de todas as guerras, todas as guerras estavam presentes no final do primeiro milênio, guerras por interesses, múltiplos interesses, divergências entre os nobres, a igreja não era unificada, tinha divergências, facções, disputas pela cadeira principal. Todos eram inimigos de todos. Era assim a sociedade da época: se uniam em prol de dizimar um inimigo comum, e eliminado o inimigo voltavam às suas desavenças. Eram dias terríveis, muito parecidos com os dias que se aproximam para a era de vocês.”

Ouvir o Grego traçar um paralelo entre a época narrada e os dias de hoje, assustou-me; algo em mim despertou. E ouvi dele:

– Sim, acredite no que lhe digo: forças invisíveis, que atuaram no fim do primeiro milênio e no começo do segundo, estão retornando neste fim do segundo milênio e começo do próximo.

Fiquei estupefata. Queria ouvi-lo e, ao mesmo tempo, pensar no terrorismo, nas mudanças climáticas que ameaçam a minha era, os nossos dias, mas fiz um esforço para deixar a reflexão para outro momento. O Grego permitiu-me alguns minutos de reflexão e voltou a falar:

– Não se engane, não se enganem: uma força maligna. Convivi com ela no final do primeiro milênio e início do segundo. Esta força tem a condição de buscar o pior no coração dos homens, as suas fraquezas, medos, vaidades, orgulhos, e quando encontra espaço, devagar vai incluindo a besta em seus corpos, pensamentos e sentimentos. É uma força que age passo a passo, que não transforma os homens da noite para o dia; melhor que assim fosse, desta forma se tornaria conhecida por todos, mas não é assim que ela atua.

“Esta força maligna procura no coração dos homens as suas próprias fraquezas, a fraqueza é uma interrupção de energia, forças e crenças. Fortaleza é uma energia inteira, incorruptível e interruptível. A fraqueza é o oposto disso, é um espaço vazio que irrompe diante de uma vaidade, um orgulho, uma arrogância e atua devagar. No começo, pequenas mudanças, pequenas corrupções, pequenos gestos destrutíveis e imperceptíveis, mas ela já está ali, fundada no coração dos homens.

“É assim a sua atuação: no início pequena, só perceptível ao olhos que veem e aos ouvidos que escutam; um pequeno ruído, pequenas manifestações, pequenas inversões de valores, miúdas concessões. Mas não se engane: ela já está ali, a força invisível e maléfica já está ali.

“Eu acredito que existe uma maldição que visita a terra no final e no início de cada milênio. E quem enxergar em si um pequeno sintoma do que descrevi, é o momento de recuar, se permitir o avanço dessa força, não terá energias, suprimentos da alma para combatê-la. Vi isso acontecer no final do primeiro milênio e daqui, de onde estou, vejo a mesma força procurar a terra mais uma vez, alimentar-se de inimizades.

“Foi assim que a vi no final do primeiro milênio: todos eram inimigos, temiam-se e desconfiavam mutuamente, só se uniam em prol de um inimigo comum. Haviam vencido, em suas terras, os ensinamentos de Emanuel. Será? Acredito que não totalmente, ainda vejo vestígios dele por aí. Naquela época o incompreendido Emanuel era julgado um deus ou um demônio. Os que acreditavam que ele era um demônio justificam a crença por não compreenderem os seus ensinamentos. Amar os inimigos, não matar em nenhuma hipótese, viver pela honra ou morrer por ela, conhece-te a ti mesmo, eram as suas leis. Que espécie de divindade era aquela? Cultuada por pagãos pobres de armas que tão facilmente sucumbiam na rude e mortal mão dos nobres. Eram um inimigo fácil porque amavam os seus inimigos, acreditavam que eles não sabiam o que faziam.

“Toda essa informação nos foi dada pela igreja. Os meus amigos gregos, embora não soubessem tanto sobre o assunto, colaboraram com alguma informação. Os pensadores da Grécia viam esse Emanuel como um filósofo,

pregador de uma filosofia amorosa e incondicional. ‘Uma nova escola filosófica?’, perguntei a eles. ‘Ainda não. Mas algo se inicia; há uma coerência na lei amorosa deste pensador, suas leis criam um mundo perfeito.’

“Se os homens as entendessem... mas não entendiam porque havia nelas um traço que os homens da época não conseguiam decodificar: destituir-se de patrimônios... Assim entendi aqueles pagãos que conheci, fugidos das suas terras, cultivavam para comer, era fácil vencê-los porque não combatiam.

“Vlado se interessou muito por este filósofo, era diferente. Como destituir-se de patrimônios? Acredito que este filósofo pensador encontrou espaços em Vlado em função do seu amor por Elizabete, ele a preferia aos patrimônios, mais do que isso, a manutenção e o aumento de patrimônios o afastavam dela. E se realmente pudesse ser assim, sem patrimônios? Vlado dizia: ‘Só se fosse em terras distantes, como os pagãos, porque aqui, nestas rudes terras, não ter patrimônio é ser transformado em escravo ou criado; a perda do patrimônio leva consigo à perda da proteção.’ Vlado começou a pensar em terras distantes, em fugir como os pagãos levando com ele Elizabete, o tio e a esposa, se quisessem acompanhá-lo, meus amigos e eu. E eu sei que ele construía a estratégia.

“Passou a temer a si próprio, estudávamos a mutação pela qual passava. Ele se afastou de Elizabete e eu testemunho que foi por medo de feri-la, não sabia o que era, entendera que era um mutante, mas a mutação era involutiva, destrutiva, sanguinária, mórbida, doentia e confessou-me que de vez em quando voltava aos venenos das serpentes que já não lhe faziam nenhum mal, acalmavam-no como um vício.

“Os meus amigos estavam preocupados, falaram-me da alquimia sombria que se operava no corpo de Vlado. Era preciso encontrar um remédio que combatesse aquele veneno vicioso, precisariam de tempo para estudar e ao mesmo tempo todos tornaram-se aterrorizados com a possibilidade de uma grande batalha entre o povo do deserto e os povos daquelas terras. O conde estava fraco, voltara adoecido, os curadores não o faziam melhorar, nem os conhecimentos dos meus amigos.

“O conde morreu a sua morte, muito sentida por Vlado. Diferentemente do que sentira quando da morte da mãe, sofria uma perda. Uma sucessão de perdas, a perda do filho, a perda do pai. Quando o tio dele nos visitou, também doente, foi um período de muita tensão, a grande batalha se anunciava e a nobreza nas terras de Vlado sucumbia, o pai morrera e agora o tio o assustava com uma possível morte.

“Pode imaginar essa sequência de tensões? A ameaça devastadora dos pagãos, turbulência, tumulto regiam as nossas almas. E aí participei da pior investida de toda a minha vida, de todos os tempos que a minha alma viveu. Sem

perceber, sucumbi à investida da forte e invisível energia que visita a Terra no final dos milênios a amaldiçoando. O que faríamos? Hoje sei tanto sobre essa força porque a vi ocupar-se de mim dia a dia, pouco a pouco, coisas que jamais imaginaria, que me envolveria pelo tumulto e turbulência que o momento provocava em minha alma. De tempos em tempos, a fera que eu via em Vlado, fera que precisava ser sucumbida, agora se manifestava como a solução para as grandes batalhas que viriam. Não há quem possa imaginar como foram os retornos da minha alma para que eu conseguisse o perdão pela minha fraqueza.”

Que força invisível seria esta? Tentei visualizá-la partindo das premissas e ensinamentos do Grego: uma força que se utilizava das fraquezas dos homens para levá-los a cometer gestos abomináveis. Era uma força que tinha no seu interior o interesse pela perseguição.

Lembrei-me de algumas pessoas que foram se tornando, pouco a pouco, o que criticavam antes. Pessoas que se desviavam de suas intenções originais por fraqueza, pela fraqueza que a vaidade, o orgulho e a arrogância criam em nossos corações. Não sei, posso estar sendo arrogante agora, mas vem à minha mente a lembrança de muitas pessoas que conheci, cuja intenção e gesto eram totalmente antagônicos. Neste momento minha alma esta alarmada porque acho que consigo ver esta força. Trago-a para mim e consigo me lembrar de momentos em que a minha intenção e o meu gesto também foram antagônicos.

Penso na afirmação de Vlado, mais uma vez, que não é importante nem para mim e nem para ninguém se esta história é verdadeira. Não é importante, realmente não é: a importância está no que ela elucida. E o Grego – se é que ele existe, se não é um símbolo da minha camada imaginativa de sonhar – informava-me sobre a força invisível. Maldição de final de milênio? Ainda não consigo acreditar assim. Será? Não sei. Não sei de onde ela vem e o que a constrói, mas ela não é tão invisível para mim. Vejo-a nos políticos, em todas as organizações que perdem a força de construir as suas intenções, que vão se desvirtuando dia a dia nas nossas vidas.

Que força perigosa! Sinto a necessidade de alertar a todos.

Cada vez mais esta história me convence a publicá-la, a dividi-la com o maior número possível de pessoas para que elas pensem e reflitam. Como disse Vlado:

“Não há necessidade de perder tempo sobre a veracidade da fonte que narra esta história, mas sim o que ela elucida.”

11. Fim?

27 de janeiro de 2009, às 6h54min.

Com Vlado e Elizabete aprendi sobre o amor na Idade Média, com o Grego aprendi a aprofundar a minha consciência em diversos assuntos e, para a minha felicidade, ele voltou a se manifestar no enredo desta história:

– Quando dividi com Vlado as minhas preocupações sobre a sua mutação, não o induzi, mas sugeri que pensasse nos possíveis perigos que levava para Elizabete. Diante das circunstâncias de alta tensão, temi que a fera dentro dele explodisse com toda a sua força e procurei Elizabete para pedir-lhe que voltasse a conduzir Vlado para o mundo que tinham, ele precisava se acalmar e só ela tinha essa força.

“Vlado foi voltando aos poucos, também querendo escapar da tensão, e querendo dedicar-se a Elizabete. Confiou a administração das terras a uma autoridade da igreja sabidamente conhecido como um grande administrador. Queria descansar e, acredito, saber mais sobre o tal Emanuel, e assim foi feito. O castelo hospedou um administrador religioso, Vlado me apresentou a ele como o seu secretário particular, disse ao padre que frente a qualquer problema ou necessidade, me procurasse.

“A primeira coisa com que o padre discordou foi o acordo que Vlado havia feito com os antigos criados para administrarem pequenos territórios dentro do grande latifúndio – queria reintegrá-los. Eu não queria incomodar Vlado e nem ele queria ser incomodado. Aquele era um terreno perigoso e escorregadio, se eu tentasse convencer o padre, contrariando as suas intenções, acreditaria numa influência que eu pudesse ter sobre Vlado, e a minha condição de estrangeiro poderia ser vista como uma má influência. Não teve jeito: quando vi que o padre revogaria as novas leis criadas por Vlado, tive que procurá-lo e ele mesmo fez o padre ver que o chamara para administrar e não para revogar antigas decisões. Tudo era muito tenso, articulações, estratégias. O padre tomou consciência do tamanho do patrimônio, sabia que não podia desagradar Vlado, senão seria substituído por outro e perderia o poder que estava em suas mãos pela posição que ocupava, e resolveu que deixaria este detalhe para ser discutido mais tarde.

“Vlado voltou para a sua Elizabete. Já não era mais o mesmo mundo que eles haviam criado, no entanto, era visível: a melancolia, a nostalgia, os

sentimentos da fera sucumbiam sob as mãos ternas e carinhosas de Elizabete.

“Enquanto isso, em segredo, eu e os meus amigos estudávamos sobre Vlado. Tínhamos teorias sobre o sangue dele, pedimos para examinar-lhe o corpo e ele consentiu, como uma criança assustada que a tudo se entrega em busca de socorro. Percebemos que as veias eram extremamente grossas. Resolvemos examinar-lhe o sangue e pedimos a ele condições para construirmos uma ferramenta que alcançasse o nosso intento. Ele a tudo cedia, e meus amigos fizeram vir da Grécia uma ferramenta que estavam desenvolvendo para análise e transfusão de sangue. Por estarmos muito distantes da nossa terra, e apesar da grande emergência, mesmo apressando de todas as formas o urgente projeto, o tal aparelho levou quatro meses para chegar. Analisamos o sangue de Vlado. Era impressionante: coagulava com uma rapidez não humana. Não dizíamos tudo a ele para não assustá-lo, mas todos sabíamos da sua inteligência e algo precisaria ser dito. Mostramos o nosso próprio sangue e ele viu a diferença. Os gregos, alquimistas, avançaram muito neste estudo e precisávamos saber o poder daquele sangue, como ele se manifestaria, traria curas, doenças, e um fato veio a nos ajudar. O tio de Vlado estava doente, uma doença que enfraquecia os ossos e a carne, um pequeno corte abria-se em feridas que demoravam para cicatrizar.

“E foi aí que tivemos a maldita ideia. A ciência é bendita e maldita, às vezes nos engana com a sua cura, e foi exatamente o que aconteceu conosco. Depois que recebeu o sangue do sobrinho, o velho tio melhorou rapidamente. Uma dupla alegria para Vlado: o restabelecimento deste tio, a quem queria muito bem, e o entendimento de que o próprio sangue era um grande remédio; apartou-se das preocupações – o que não aconteceu completamente comigo e com os meus amigos.

“Vlado voltou a ser Vlado e, neste retorno, Elizabete voltou a engravidar. Recuperado da doença, o tio fez o sobrinho ver que ter entregado a administração das suas terras a um padre fortalecia uma facção dentro da igreja, em detrimento de uma outra, e que esta outra poderia tornar-se sua grande inimiga; fez-lhe ver que não era uma boa política, embora não fossem suas intenções, pois isso denotava que ele se filiava e fortalecia uma facção.

“Ele retomou a administração. Era outro Vlado, mais maduro, mais homem. Seu sangue ter curado o tio lhe devolveu a autoconfiança, e deixou de associar a perda do primeiro filho às suas condições peculiares. O padre voltou para a igreja e Vlado foi chamado diretamente pelo líder: confirmara-se a suspeita de uma grande batalha contra os pagãos, que se preparavam para sair de suas terras no deserto e vir vencê-los dentro de seus domínios, e precisavam de Vlado.

“Eu tinha as minhas suspeitas; é bem verdade que a maioria da nobreza era constituída de chefes de família em idade avançada, mas havia outros jovens.

Por que escolheram-no para liderar? Sabiam de alguma coisa, claro. Vlado passava muita força nas suas palavras e decisões, a sua inteligência não passou despercebida pela igreja e deviam saber, se não completamente, algumas coisas sobre a mutação dele. O padre confessor, a sua mãe... Eles tinham alguma informação.

“Ele de tudo fez para não aceitar o convite; mais uma vez o tio interferiu, fazendo-o ver que não era uma boa política, que já havia errado antes fortalecendo uma outra facção dentro da igreja. Naquela época, e naquelas terras, ter a confiança dos nobres era uma moeda para que um padre galgasse dentro da igreja maior posto hierárquico, e isso ameaçava a autoridade maior, que assumira tal posição por ser o elemento de confiança da maioria dos nobres que o sustentavam na cadeira.

“Vlado também temia aqueles pagãos desconhecidos, agora já sabia a diferença destes para os conquistados e se entregou aos estudos das armas. Descobriu em si um talento natural e aperfeiçoado para tais artes: era ágil, forte e rápido com a espada. Se encantara com a nova descoberta, e esta foi apenas a primeira. A segunda mostrou-lhe a força que tinha nas corridas, de subir os vales, de saltar entre duas distâncias.

“Eu e os meus amigos conhecíamos as artes desenvolvidas pelos orientais e desconfiávamos que Vlado, de alguma forma, desenvolveu tais conhecimentos. Memórias de sua alma antiga que afloravam diante de uma emergência? A sua mutação? Tínhamos muitas respostas para a mesma pergunta. E todo pensador sabe que, enquanto existem muitas respostas para uma pergunta, o esclarecimento real está encoberto pelas inúmeras respostas.

“Vlado começou a treinar o seu exército. Era um grande líder, treinava junto com seus homens, corria com eles, ensinava-os a domar cavalos selvagens. Acreditava que a força, a perspicácia e a inteligência dele vinham daquele treino. Ou do sangue? Convenceu-nos a transmiti-lo para alguns soldados. O que aconteceria? A urgência, a tensão, a sensação de poder ser invadido e morto a qualquer momento pelos homens do deserto não me deixaram ver que esta força invisível e maligna da qual falei, utilizava-se das minhas fraquezas para se estabelecer em mim, e convenci os meus dois amigos a concretizar o projeto de Vlado.

“Eles não estavam tão assustados, desconheciam completamente a política local. Ouviram falar dos combates aos pagãos, mas sabiam muito pouco sobre tudo aquilo. Sentiam a nossa tensão, mas por desconhecimento não conseguiam entender a nossa urgência, a nossa emergência, e eu precisei convencê-los a testar o mencionado projeto. Como não vi que invertia a minha intenção? Até aqueles dias de tudo fiz, até matar eu matei, o que não foi uma tarefa fácil para

mim, mesmo sabendo que matara para salvar duas almas de uma morte ignóbil, infortuita; matara para manter distante a fera no interior de Vlado, e agora buscava esta fera como solução para as urgências.

“Confesso que, na época, a força maligna já dentro de mim impediu-me de pensar, de refletir e ver que eu invertia as minhas posições, que o meu pensamento e intenção se convertiam no oposto. E ver os soldados tão fortes enterrou qualquer possibilidade de me fazer refletir um pouco mais.

“Vlado estava animado, terno com Elizabete, embora ainda não tão seguro se a sua condição não prejudicaria o nascimento do seu segundo filho. Resolveu parar de procurá-la, acreditou que sucessivas visitas transmitiriam uma força que nem Elizabete e nem o filho suportariam; via esta força nos homens que receberam o sangue dele, seus fluidos. E é provável que tivesse razão, tudo era provável, nada era totalmente seguro e confiável. Cada vez mais homens receberam o sangue de Vlado. Os meus amigos gregos confirmaram que nem em Esparta viram soldados tão fortes, dinâmicos e ágeis.

“Quatro meses depois, a igreja voltou a chamá-lo. Era preciso apressar a batalha, sabiam de fonte segura que os pagãos estavam perto de sair do deserto e não poderiam chegar onde estava o poder central da igreja, precisavam ser combatidos e vencidos em terras distantes. Vlado preparou os homens e seguiu em viagem.

“Logo que viajou, o filho nasceu, muito antes do tempo. O que era aquilo? Parto tranquilo e normal, também trazendo uma criança prematura normal. Tudo nos levava a crer que eu errara nas minhas primeiras pesquisas e conclusões sobre Vlado. Por meio dele viria uma nova raça, mais forte e resistente às doenças: a minha lógica já estava totalmente invertida.

“Algo muito forte não me deixava pensar nas reações da fera quando era contrariada, no modo como Vlado reagia quando era contrariado, me esqueci completamente. É terrível essa força maligna que conduz a nossa visão e o nosso pensamento ao foco que ela quer e pretende, não nos deixa refletir sobre o todo, enfoca o ponto que quer. E faz este ponto crescer, preenchendo as lacunas da reflexão com a ilusão; ela é muito perigosa. Eu sei: não sobrevivi a ela, não consegui vencê-la, sequer iniciar uma pequena guerra.

“Vlado ficou um ano fora. Saíra vitorioso de um grande e difícil embate, embate temido pela maior autoridade da igreja. Não era, nem de longe, uma batalha qualquer e Vlado tornou possível o impossível.

“Duas notícias nos aguardavam: o tio voltou a adoecer e o diferente filho, com pouco mais de um ano, era uma criança ágil, esperta, andava muito firme sobre as pernas, subia em cadeiras, em mesas, escalava o interior da casa. Vlado estava contente e ao mesmo tempo muito preocupado: o sangue que era um

remédio não transformava totalmente os homens, era um alimento periódico, com o passar dos meses precisavam ser realimentados. Ele tinha uma forma particular para produzir mais deste sangue infernal e sedutor; e alimentara homens e homens com ele.

“Mais uma vez entregamos o sangue de Vlado ao tio, e desta vez a cura foi mais rápida. Cura? Uma remediação enganosa, ilusória – e nem isso me fez parar para pensar com profundidade! Algumas vezes eu questionava, mas foi aquele questionamento já conduzido pela força maligna que nos fazia crer cada vez mais.

“Quando os soldados saíram do campo de batalha com a desconhecida energia correndo por suas veias, pudemos conhecê-la melhor. Os soldados tornaram-se pessoas agressivas, invadiam a casa das prostitutas, não satisfaziam apenas a sua sede sexual e muitas mulheres morriam nas mãos deles, faziam o que a igreja chamava de “pecado” abertamente. Formavam agora um exército contra a própria população e não se afastavam, estavam sempre juntos. Como um bando de formigas? De abelhas? Não. De lobos. Depois adoeceram, enfraqueceram por não receberem a sua dose de sangue.

“Alguém – acredito que alguém de dentro da igreja – para enfraquecer o líder espalhou o boato sobre o deus do pagão voltar para se vingar. Vlado não teve outra opção, nós não tivemos outra opção: quando se trilha o caminho da morte, da perseguição, da força desconhecida, deixa-se de ter escolhas. E mesmo no terreno das opções não há uma opção melhor, só existe a menos pior.

“Vlado devolveu-lhes o sangue e depois, em segredo, matou-os, um a um, dois a dois – eram tempos de muita ignorância. A grande massa acreditava em tudo o que ouvia e a notícia agora era que a divindade da igreja ceifava-lhes a vida por terem perdido a humildade nos campos de batalha. E para as próximas batalhas, como seria? A fera em Vlado voltou.

“Encontramos Elizabete muito diferente. Um ano sem Vlado e agora se parecia muito com a irmã. Onde estava a menina angelical? Para onde foi a serenidade? Tornara-se ambiciosa. Um dos meus amigos gregos desconfiava que o fruto que carregava no ventre poderia ter desenvolvido a fera em Elizabete. E, sem Vlado, tomou a irmã como espelho. Não se entregava mais a Vlado como antes, já trabalhava para a igreja, pouco a pouco se tornou uma mulher comum. O que teria invertido os passos dela? Claro, a mesma força que invertia os meus, mas não pensávamos nesta força maligna como penso hoje. Falando do passado, posso ver os meus erros e enganosa, bem como os desvios de todos nós.

“A igreja deu a Vlado um novo título, mas ele não parecia contente. Voltou a falar comigo sobre os projetos do comércio, da navegação, e entrou para o negócio. Não desistira da intenção de levar a todos para as terras distantes dos

pagãos e da igreja. ‘Que terra será esta?’, eu pensava. Ele estudava os mares, se reunia com nobres que já tinham conhecido outras águas e outras terras depois destas águas, terrenos ainda mais rudimentares, sem nenhuma lei, sem nenhuma construção.

“Vlado sonhou em devassar essas terras, construir um mundo com as próprias leis, longe da igreja, longe do paganismo. Em uma única investida no seu novo negócio, no comércio de transportar especiarias de uma terra para outra, conquistou muitas e muitas moedas de ouro, tudo deu muito certo. Certo? – para ele. Sabendo disso a igreja o queria para ela, suas terras cresciam e precisavam de alguém que pudesse liderá-las. Tornou Vlado como seu segundo, o que fez com que ganhasse muitos inimigos. A bajulação dos nobres era a maior prova do que eu estou dizendo. Uma verdadeira amizade não precisa de bajulação, a admiração verdadeira não incita a bajulação; a bajulação vem do temor, e o temor vem da inimizade.

“Sabia que Vlado não estava imune a tais certezas, ele sabia que os nobres que o visitavam queriam bajulá-lo, inclusive a família de Elizabete. As conquistas de Vlado e seu nome alcançaram as distantes terras onde a família de Elizabete morava, e eles vieram atrás dele, pressionavam Elizabete para conquistar de Vlado poderes e licenças dentro da igreja; queriam estar perto daquele parente poderoso e vencedor para desfrutar as suas vitórias e o seu poder pessoal.

“Não contei com Elizabete para impedir que Vlado se tornasse mais submisso à igreja, devendo-lhe imensos favores para a família dela. Elizabete era outra, já não era aquela menina que queria Vlado e o amor; queria o poder sobre a própria família, via claramente a torpeza se iniciando na antiga angelical Elizabete. Vlado entristecia. Ocupada com a família numerosa, com o filho que requisitava muito a presença dela, afastou-se do marido. Em vão, procurei-a para mostrar-lhe a tristeza de Vlado; ela não via ou não queria ver, tornara-se a chefe da família e era este prazer que precisava desfrutar agora.

“A igreja mandou chamar Vlado mais uma vez. Era necessário mais uma campanha, mais forte que a anterior, os pagãos se uniam, a igreja tinha informações que inimigos do lado de lá se uniam para derrotar o inimigo que os perseguira. Soubemos, pela igreja, que o povo do deserto era muito inimigo entre si, na terra em que morávamos também – mas a inimizade do povo do deserto era declarada e agora todos se uniam para derrotar um inimigo comum: a igreja. Alcançariam seu intento perseguindo e matando nobres, que eram o fermento, a base, a solidez. Sem a nobreza, a igreja era apenas uma teoria. A verdadeira força sobre os fiéis vinha da licença que davam aos nobres de subjugar-los.

“Uma nova campanha precisava ser preparada. Vlado, já triste e abandonado por Elizabete, entregara-se de vez às suas fórmulas abomináveis, indizíveis. Eu sei que Vlado já falou sobre elas e me pouparei desta parte. Novos soldados foram preparados, mais fortes e mais ágeis que os primeiros. Antes de partir, Vlado foi informado que preparasse um substituto, alguém que o substituísse na liderança das campanhas, porque no retorno queriam-no efetivo dentro da igreja.

“Esta informação muito nos assustou, pois já há dois séculos os efetivos da igreja, desde a menor até a maior hierarquia, não tinham família, ou se tinham, a abandonavam para abraçar as cadeiras do poder religioso constituído. Como não acreditavam no que pregavam, eu já sabia disso, mas a proposta que fizeram a Vlado, de tamanha hipocrisia, fez-me ver que verdadeiramente não praticavam as próprias teorias. Bastaria que Vlado escondesse Elizabete e o filho e se efetivasse na igreja, porque esta precisava dele.

“Vlado declinou do convite. Voltamos para o campo de batalha e lá, por intermédio de um mensageiro, Vlado foi informado que o posto a ele destinado já fora escalado na igreja, que apressasse a vitória pois precisavam da presença dele. Vlado estava destemperado, totalmente tomado pela fera que precisava existir para fazer sucumbir os soldados do deserto. Um exército poderoso – não lutavam só por terras, o poder territorial era secundário, o mais importante para aquele povo do deserto era difundir a própria fé fanática, que já haviam imposto aos discípulos do tal Emanuel. Para conquistar o seu apogeu também era preciso destronar a fé no Jesus da igreja.

“Nesta mesma época, Vlado perdera o tio, que não mais lhe queria o sangue e morreu. Antes mesmo da guerra se findar, mas já com a batalha certamente vencida, Vlado escolheu alguns soldados e voltamos para o castelo. No entanto, os homens estavam enfraquecidos e precisamos parar para lhes dar o remédio: o sangue de Vlado.

“Logo que chegamos aos portões do castelo, já o encontramos repleto de padres. Um susto invisível me tomou, olhei para o meu amigo grego que havia ficado no castelo com Elizabete. O olhar dele era sombrio, assustado; conversamos com os olhos e o aquele olhar me dizia que uma grande catástrofe havia acontecido. Vlado ficou sabendo, pelo antigo padre confessor, que o filho adoeceu, uma debilidade louca, de uma raiva e horror desproporcional; que enlouquecera, matara a ama; e que ainda fora pego comendo da carne de quem matara.

“E Elizabete? Caiu em profunda depressão, uma tristeza descomunal e tirara a vida do filho e a própria. Vlado foi aos criados, que repetiram a mesma história; foi ao grego, que lhe disse o mesmo. Mas não senti tanta segurança nas

afirmações do meu amigo, procurei-o em particular. Ele tinha pequenas dúvidas, mas encontrou Elizabete segurando o punhal que fincara no próprio coração.

“Vlado ficou totalmente desorientado. A fera nele sofria, o sofrer da força de uma fera num flagelado coração humano. Urrava como os lobos, se autoflagelava. O filho fora enterrado junto ao avô, junto aos condes, pai e tio de Vlado. Elizabete fora queimada para diminuir o pecado, e falavam, sem nenhum sentimento pela dor de Vlado e da fera, do pecado imperdoável de Elizabete. Diziam-na em um limbo infernal, o mais temeroso dos infernos, o inferno dos suicidas. Não viram o retorno da fera.

“O olhar de Vlado já não era de tristeza, estava injetado de sangue, eu vi, eu vi o apogeu da fera naqueles olhos vermelhos, endurecidos como duas pedras em fogo. E Vlado matou os padres. Nada precisou ser dito, é claro, um padre temendo pela própria vida inutilmente inventou que recebeu a mensagem que Vlado havia morrido; era evidente que somavam motivos para que Vlado acreditasse no desespero de Elizabete.

“Foram dias terríveis, tudo contribuía para o crescimento da fera. A ambiciosa irmã de Elizabete via-se agora ainda mais poderosa, coitada. Desconhecendo o zênite da fera ainda chorando pelo sangue quente de Elizabete, propôs casamento a Vlado – ela estava viúva, ele estava viúvo, criariam juntos o filho dela, filho do tio dele. Morreu na mão da fera.

“Em vão tentei controlar Vlado, mas quem teria remédio para aquela dor, para aquela ferida? Só mesmo a fera, substituindo a dor pelo ódio.

“O meu amigo pediu para retornar à Grécia. Com o medo que sentia, em nada seria útil para mim e temia o ódio de Vlado – recebera dele dois ou três olhares como se perguntasse: por que você não impediu? Arrumei condições para que o meu amigo fugisse. Perguntou-me por que não seguia com ele. Eu não podia deixar Vlado, era o único testemunho de toda a história, colaborara para o bem e para o mal dele, não poderia deixá-lo entregue à própria sorte.

“De dentro dos portões, no silêncio do castelo, Vlado matou todos os padres e toda a família de Elizabete. Precisava matar, matar o acalmava. Vingava-se, e vingando-se conseguia sobreviver. Fiz-lhe ver o perigo que corria, era preciso fugir antes que as mortes fossem descobertas. Fugimos juntos, Vlado deixava para trás todo o patrimônio, toda a herança dele.”

O Grego ficou em silêncio. Estávamos na mesma praça caminhando dentro do parque e me disse:

– Agora vá, Vlado a espera. – E se foi.

Pela primeira vez, de uma forma súbita, impossível de ser explicada com palavras e letras, a atmosfera se modificou, o cenário trocou, instantânea e imediatamente, e sem saber nem como e nem porquê estava na presença de

Vlado. Um cansaço me abateu, mas não consegui entregar-me ao que me abatia.

– Esta foi uma etapa da minha história, você já sabe como foi o desfecho da minha vida como homem, não preciso lhe falar da dor que abriu a minha alma para terrenos ainda mais desconhecidos. Foi um marco na minha existência, passei a odiar a tudo e a todos, compreendera, afinal, que o Jesus da igreja era um matador, que matava a todos, caso se transformassem em obstáculo no seu caminho.

“Na época acreditei que a morbidez dos padres levou Elizabete a tirar a própria vida. Culpei-me por entregá-la totalmente à família, via que operavam nela a disseminação da ambição, tornaram-na maior entre eles e esta foi a primeira e grande fraqueza de Elizabete: o salto de abandonada a quem comandava, a quem dava ou tirava, a quem enaltecia ou humilhava. A minha pobre Elizabete, por esta fraqueza, abriu a alma para descaminhos.

“Só muito, muito tempo depois é que soube que não tirara a própria vida, que fora morta por um dos padres, mas que estava muito triste pela besta em que o nosso filho se transformara. Porém, isso eu só soube muito tempo depois.

“Fugi com o Grego acreditando que a minha Elizabete estava no inferno dos suicidas. Hoje vejo que esta era uma louca conclusão, um vestígio da minha crença no Jesus da igreja. Quando o olhava na cruz, inventava para ele um sorriso cínico – a minha visão estava totalmente distorcida e transformada. Antes o via humilde, sofrido por não ter conseguido concluir o trabalho nem de igualar os homens e nem de tirar-lhes o pecado. Não o via mais assim: examinava-lhe o rosto na cruz e enxergava todo o cinismo do mundo em seus lábios – era um deus morto e precisava de mortes para manter a memória viva. Fora assim com os próprios discípulos nas arenas de Roma, precisava da morte para manter-se vivo na memória de quem o sucedia. Com esta concepção louca decidi que não morreria, como ele viveria da morte, e viveria para matar. E dizia-me: Jesus morreu e arrastava mortes, e eu viveria para dar as mortes que manteriam vivas a memória de Jesus e as minhas memórias.

“O Grego me acompanhava, tentava sugerir que eu reiniciasse a vida e conseguiu que eu fosse com ele para a Grécia, acreditava que com os pensadores e a inteligência grega, reverteriam a fera em mim. Na Grécia conheci alquimistas que estudavam fórmulas para manter o rejuvenescimento no corpo. Encontraram alguma coisa, mas foram expulsos pelos gregos, pelos seus antigos amigos. A tal descoberta era contra o pensamento e éticas gregas, fui atrás deles e o meu amigo me acompanhou. Acompanhava-me para me fazer mudar de ideia, mas nada naquela época teria a força para mudar o meu caminho, não tinha volta.

“Eu era um aglomerado, uma egrégora de dor e ódio, de necessidade de vingança. Quanto mais passava o tempo, mais me lembrava de Elizabete e do

meu filho, e odiava o Jesus da igreja que me levava para terras distantes para defendê-lo enquanto entrava na minha casa para tirar o meu principal patrimônio. Ele, Jesus, precisava ser diminuído para que não fizesse com outros o que fez comigo. Estudei as igrejas e conheci um Jesus diferente nos templos gregos. Não acreditei nele, achava-o sonso, cínico, que matava ali de outra forma. Eu estava louco!

“Encontrei os tais gregos que foram banidos pela ética do pensamento abominável da religião grega. Tudo para mim era abominável. Desgastava-me olhar os pássaros, matava todos que encontrava – os pássaros me lembravam Elizabete e lembrar dela era sangrar eternamente. Consegue imaginar uma dor assim? Não, ninguém jamais conseguirá.

“Matava as flores nas patas do meu cavalo. Irritava-me profundamente tudo o que era belo porque a beleza me lembrava Elizabete. Tomei o sol como meu inimigo, um inimigo mortal e mordaz, o único que me vencia por estar distante do alcance das minhas mãos. Terrível sol, desgraçado sol que me levava ao colorido do dia, às belezas dos rios, à beleza dos córregos, e a beleza me lembrava Elizabete. Não ouvia o Grego. Como poderia eu desfrutar da claridade, da beleza, enquanto a minha Elizabete estava no escuro, no limbo infernal dos suicidas?

“E assim troquei o dia pela noite. A noite diminuía a minha dor – por esconder, dos meus olhos, o que me lembrava a minha Elizabete e por acreditar-me de certa forma dividindo com ela a escuridão. Já se passou tanto tempo, quase mil anos e estas memórias me são tão claras.

“E o mundo mudava, eram guerras de todos os tipos e de todas as formas. Matava todos que atravessassem o meu caminho, sem nenhum critério, e tomava-lhes a bolsa de moedas para a minha sobrevivência e a do grego, que ameaçava me deixar todos os dias. Era o que eu queria porque ele também me lembrava Elizabete, um tempo, um pequeno tempo em que fomos felizes dentro do castelo, o que me fez lembrar da criadagem. Esta lembrança fez mudar os meus critérios de matança: não mataria pobres, refugiados, mensageiros. Mataria os nobres.

“Transformara-me então no maior dos pagãos. O Grego não concordava, mas também não me abandonava, tomou a minha vida como missão. Tentava frustrar os meus planos, mas eu não dividia com ele as minhas estratégias de morte. Passei a matar unicamente nobres.

“Andávamos de cidade em cidade, não havia diferença, todas tinham guerras particulares. Matar padres era o que mais aliviava a minha dor. Estabelecia-me nas cidades para libertar o solo das crenças da igreja. Acreditei que fazia um favor aos pobres, aos criados, aos refugiados e tornei-me um

vingador.

“Não queria possuir patrimônios. Providenciava-os para mim e para o Grego a cada noite, e o que saqueava, as grandes sobras – porque retirava apenas o necessário para a sobrevivência de um dia – deixava nas portas dos pobres e dos refugiados. Fazia o inverso agora. Antes eu saqueava os pagãos para aumentar o patrimônio da nobreza, e agora saqueava a nobreza para ajudar os pobres, os necessitados, os refugiados; um valor que os auxiliasse sem os corromper, não podia transformá-los em nobres. Se assim fosse, os transformaria em meus inimigos e eu voltaria para matá-los.

“Uma parte do trabalho era feita pelo grego: investigava, durante o dia, as necessidades, os necessitados, e deixávamos às suas portas um valor que diminuísse-lhes as necessidades. Nunca ultrapassava esta fronteira. No começo, mantinham segredo, acredito por temerem, desconhecem de onde lhes vinha o socorro. Depois começaram a tornar pública esta informação, acreditavam em um benfeitor que os presenteava incognitamente. Assim atravessei cidades, partindo da minha Europa para outras terras.”

De repente interrompeu a narrativa e se dirigiu a mim:

– Você ainda não fez nenhuma associação?

– Não – respondi.

E ele continuou:

– Encontrei os gregos banidos. Procurei saber deles a tal fórmula de rejuvenescimento, em princípio não quiseram entregar, por concluírem ser muito perigoso, mas... Como não estavam dispostos a morrer pelos seus segredos, contaram. Eu e o meu amigo Grego nos assustamos muito ao ouvi-los. Eu desenvolvera sozinho grande parte da tal fórmula. Predestinação? A diferença estava na forma de extrair os venenos do corpo dos bichos e dos homens.

“Grego envelhecia. E nada em mim se modificava, o tempo não passava para mim. Eu não envelhecia, não esquecia, o tempo não tinha o poder de cicatrizar as minhas feridas, muito menos de envelhecer o meu corpo e me entreguei completamente à necessidade de viver.

“Aprendera com o Grego que as almas voltavam do céu ou do inferno para retomar as próprias vidas. Não acreditei facilmente e estudei como isso era possível, e acreditei. As almas que voltavam dos infernos voltavam sofridas, perdidas, para se reconstruir, para reconquistar a luminosidade, mais um motivo para eu não estar na luz que me separaria caso Elizabete retornasse. Se ela retornasse, voltaria na escuridão, iria me manter assim, porque na escuridão a encontraria.

“Nos tempos de hoje se desconhece o pensamento, a razão e o conhecimento que levaram as grandes inteligências gregas, egípcias,

mesopotâmias à crença do retorno das almas. Nos dias de hoje é uma crença não fundamentada, um saber conquistado pelos corações, mas naquela época haviam documentos, registros seguros de pessoas que retornaram do limbo do céu e do inferno e conseguiram provar o seu retorno quando conquistaram a memória antiga.

“Todos acreditavam na morte apenas como um intervalo para o repouso da carne. Tinham registros muito fortes de pessoas que voltaram e continuaram a existência trazendo as memórias e a inteligência já conquistada em outras vidas. Documentos importantes que a igreja fez sucumbirem: de que adiantaria o seu deus, o seu Jesus – que incentivava o patrimônio e tesouros na terra – caso os homens acreditassem no retorno das almas?

“Todos os povos que acreditavam não eram tão preocupados em expandir seus territórios; dedicavam-se ao pensamento e ao estudo. Fora assim por séculos a fio, até que a igreja conquistou o poder dos pensadores, matando o pensamento e a ciência antiga e criando pensadores novos, que utilizaram a inteligência para levar o povo a esquecer da eternidade da alma e a competir por patrimônio.

“Vi, ao longo dos séculos, a nobreza se transformando. Contudo, a essência é a mesma: possuir, ter, subjugar, estar sempre em busca de valores terrenos, escravizar, roubar, matar, corromper são os caminhos da nobreza para se manter. Trocaram os brasões, trocaram a escrita, o externo, a maquiagem, mas até os dias de hoje a nobreza é a mesma, essencialmente a mesma. Mais perigosa – não é preciso nascer nobre, as moedas e o ouro e outras riquezas transformam pobres em nobres da noite para o dia, basta que se mantenha no caminho corruptor para as conquistas de nobreza.

“O meu amigo Grego falava-me desta força maligna que os conterrâneos dele estudavam havia milênios. Se ela existisse – e ela existia – queria que me possuísse, queria entregar-me totalmente a ela, para que ela me mantivesse vivo até Elizabete retornar.

“Acreditar no retorno de Elizabete foi o meu maior bem e o meu maior mal. Estudava o pensamento grego, o pensamento egípcio, as filosofias ancestrais e, com a minha inteligência, encontrava coerência naqueles estudos, o que confirmava o retorno de Elizabete. Acreditar diminuiu a minha dor, porque eu não a tinha perdido para sempre.

“Entregava-me às práticas, às fórmulas, às teorias dos gregos banidos, as quais faziam doer o meu corpo e a minha vida se prolongava.

“O meu amigo Grego nunca me abandonou, sei que agora, onde está, mesmo mil anos depois, continua-me fiel, como a minha Elizabete.”

Voltou a se dirigir a mim:

– Ainda não disse tudo o que tinha para lhe dizer. Você tem os seus critérios e eu tenho os meus. Encerrarei aqui as minhas confissões, aguardarei a atuação dos seus critérios. O que fará com o que ouviu? O que fará com o que pensa que imaginou? Você já tem uma conclusão? Vou lhe dar uma pista, imaginação é uma ação onírica muito atuante nos poetas, nos gênios, em quem sabe pensar. Aguardarei. Ainda há muita coisa a ser dita e esclarecida, principalmente sobre a força maligna que existe e é real, eu sou a prova dela. Conheço-a como ninguém, por isso sei que é preciso ter cautela. Deixaremos ao destino e, se assim for, se você continuar com a sua ação onírica... voltaremos a nos encontrar. Torço para este reencontro, ele é muito importante para mim, para você e para todos.

“Não se esqueça: a minha história não terminou, de verdade ainda não começou, siga o seu coração e faça chegar a minha confissão nos terrenos da terra que vocês habitam hoje. E veremos, veremos se são merecedores do conhecimento que tenho. A ignorância sobre tal força os levará a um fim triste, mórbido, desértico ou glacial. É preciso ser assim, é preciso que compreendam o primeiro estágio da vida que vivi, para compreenderem o segundo e o terceiro.

Ver que Vlado interrompia suas confissões mobilizou a minha alma sedenta de informações, mas entendi o que ele queria dizer. Entendi claramente: era preciso refletir, digerir sobre este primeiro estágio. Controlei a minha ansiedade e imaginei como se ele tivesse dito: “Está começando bem, siga por aí. Não se afaste do bom senso, logo tomará consciência da missão que estou dividindo com você. Vá, não podemos consumir mais os seus dias. Elizabete ainda a espera.”

E a troca de cenário aconteceu de novo, rápida e instantânea. Eu estava diante de Elizabete, no jardim, no primeiro jardim em que a encontrei. Não me deu tempo, senti que o tempo era escasso e que precisava ser muito bem aproveitado. Sem nenhuma introdução começou a sua narrativa:

– Como você já deve ter deduzido, eu não me matei; jamais faria isso, não deixaria o meu Vlado, principalmente depois do sumiço do nosso filho. O padre confessor disse-me que tirou-lhe a vida. Não sei, o que sei é que o filho que enterraram junto ao conde e a condessa não era o meu. Fez com que todos imaginassem que eu havia praticado os maiores dos pecados: matar o meu filho e me suicidar. Assim o fizeram por acreditar que, sem mim, Vlado se entregaria totalmente ao Jesus da igreja. Erraram nas suas estratégias.

“Contudo, era verdade a morbidez do nosso filho. Eu mesma o vi sobre o corpo da ama como se fosse um lobo mordendo as suas carnes.

“Assim que Vlado partiu, minha família adonou-se de nossa casa, meu pai e meus irmãos começaram a conspirar com outra facção da igreja para matarem Vlado. Por isso era importante que eu morresse: para terem Vlado fraco. E me

mataram.

“As duas facções brigavam por ele: uma o queria como sucessor, líder da igreja; a outra o queria morto, transformando a minha família em seu herdeiro, a minha irmã e a minha mãe tentaram me convencer, arrastar-me para este desfecho. Foi o que me fez ver, inutilmente ver, que me usaram, que me usaram para que eu manipulasse Vlado. Visão tardia, demorou a chegar, e eu temia por ele.

“Não me subjuei. Como matar o meu Vlado? Jamais! Ele era o melhor de todos nós. Dias terríveis, temia a todos, sabia que a minha vida corria risco. Dentre os criados encontrei um que sabia escrever e o fiz escrever para Vlado sobre o que estava acontecendo, que articulavam a minha morte e a dele. As duas facções da igreja se uniram em prol de um único inimigo: Vlado.

“Com o passar dos dias vi que não sobreviveria, precisava ser rápida. Quando me disseram que o meu filho havia morrido, deixei que os padres confirmassem que eu acreditei. Na doença dele, no ataque à ama, refugiei-me no quarto, imaginavam-me fraca, nunca fui tão forte. Escrevi para Vlado sobre aqueles dias. Ainda havia fiéis e enviei a minha mensagem. Por intermédio do criado fiel, que não conseguiu encontrar Vlado.

“Infelizmente a minha mensagem para Vlado só o alcançou muitos e muitos anos depois, mas este trecho da história ficará para o futuro. É preciso que você volte aos seus dias.”

E calou-se.

Bispo de Aragão

“Nenhuma notícia do Conde Vlado e seu escravo, o Grego?

O homem que responderia a essa pergunta não conhecia o sentimento que torturava a fala. Um conhecido caçador de escravos, um nome de prestígio entre seus contratantes, o qual fora chamado para uma missão que, no início, compreendeu fácil: procurar um jovem homem rico, acostumado com a opulência das grandes fortunas dos senhores de terras que, sem saber o motivo, fugira da sua propriedade acompanhado de um escravo filósofo. Tomou a missão como fácil, afinal não poderiam ter ido muito longe, desconheciam as agruras das estradas, as chuvas, as tempestades, os precipícios, as grandes distâncias entre as aldeias... Mas, e agora o que diria ao bispo? Lembrava de sua própria arrogância dando como certo o desfecho em poucos dias. Mas, um ano já se passara e ele não tinha o que dizer. Dá-los como mortos? Sabia que não seria possível posto que em algumas aldeias encontrou notícias de Vlado e seu escravo. E agora?

O assistente do bispo aguardava a resposta.

– É preciso que você tenha alguma resposta. Quando indiquei o seu nome fui o responsável por investigar sua fama. O seu fracasso será o meu fracasso também. Não sei se sabe, mas de forma alguma quem fracassa sobrevive na igreja...

– O que o senhor quer que eu diga? O tal homem me escapa e, sinceramente, não sei como. Os caminhos por eles percorridos são extremamente difíceis de ultrapassar. Ele não pode ser um nobre comum, não suportaria. Um nobre e um escravo velho? Começo a desconfiar de que eu não recebi as informações necessárias que me ajudassem a encontrá-los. Qual a importância de trazê-los de volta? Os bens do tal nobre não foram tomados pela igreja?

– Cuidado com suas perguntas, não há espaço para elas. Precisamos encontrar uma história para o bispo. Precisamos levá-lo a pensar que você já os encontrou e aguarda o momento propício para resgatá-los. Quando retornar, amanhã, traga esta notícia e acrescente alguns atos de heroísmo para fazer jus à sua fama.

O caçador de escravos, homem experiente sobre estes contratos, percebia o medo e o horror na fala do contratante.

No dia seguinte, voltou com o que pensou para ser uma história verossímil.

No entanto, o bispo de Aragão não perdeu tempo em ouvi-la. “Uma armadilha”, pensou, “uma armadilha para mim e para o bispo auxiliar. Que segredos esconde o bispo de Aragão? Por que eu e o bispo auxiliar teríamos que morrer? Seria outra armadilha para fazê-lo falar a verdade?”

Olhou para o auxiliar do bispo, os dois juntos isolados em uma cela e pensou: se é uma manobra, o bispo auxiliar a desconhece. O ex-arrogante do alto escalão da igreja era, agora, um pobre diabo. Rezando para quem? Para quem será que reza? Acredita nas mentiras que conta? A covardia do parceiro inflamou a ira dele e, nervoso, irado, partiu para cima do outro querendo arrancar dele alguma resposta, alguma informação que o ajudasse a escapar da morte certa. O pobre diabo falou.

– Vamos morrer, não podem nos deixar vivos. Seus múltiplos fracassos comprovaram a sua ineficiência e a sua incompetência para as pretensões da igreja. Não podem simplesmente despachá-lo. E nem a mim. Sabemos demais e saber muito sobre fracassos traz problemas para o poder.

– O que sabemos?

– Você sabe que a igreja está caçando um conde da nobreza, o homem mais rico e importante destas terras imundas a quem o bispo precisa manobrar, manipular e converter aos ideais da igreja. E eu sei muito mais, este conde nasceu para alcançar a maior cadeira da igreja. A mãe dele, nobre seguidora do Papa, assim o pretendia e tudo fez para torná-lo um homem poderoso. Feitiçarias, bruxarias, adoração aos deuses romanos, rituais e procedimentos da antiga crença romana, anterior a toda esta invenção da religião cristã. Ou ele segue a igreja e cumpre o destino ou precisa morrer. Fracassamos e não pode haver testemunhas.

– E para quem você está rezando? Para a inventada religião cristã?

– Estou rezando para um que já se foi. Quando me tornei missionário foi por amor verdadeiro, mas, hoje, vejo que não estava pronto, e aos poucos fui seduzido por outra face do fanatismo. Somei-me a outros em uma ideologia fanática de criar o nosso próprio Jesus. Acreditávamos que poderíamos criar um homem forte para superar a morte e manipulamos Vlado e a mãe para que ele se transformasse neste homem que verdadeiramente resistiria à cruz. Um homem que após crucificado ainda estaria vivo, um humano impossível, capaz de suportar qualquer dor ou flagelo. Pretendíamos levá-lo até o último suspiro e convenceríamos a todos sobre a ressurreição dele.

– Vocês são loucos.

– Sim, somos. Fui tomado por esta ideia, uma paixão enorme e absurda de poder criar um deus. Vlado não sabe nada sobre as nossas estratégias para seduzi-lo e agora ele morrerá também. Neste momento o bispo reúne um

exército formado por ex-soldados para ir ao seu encalço. Apenas este exército poderá matá-lo.

– E na engenharia da sua mente, você não consegue extrair uma ideia para nos tirar daqui?

– Olhe para suas mãos, as suas unhas estão escurecendo, as minhas também, já estamos começando a morrer.

E assim foi o desfecho da vida de um missionário ambicioso e um caçador de escravos da romana católica igreja.

Carta do Grego para antigos amigos e filósofos da Grécia

“Discípulos da filosofia,

Hão de se recordar de mim.

Eu sou Temístoles, o Ourives, o comerciante que não buscava o comércio. Aquele que, pela habilidade com o ouro, foi escolhido por vocês para ajudá-los a desvendar o mistério do brilho magnético da Gota Dourada.

Viajei por terras distantes como anônimo comerciante para ouvir e aprender o que os outros povos percebiam sobre o ouro. Tornei-me escravo, nas terras de um rico fazendeiro, e fui tomado para educar a mente do pequeno filho deste. O meu dono e senhor prometeu-me que quando encerasse os meus ensinamentos devolveria a minha liberdade. Porém, este contrato ficou prejudicado pela impossibilidade de aproximação com o meu aluno. Vlado é o nome dele.

Eu fui deixado na casa como uma espécie de fantasma vivo e silencioso. Muito pouco me era requisitado pelos meus donos. Acredito, inclusive, que em intervalos longos de tempo esqueciam-se completamente da minha existência.

O meu senhor era dono e senhor de imensas propriedades de terra, de muitos escravos e, para a minha surpresa, de grandes quantidades de ouro. Ouro de diversas formas, formatos e pesos, uma casa inteira guardava o seu ouro, como se fosse um baú.

Pude, afinal, observar a relação e entendimento que estes chamados nobres das terras distantes desenvolviam com o metal alquímico. Eles não o bebiam ou o bebiam sempre. Vou explicar, nunca os vi utilizando o metal alquímico como ferramenta de conhecimento, medicina ou espiritualidade. Desconheciam completamente os conhecimentos alquímicos do ouro, até mesmo as crenças populares desenvolvidas pelos leigos. No entanto, o ouro os estimulava a lascívia e a ambição por mais ouro. Podem imaginar tal combinação?

Amigos filósofos, o que pensariam se assistissem ao que assisti? O ouro tornava os homens másculos e poderosos e as mulheres inúteis, escravas de uma sexualidade extracorpórea e abjeta. O ouro que adornava os seus corpos era o único estímulo que as conquistava. Não pensavam em Apolo, desconheciam o intelecto e a luxúria da beleza, viviam e sobreviviam sem o acalanto da música. Apenas o ouro e o ouro apenas.

Os homens o guardavam e protegiam como à vida, em total silêncio. As mulheres o expunham com tanta vulgaridade que deixei de reconhecer os mistérios das Gotas Douradas no ouro que as adornava, uma forma inversa e paradoxal da luxúria.

Agora, revelarei minhas surpresas vivendo nestas terras: Vlado foi a primeira. Reconheci nele uma inteligência descomunal, ilimitada. Esta inteligência o fez procurar por verdades a ponto de transformá-lo em uma fera. Porém, Vlado jamais imaginou que a inteligência dele o transformaria em um ser com poderes extra-humanos. Vlado não ambiciona o ouro, não busca o poder; busca a verdade, nunca se permitiu ser seduzido por teoria, e entregou-se a experiências atormentadas e torturantes. O ouro nunca exerceu sobre ele o fascínio que exerce em todos os povos, nobres ou plebeus desta região do mundo.

Seguem com esta carta manuscritos que fiz narrando o viver de Vlado e o infortúnio deste. Ele encontrou o que procurava: a verdade. Acompanhando-o a encontrei também – não como ele, é claro. Eu conheci a verdade e Vlado é a verdade.

Por intermédio dele, descobri que somos ratos, serpentes, insetos... As ilusões que freiam a nossa busca por verdade é o que faz com que busquemos a nossa origem no viver dos deuses. Não somos filhos dos deuses, a nossa origem está nos animais da Terra. Vlado revela esta verdade para nós. Impressionou-me a didática visceral, desvinculada de qualquer sentimento ou emoção, mesmo os mais básicos.

Por muito tempo Vlado não conheceu ou sentiu as influências sutis das emoções. Pura inteligência primitiva, genuína e mortal, comum ao pioneirismo.

A minha segunda surpresa foi Elizabete. Vi nela o oposto total de

Vlado, uma criatura de sentimentos e emoções puras. Sentia e sentimentalizava com tudo e todos. Eram iguais apenas em um aspecto: assim como a ele, o ouro também não a fascinava, não a magnetizava, não existia.

Os pais de ambos entendiam essa relação ou a total ausência de relação como demência. Vlado e Elizabete, para os familiares, eram totalmente dementes, imbecis e foram deixados de lado. Enquanto inteligência e solidão transformaram Vlado em fera, sentimentos e solidão transformaram Elizabete em beleza e bondade.

Está descrita nos meus manuscritos a relação que Vlado e Elizabete desenvolveram unindo e somando os opostos de ambos.

A fera experimentou a ternura e a bela experimentou a fera. A fera em Vlado foi morrendo aos poucos, enquanto a beleza e a ternura de Elizabete cresciam e engrandeciam. Embora a fera ainda existisse em Vlado, ela estava morta e inativa. Comendo Vlado, Elizabete matou a fera. Não pensem que estou falando de guerras, atritos ou disputas. Vlado e Elizabete, na solidão dividida, descobriram e inventaram a antropofagia. Não se assustem, culpem a Verdade pelos sustos que promove.

Vlado e Elizabete não são espelhos, nem devem ser seguidos, mas, sem dúvida, a esfera terrestre reinventou no mundo um novo tipo de casal primordial. Tenho certeza de que se Vlado e Elizabete tivessem surgido em uma terra que conhecesse a ética do ouro, a ética das guerras, não precisariam se entregar a experiências animais para se descobrirem como humanos amantes.

Vlado e eu caminhamos sozinhos. Ele é hoje um humano doce, desenvolveu crenças espirituais e filosóficas e acredita febrilmente que a alma de Elizabete voltará em outro corpo e os danosos venenos, que não permitem o seu envelhecimento, o estimulam a reencontrá-la.

Não o tomem como demente.

Não cometam o erro da ignorância, ó gente destas terras em que vivi.

Viajamos sozinhos. Procuro para ele a cura de um mal terrível e abominável, amortecido pelas crenças espirituais e filosóficas que Vlado extraiu dos sentimentos e pureza de Elizabete.

Preparem-se, estou levando Vlado para vocês com a confiança que tenho nas virtudes intelectuais e espirituais que regeram e regem a busca pela Verdade em nossas vidas.

Temístoles, o ourives grego.”

Comentário da autora

Queria acordar, não me foi possível. Caminhei pelo jardim de Elizabete. Lembrei-me de Vlado, do Grego. Despertei. Precisava olhar o sol, andar nas ruas. Percebi uma clara diferença nas minhas sensações internas com a confecção deste livro, aprendi a conversar com o meu silêncio. Olhei para outros transeuntes imbuídos na sua tarefa de viver e consegui conversar com o silêncio deles. Ação onírica? Imaginação? Deixei-me ficar por ali, tracei um paralelo com os personagens: se Vlado ainda estivesse vivo, continuaria com a sua missão? E o Grego? Faria uma ponte entre ele e Elizabete? E Elizabete? Manteria viva a sua esperança de reencontrar Vlado? E eu? Seria eu a ponte do Grego?

Precisei de um tempo para concluir este livro. Naquele momento decidi que escolheria uma cidade da Europa para concluí-lo. Entreguei-me ao acaso, permiti que, se a predestinação existisse, que se manifestasse. E uma estranha predestinação realmente aconteceu. Recebi um convite para fazer uma palestra na Suíça, na cidade de São Nicolau, onde originou-se uma lenda sobre o Natal. O princípio da lenda relata a existência de um homem bom, de nome Nicolau, o qual, uma vez por ano, em segredo, distribuía o lucro do seu patrimônio, deixando-o à porta dos pobres.

Deixada por Vlado, Elizabete e Grego, e com esta última predestinação, termino o meu livro. Terminou? Antes, quero deixar uma reflexão para quem o lê:

– Assim são os mitos: regidos pela dualidade do bem e do mal. Dependendo do interesse de quem os descreve, os personagens são anjos, santos ou demônios – mais afortunados seriam se fossem descritos como homens.

Halu Gamashi

Boca do Inferno, Cascais, Portugal, 20 de novembro de 2011.

Um Universo no Mundo

A capacidade de comunicação cósmica humana é infinita. O Homem é o ser terreno com mais capacidade de se comunicar por causa do seu campo eletromagnético.

O campo eletromagnético humano alcança no mínimo oitenta quilômetros de distância. A depender do que estamos fazendo e sentindo este campo se modifica. Quando estamos em repouso, em descanso, relaxados, ele assume uma condição circular girando em torno do nosso corpo. Quando estamos em foco para uma única atividade ele se transforma em um corredor horizontal ora a nossa frente, ora completamente a nossas costas. Fato é que o campo eletromagnético está sempre em movimento.

Completamente individual, atrai e refrata energias de outros campos eletromagnéticos humanos, dos campos eletromagnéticos dos animais, do campo eletromagnético de cada elemento da natureza (terra, água, fogo e ar), do campo eletromagnético do Sol, da Lua e dos demais planetas que giram em torno do Sol. Existe uma comunicação específica para cada contato. Este contato pode ser denso ou sutil, a depender das qualidades e equilíbrio das energias estabelecidas no interior do campo eletromagnético humano. A percepção da existência destes contatos depende de diversos fatores.

Eu estudo o campo eletromagnético humano desde os meus dezoito anos. Nasci com a condição de enxergá-lo. Tenho no histórico esta condição desde os meus cinco anos de idade. A medida em que fui crescendo esta condição foi-se ampliando.

O campo eletromagnético é conhecido por diversos nomes, inclusive Campo Áurico. Precisei estudar, conhecê-lo para conseguir manter o equilíbrio, não me desestabilizar por enxergar uma realidade que comumente as pessoas não enxergam.

Com isto aprendi que o grau de percepção da existência deste campo eletromagnético ou campo áurico depende de diversos fatores que, na minha opinião pessoal, o principal fator é o conhecimento. Todas as sensações positivas, negativas, confortáveis, desconfortáveis são uma reação deste contato.

Essas reações nos informam a qualidade de energia que está mais próxima dos nossos chakras.

Na minha experiência, pessoas que já despertaram para o autoconhecimento

percebem esta comunicação pelo fato de conhecer a sua existência. A mente precisa de conhecimento para traduzir a sensibilidade. O desconhecimento e a falta de autoconhecimento impedem a mente de traduzir sensibilizações. Quando estudamos e descobrimos o campo eletromagnético e sua capacidade de atrair e retrain energias dos diversos campos eletromagnéticos aqui já citados, as sensações são facilmente traduzidas e quanto mais aprofundamos no conhecimento deste campo, mais descobrimos a intensa comunicação que existe entre nós, todos os seres que estão ao nosso redor, inclusive esta comunicação mais distante com o sol, a lua e os planetas que giram em torno do sol.

O Homem é o ímã da Terra. A forma como as energias se organizaram para construir o metabolismo psíquico e orgânico humano comprovam claramente que o Homem é o ser que mais catalisa, absorve, refrata todo tipo de energia.

Helena Blavatsky e outros estudiosos que a precederam deixaram os conhecimentos sobre os Akashas.

Akashas são micro-celulas de conhecimento. Cito como exemplo os “pen drives”, pequenos compartimentos que armazenam muita informação.

Os Akashas são “pen drives” que caminham soltos, fluidamente pelo planeta Terra. Quando a informação inserida neste “pen drive” tem similaridades com a procura, com a busca, as energias inseridas no campo eletromagnético humano os atrai para dentro do campo e em um dado momento a mente humana absorve estas informações. Freud chamou esta captação de *insight*, outros de intuição.

Por tudo isto, o conhecimento da existência e comportamento do campo áurico ou campo eletromagnético auxilia o Homem a entender como e porquê da manifestação do *insight*, de uma intuição. Tudo começa com sensações. Quando o Akasha já está circulando no campo eletromagnético humano e enquanto não está totalmente percebido e utilizado, ainda é “um corpo estranho” circulando pelo campo eletromagnético. Esta presença ainda estranha é percebida pelas sensações que podem ser de irritação ou angústia. Quando é captada e utilizada deixa de ser um corpo estranho e se estabelece harmonicamente deixando de causar estas incomodas sensações.

O que chamam de gênio são pessoas que se “comunicam” com Akashas a todo momento. A excentricidade que se percebe nos gênios é por estarem constantemente em contato com estes “corpos estranhos”, traduzindo-os para alcançar harmonia. O autoconhecimento é uma forma de educação para estabilizar as comunicações que existem entre campo eletromagnético pessoal e todos os outros campos eletromagnéticos que o campo pessoal comunica e interage.

Veremos agora, passo a passo, como se estabelece o contato entre o campo

eletromagnético humano e o campo eletromagnético do Sol, da Lua e dos Planetas que giram em torno do Sol.

O campo eletromagnético do Sol é o combustível mais potente de toda a Via Láctea. A inteligência deste campo supera a simples capacidade de atrair e refratar energias. O Sol capta a energia de todos nós, de todas as naturezas que existem no Planeta Terra, a energia de todos os outros planetas que giram em torno dele e organiza estas energias em blocos energéticos.

Alguns destes blocos são distribuídos para o Planeta Terra através da Lua. Os demais são distribuídos por ele mesmo. A cada oito minutos o Sol envia para a superfície da Terra infinitos blocos energéticos. Estes são os Akashas do Sol.

Os Akashas do Sol, distribuídos pela Lua, chegam à superfície da Terra a cada sete dias. Como vimos, os Akashas Solares distribuídos pelo próprio Sol chegam a nós primeiro. Por esta condição, o conhecimento **astrosófico** simbolicamente informa que a Lua rege sobre o passado do Sol.

Os Akashas Solares são quentes e se desfazem muito rapidamente. Ao se desfazerem são capturados pela Lua que os trazem de volta à superfície da Terra (pense em uma notícia que não conseguimos absorver de imediato, que alguém a absorve por nós e vai nos repassando aos poucos, na medida em que podemos absorver).

Os campos eletromagnéticos captam imediatamente as energias dos Akashas Solares e por isso conseguimos sobreviver na superfície deste planeta alimentados por este combustível especial. Todos os seres vivos sobrevivem pela existência deste combustível. Assim como a Natureza reconhece e manifesta as estações do ano, existem informações para os campos eletromagnéticos também organizarem as suas estações pessoais.

As peculiaridades, idiosincrasias, biótipos são construções organizadas pelo Sol para que o Homem, apesar de sua individualidade, possa sobreviver e conviver com demais humanos e suas outras peculiaridades, idiosincrasias, biótipos etc.

Dedicar-se ao estudo do seu combustível pessoal amplia a capacidade de autoconhecimento e auto compreensão.

Os Akashas Solares do campo eletromagnético humano circulam muito perto do corpo material. Quando o campo eletromagnético humano está equilibrado os Akashas Solares circulam em volta da cabeça, onde também se posicionam o Chakra Frontal e o Chakra Pineálico, perfazendo um percurso orbital até a região do estômago onde se posiciona o Chakra Plexo Solar. Assim se inicia o circuito orbital humano dinamizado pelos Akashas Solares. Nesta órbita acontece um diálogo interno entre o Chakra Plexo Solar, Chakra Frontal e Chakra Pineálico.

O Chakra Plexo Solar informa aos demais a condição orgânica que estamos vivendo. Se esta informação diagnostica que estamos bem, em equilíbrio, esta informação é captada pelos os demais chakras, Chakra Frontal e Chakra Pineálico. De posse desta informação, o Chakra Frontal se organiza para captar os Akashas Solares que o Chakra Pineálico armazenou. É neste momento que sentimos as sensações “como se estivéssemos adivinhando alguma coisa”, “a certeza que algo vai acontecer” ou “que alguém vai chegar”, vigilância, são traduções de sensações mais comuns a este momento.

A postura esperada é o foco, a meditação para absorver conhecimentos e informações dos Akashas Solares em trânsito entre o Chakra Pineálico e o Chakra Frontal. Quando não fazemos esta postura as sensações se adensam transformando-se em irritação e angústia, e o agravamento em depressão e ansiedade. Um atrito interno entre o que se busca saber e ao mesmo tempo não quer saber. Se vivemos um momento difícil, sem condições de tomar conhecimento de mais informações, esta órbita é interrompida no Chakra Plexo Solar. Os Akashas Solares refratados pelo Chakra Plexo Solar podem se dissolver e serem captados pela orbita da Lua, circular pelo campo eletromagnético.

Os Akashas Lunares têm a mesma temperatura corporal humana por isso é mais fácil serem captados e percebidos. Trafegam em torno do estômago onde se posiciona o Chakra Plexo Solar e o coração onde se posiciona o Chakra Cardíaco. O processo é o mesmo: o Chakra Plexo Solar sempre dita a nossa condição orgânica de receber ou não informações. Quando o Chakra Plexo Solar se desarmoniza a informação vaza, invade, trazendo muitos danos para a nossa saúde física, emocional e espiritual.

A recepção da informação pelo Chakra Cardíaco acontece da mesma forma que a percepção dos Akashas Solares pelos Chakras Frontal e Pineálico. Começam sempre com as sensações “tem algo errado nesta história”, “não consigo confiar em determinada pessoa”, “sua boca diz uma coisa, mas seu olhar diz outra”, “está acontecendo alguma coisa errada” são linguagens sentimentais comuns a este acontecimento. A postura esperada também é o foco e a meditação, caso contrário, adoecemos.

Os Akashas Mercurianos têm uma temperatura parecida com os Akashas Lunares, são muito mais velozes, porém, a sua velocidade é infinitamente menor do que a velocidade dos Akashas Solares. Todos os dias os Akashas Mercurianos chegam ao campo eletromagnético da superfície da Terra e de nós, humanos. Depois que o Akasha Mercuriano chega ao campo eletromagnético humano o contato se estabelece a cada duas horas e a cada duas horas modifica a forma, o “idioma” da mesma comunicação.

O Chakra Kundalínico, que se posiciona na região pélvica, é o responsável por este contato. A órbita é igual à dos demais, requer aprovação do Chakra Plexo Solar.

O horário em que nascemos é o momento mais adequado para favorecer a captação e absorção das informações oriundas do Planeta Mercúrio através de seus blocos energéticos Akashas Mercurianos.

Os Akashas Venusianos trafegam sempre na órbita dos Akashas Lunares. Portanto são captados e absorvidos pelo Chakra Cardíaco – importante não esquecer: é pré-requisito a aprovação do Chakra Plexo Solar. A temperatura dos Akashas Venusianos é exatamente igual ao da Lua e possui a mesma velocidade, infinitamente mais lento que os Akashas Solares e bem mais lentos que os Akashas Mercurianos. Como são mais lentos e tem a mesma temperatura corporal estão sempre à disposição para serem captados e absorvidos.

Os Akashas Marcianos são muito quentes, mais quentes que os Akashas Mercurianos e infinitamente menos que os Akashas Solares. Trafegam na mesma órbita que os Akashas Mercurianos, na região pélvica. Por ser mais quente e menos veloz necessitam que os Akashas Mercurianos sejam percebidos e absorvidos primeiro, dando assim condição de serem captados. Há, aqui, uma ordem para a captação dos Akashas Marcianos: nosso Chakra Kundalínico primeiro capta os Akashas de Mercúrio, depois que estabelecem as informações e conteúdos deste Akasha ganha condições para captar e absorver os Akashas Marcianos.

Akashas Jupterianos: este Akasha trafega na mesma órbita dos Akashas Mercurianos e Marcianos; na ordem é o terceiro a ser captado – lembre-se da ação de atração ou refração do Plexo Solar. O Akasha Jupteriano também é conhecido por Akasha do Fogo Frio, do Fogo Azul. Embora pertença ao universo do elemento fogo, a temperatura dos Akashas Jupterianos são similares aos Akashas Lunares e Venusianos. Depois de ser captado pelo Chakra Kundalínico estes Akashas são enviados para a região do Chakra Cardíaco e passam a pertencer a órbita e proselitismos naturais do Chakra Cardíaco.

Akashas Saturninos: quase tão quente como o sol, mais lentos de todos os Akashas. A captação deste Akasha depende completamente da atividade em equilíbrio dos Chakras Pineálico, Frontal, Laríngeo, Cardíaco, Plexo Solar, e como os demais Akashas, Chakra Básico e Kundalínico.

Os blocos energéticos ou Akashas Saturninos circulam pelo campo eletromagnético humano e podem ficar sem ser captados e absorvidos por toda uma vida pela necessidade da atividade em equilíbrio aqui citada. Circulam na direção do Chakra Pineálico. Quando captados se mantêm perto da região da cabeça. Quando não, mantem-se muito distantes, mas na mesma direção.

Akasha Uraniano: este Akasha tem uma peculiaridade muito interessante, circula por toda a superfície da Terra. São magnetizados pelo Homem através do Chakra Pineálico quando existe comunicação entre os Akashas Saturninos e o Chakra Pineálico. A atividade entre o Chakra Pineálico e os Akashas Saturninos magnetizam os Akashas Uranianos. Estes Akashas só se estabelecem no campo eletromagnético humano pessoal quando existe a atividade do Chakra Pineálico com o Akasha Saturnino.

Akasha Netuniano: estes Akashas são totalmente pessoais, armazenam informações da nossa trajetória desde a nossa primeira encarnação – o “super pen-drive humano”. Suas informações são captadas por todos os chakras. Freud e Jung, quando falam do inconsciente, é dos Akashas Netunianos a que estão se referindo. O conteúdo destes Akashas nos são revelados através dos sonhos, pelo menos é o espaço psíquico mais comum que facilita a absorção dos conteúdos inseridos nestes Akashas. As captações das informações também dependem da aprovação do Chakra Plexo Solar.

Akashas Plutonianos são os mais visíveis e invisíveis que todos os demais. Dependem do grau de consciência de cada indivíduo. São muito visíveis quando se julga e rotula os outros, são convenientemente invisíveis na autopercepção. Este Akasha é construído por toda a atividade humana desde sua primeira encarnação. Informam sobre o quanto já caminhamos nos aprendizados terrenos rumo à evolução. Magnetizamos e participamos da construção deste Akasha pessoal com nossas atitudes, caráter e ética. Astrosficamente foi chamado de Akashas do Karma e Dharma, “pen-drives” que armazenam informações sobre as nossas construções e destruições, sobre o nosso avanço e retrocesso. É captado por todos os chakras, embora sua absorção também dependa da atividade do Chakra Pineálico, dos Akashas Saturninos.

Os Akashas do Sol são trazidos para a superfície da Terra e para os campos eletromagnéticos dos seres vivos através dos seus próprios raios, os raios solares, a cada oito minutos diariamente. Quando não são absorvidos imediatamente são capturados pela Lua e reenviados a cada sete dias.

Os Akashas lunares chegam à superfície da Terra e aos campos eletromagnéticos dos seres vivos através da própria ação da Lua com a mesma performance de atividade que reenvia os Akashas Solares.

Os Akashas Mercurianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Virgem e Gêmeos.

Os Akashas Venusianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Touro e Libra.

Os Akashas Marcianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Áries.

Os Akashas Jupterianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Sagitário.

Os Akashas Saturninos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Capricórnio.

Os Akashas Uranianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Aquário.

Os Akashas Netunianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Peixes.

Os Akashas Plutonianos chegam à superfície da Terra e ao campo eletromagnético dos seres vivos através da constelação de Escorpião.

Estudando a latitude e longitude de onde nascemos é possível traçar um mapa territorial para fazer um levantamento quanto a presença e quantidade de Akashas existentes neste local. São os Akashas que herdamos da Via Láctea.

Um estudo minucioso e competente destes Akashas nos revela pistas que favorecem a nossa caminhada, nossa jornada encarnatória dentro deste labirinto que é o planeta Terra.

O estudo dos Astros é fruto de uma pesquisa de muitos milênios, de muitas Eras que o planeta Terra atravessou. Estes estudos foram sempre muito perseguidos por poderosos que almejam massificar as gerações. Massificados torna-se mais fácil sermos manipulados.

Muita coisa foi escrita e a grande maioria foi queimada. Para a preservação deste conhecimento, ele passou a ser transmitido, na sua completude, apenas através da transmissão oral depois que a confiança era estabelecida entre professor e aluno. O pouco que ficou escrito foi muito banalizado, principalmente por não estar completo. A pior forma de inquisição é a banalização.

No COT – Código Original de Transcendência apresento estas informações em forma de Sephirot, bem como a interação entre elas e o indivíduo.

Com amor,
Halu Gamashi

Bahia, 01 de abril de 2017

OBS. Atendendo a pedido da Espiritualidade, que acompanha e orienta o trabalho de Halu Gamashi, ela preparou este material (*Um Universo no Mundo*) que é uma síntese de um estudo que realiza há anos, com aproximadamente duas mil páginas escritas, para ser distribuído ao maior número possível de pessoas, bem como acompanhar seus cursos, leituras de aura, interpretação do Mapa

COT, escritos, livros e outros, pela importância que tem no crescimento, desenvolvimento e autoconhecimento humano.

Sobre a Autora



Halu Gamashi é baiana de nascimento e uma cidadã do mundo por excelência. Terapeuta há mais de 20 anos e criadora de técnicas corporais e sutis, ministra aulas e workshop sobre campo áurico, astrosófia, filosofia, saúde e comportamento humano em diversas cidades brasileiras e europeias. Iniciada nas culturas ancestrais, relata em livros a ampliação da consciência cósmica e as

aberturas espontâneas de seus chakras.

Outros livros de Halu Gamashi

Esperamos que você tenha apreciado este livro. Ele é parte de uma história que ultrapassa cinquenta anos de experiências vividas nos planos material e imaterial. Conheça a seguir outros livros já publicados por Halu Gamashi.

Caminhos de um Aprendiz

Revelações sobre o Mundo Espiritual

Escrevi este livro no início dos anos 90. Relato a minha descoberta experiencial do mundo espiritual através das minhas viagens astrais. Já havia lido alguns livros e ouvido de outras pessoas sobre a existência da esfera espiritual. Naquela época passei por um processo espontâneo de abertura de chakras. Estas aberturas viabilizaram-me deslocar para o mundo espiritual e retornar ao mundo físico lembrando com clareza do que vi, ouvi e aprendi.

Encontrei muitas respostas para questionamentos pessoais sobre o livre-arbítrio, sobre como acontecem encontros entre seres desencarnados e encarnados, sobre a função dos mentores espirituais e, enfim, porque encarnamos e como escolhemos os aprendizados. Esta experiência me levou a compreender o meu nascimento, o porquê daquela família, as razões por eu ter nascido no Brasil, na Bahia, e a minha função no mundo.

Naquela época, ao contar as minhas experiências para algumas pessoas, vi que elas extraíram para si algumas buscas – ouse até dizer algumas respostas – e fui incentivada por elas a escrever e, desde então, não parei mais.

Halu Gamashi

Meditando com a Consciência Suprema

Mensagens ditadas a uma paranormal

Despojar-se, despir os trajes dos personagens que somos levados a viver por imposição do cotidiano, atender ao chamado insistente vindo do recanto mais livre e amplo do nosso sentimento onde o calor da razão aquece o entendimento que enfim explode para tornar-se mais íntegro são alguns imperativos na

tentativa de percorrer os caminhos da procura, ansiosos que somos pelo encontro.

Compreender e obedecer a esses imperativos são os primeiros passos para alcançar os significados contidos em *Meditando com a Consciência Suprema*, segundo livro de Halu Gamashi.

Premido por uma necessidade que vinha do meu mais profundo interior – que, reconheço, eu mesmo desconheço – dei os tímidos primeiros passos, já envolvido por aquela ansiedade que prenuncia a manifestação de bem-vindos prazeres ou inelutáveis desconfortos. Descrever ou tentar explicar o que senti no alvorecer desta viagem poderia aparecer como uma tentativa de sedução. A beleza que enfim percebi não induz à sedução, não se socorre desse procedimento, não manipula nossas carências, nem nos afirma em nossas conquistas. Paradoxalmente é o inefável que se explicita, assim como na arte.

As parábolas de Halu soam como notícias de muitos mensageiros: alguns os chamam de anjos, outros simplesmente de poetas, outros, ainda mais singelos, de aprendizes. Cada notícia, uma chave para abrir novas portas. Compete a nós trilhar ou não os caminhos da procura, alcançando ou não a beleza da tranquilidade do encontro.

Gianfrancesco Guarnieri

Plano Inverso

A Tríplice Aliança da Sombra

A cada década, as fronteiras entre o plano material e o plano espiritual estão diminuindo. Por isso é importante que se conheça profundamente as diversas esferas espirituais, seus interesses e objetivos.

Antes da experiência que narro neste livro, acreditava que o mundo espiritual fosse o paraíso, o éden. Depois de tudo que vivi, pude perceber o que significava o ‘assim na terra como no céu’. Resolvi dividir minha experiência para que outras pessoas se baseiem na lucidez, orando e vigiando; para que tenham clareza ao lidar com o plano invisível. Há flores mas há sombras. Há o divino, mas há a ignorância. Enquanto o amor constrói, há o desamor, que sofre por essa construção.

Mais do que nunca, precisamos ficar atentos para diferenciar o falso do verdadeiro e, principalmente, purificar o nosso ego para não caírmos nas armadilhas do Plano Inverso e sua aliança com a sombra.

Halu Gamashi

O Livro dos Sonhos Cabalísticos

Para compreender os sonhos, é importante perceber o homem como um todo. Separar os seus símbolos do comportamento humano habitual dificulta o entendimento da mensagem inserida na simbologia. Para se interpretar um sinal, precisamos pensar na sua natureza.

Este livro pretende ser uma ferramenta que incentiva o sonhador a refletir sobre seus processos e sobre o porquê dos seus significados.

Chakras

A história real de uma iniciada

Chakras – a história real de uma iniciada é a autobiografia de Halu Gamashi. Neste livro, o leitor encontrará a história de uma paranormal e da abertura de seus chakras.

Nascida Mércia Celeste Dias da Silva, natural de Jequié, no sertão da Bahia, Halu em pequenina é chamada de Turunga. Gosta das pessoas e dos bichos, adocece com os conflitos dentro de casa, mas, diferentemente de todas as meninas da sua idade, vê os mortos como se fossem vivos e fala com eles. Vai para a escola como Turunga e, ali, se transforma em Mel. A rotina infantil logo não lhe interessa mais: quer ser independente e trabalhar. O eterno conflito com o pai faz com que ela fuja de casa, passando a viajar com caminhoneiros. Na estrada é chamada de Macarrão. Mas a menina magra e franzina, ao chegar a São Paulo, volta a ser Mercinha, embora, em algumas ocasiões, se apresente também como May Help, uma hippie lunática. Sentindo na pele a saudade, volta para a Bahia e no terreiro de Pai Nidê transforma-se em Iaô, Iaô de Bessém.

É interessante notar que, ao longo sua vida, Halu foi recebendo diferentes nomes, criando outros, incorporando todos. Reconhecendo-se não como uma, mas como várias, porque quer reencontrar a pluralidade intra-individual que a constitui, ela se vê constantemente fundida com o mundo e com os outros egos. Essa experimentação das variações do eu não faz com que ela se feche em sua individualidade, se encerre em si mesma, mas a transporta para um outro patamar: o do corpo sutil. O seu “eu”, capaz de aprender e de viver em diversos lugares e nas condições mais adversas, está, assim, apto também a sentir o liame cósmico, isto é, a transformar-se num eu cósmico para não só experimentar a linhagem dos vivos e toda a sua ascendência histórica, mas também para se abrir para o fatum universal. Desse modo, ele se integra à árvore da vida desde as suas

formas mais elementares até a mais divina.

Rosa Dias

Clandestina

O resgate de um destino

Revelar segredos é o meu dia-a-dia. Meu tempero é descobrir quais segredos podem ser revelados através da cultura escrita.

Venho de uma cultura oral na qual tudo o que aprendi não podia ser anotado para ser estudado novamente. Enquanto houvesse dúvida sobre o conhecimento, era preciso repetir desde o início até o desaparecimento da dúvida.

A avaliação sobre o meu conhecimento também não era teórica. Praticar com excelência era o que me permitia seguir adiante, seguir para conhecimentos mais profundos.

Toda cultura que se preservou na transferência do conhecimento oral não foi dizimada por outras culturas porque não tinha livros para serem queimados.

Línguas foram queimadas nas fogueiras da Inquisição, mas, graças a Deus, sobraram algumas.

Neste livro, *Clandestina – o resgate de um destino*, há a revelação de segredos. Por quê? Porque recebi esta ordem. Estamos atravessando momentos de profundas transformações e precisamos aproveitar que os estadistas e as religiões se mantêm em uma pequena democracia. É o momento certo para escrever este livro.

Acredito que esta ‘liberdade’ não demorará muito tempo: ou calarão nossas bocas ou farão com que nossas revelações sejam ridicularizadas e banalizadas – uma forma branda de Inquisição.

Estou aproveitando o momento para *falarem* um livro, para *falarem* uma peça de teatro.

Está aí a minha colaboração. E, se um dia queimarem os meus livros, sobrar a minha voz.

Halu Gamashi

Conde Vlado

Um alquimista em busca da eternidade

Eram tomados por sentimentos que nunca haviam ouvido falar, não sabiam

como conduzir. Eram inocentes e os seus parâmetros eram as mentiras e as máscaras. Onde encontrar, nestes parâmetros, limites que tivessem a força e a envergadura de conduzir a natureza e o instinto para a troca de sentimentos mais sutis? Não, não lhes era possível, não tinham elementos para isto. Eram dois amantes sem conhecimento de freios ou censuras, comandados por um sentimento muito forte que nunca haviam visto em ninguém. Como poderia ser diferente esta história? Eu não sou hipócrita e a minha total falta de hipocrisia faz com que os enxergue como os descobridores do amor. Um Adão e uma Eva entre o inferno e o céu, sem a confiança em um Deus que Vlado, mais do que Elisabeth, sabia ser uma invenção para domar os Homens, o deus da igreja, o Jesus da madeira. Por falta de recursos entregavam-se à única verdade, verdadeira, ditada pelos seus instintos.

Assim são os mitos, regidos pela dualidade do bem e do mal. A depender do interesse de quem os descreve os personagens são anjos, santos ou demônios. Mais afortunados seriam se fossem descritos como Homens.

Halu Gamashi

Entre em contato:

Web site: <http://www.VentosAntigos.com>

Facebook: <https://www.facebook.com/VentosAntigos/>